



**CONCURSO
LITERÁRIO**

FELIPPE D'OLIVEIRA

Conto, Crônica e Poesia

**CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA
POESIA, CRÔNICA E CONTO**

Realização:

Prefeitura Municipal de Santa Maria

Prefeito: *Jorge C. Pozzobom*

Vice-prefeito: *Rodrigo Decimo*

Secretaria de Município de Cultura

Secretária: *Rose Carneiro*

Secretário Adjunto: *Nelson Cauzzo*

Superintendente da Cultura: *Cassio Corbellini*

Superintendente: *Fabrise Muller*

Chefe de Gabinete: *Liciane Brum*

Lei de Incentivo à Cultura (LIC): *Marcia Gasparine Rocha*

Comissão Organizadora do Concurso

Coordenação Geral – Secretária: *Rose Carneiro*

Gerente Administrativo Setorial: *Marco Otelo Mota Gargaro*

Coordenação Executiva: *Rosângela Beatriz Rechia*

Equipe: *Fabricio da Silva*

Israel Canterle dos Santos Pires

Tânia Regina Salamoni Bomachar

Projeto gráfico e diagramação: *Ivete T. Santos Conceição*

Capa: *Gilbran Carrazzoni – Superintendência de
Comunicação da Prefeitura de Santa Maria*

C744 Concurso literário Felipe D'Oliveira : conto, crônica e
poesia : premiados 2019/2020 / Organizadora Rosângela
Beatriz Rechia – Santa Maria : Prefeitura Municipal de
Santa Maria, 2021.
256 p.

ISBN: 978-65-00-18293-4

1. Literatura brasileira 2. Conto 3. Crônica 4. Poesia
I. Rechia, Rosângela Beatriz

CDU 821.134.3(81)-82

Ficha Catalográfica elaborada por Eunice de Olivera – CRB 10/1491



Impressão: Gráfica Pallotti / Santa Maria / RS

Rosangela Beatriz Rechia
Organizadora

CONCURSO LITERÁRIO

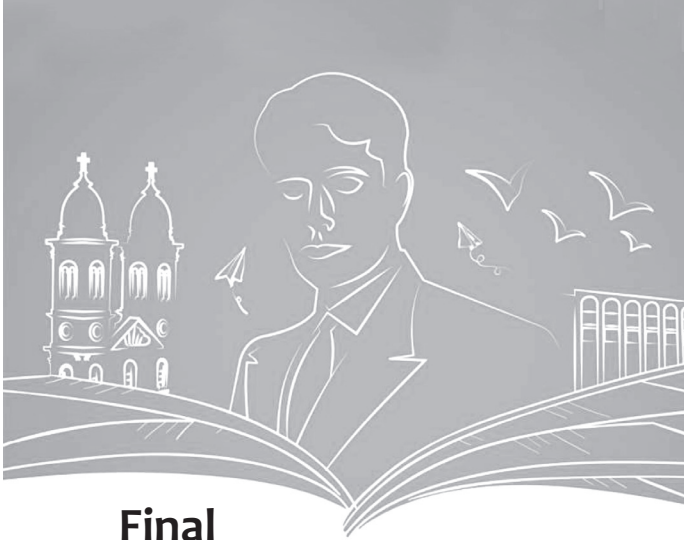
FELIPPE D'OLIVEIRA

Conto, Crônica e Poesia

Premiados 2019 / 2020

Prefeitura Municipal de Santa Maria
Secretaria de Município da Cultura

Santa Maria/RS
2021



Final

Resta um passado, – o meu passado... Minha glória.
Não por mim, mas por ti, que nele existe...

Por ti que me povoas a memória
do coração, a memória do sentidos,
a memória imortal do pensamento,
com as mil estátuas dos meus gestos tristes
com meus olhos de pasmo, doloridos,
com tua voz de cântico e lamento,
écloga e litania do teu amor, que era
sobre a frialdade do meu precoce outono,
um hálito morno de primavera.

... Resta o passado, céu de eterna claridade,
paraíso perdido, céu divino,
onde a mando de mágoa e de abandono
estacou, como sol da Bíblia, o meu destino...

... Resta o passado, que não foge e que não cansa...

... Resta a saudade,
mais fiel, menos triste que a esperança...

Felippe D'Oliveira – Alguns poemas, 1923

Sumário

Apresentação 11

A arte tem o poder de transformar realidades.....15

XLII CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D’OLIVEIRA
POESIA, CRÔNICA E CONTO – 42ª EDIÇÃO21

POESIA..... 23

O último húngaro..... 24

Um piano sobre o mar 29

Nenhum mar me retorna..... 27

Poema de corpo presente..... 32

A montanha do meu silêncio.....38

Ventre..... 37

O funeral da ópera..... 42

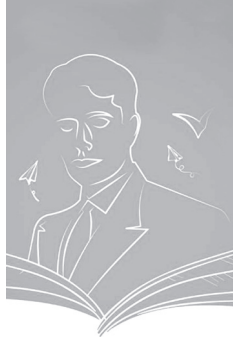
CRÔNICA	44
Ketchup e Maionese.....	45
Em obras	51
Minha mãe e o rato.....	52
O catador	56
Ambiguidades	61
Solidões.....	68
Língua nos dentes.....	72

CONTO	75
Minha primeira bicicleta não era minha	76
Elizabeth.....	86
Caminho	92
Rio entre o pai e o filho	96
Velório do Sr. Orvílio.....	102
A invisível misancene do amor vista pelo buraco da fechadura.....	108
Contemplação.....	113

XLIII CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D’OLIVEIRA POESIA, CRÔNICA E CONTO – 43ª EDIÇÃO	117
---	-----

POESIA	123
Não é cinema	122
Genealogia da espinha	124

Palavras encharcadas	127
O cimo do olhar	130
Ritos da palavra em fuga.....	132
Os peixes	134
Era uma vez.....	135
CRÔNICA.....	138
Até os sabiás estão diferentes	139
Yuri	142
Sala de espera	147
A cidade onde só eu não existo	151
Sobre águas	156
A revolução das solidões.....	157
Máscaras	161
CONTO	164
As manchas de um espelho	165
Morro calçado.....	185
Síndrome de Hemingway	190
Severiano	208
Querido diário	220
Ricardo, filho de canhoto	224
Lua de mel.....	244



Apresentação

Certames, como o Concurso Felipe D’Oliveira, alimentam uma rede potente de relações em ponto sensível e decisivo da criação literária, pois, para muitos que escrevem, significam a porta de entrada ao universo de publicar e circular. Com a publicidade que lhes é inerente, as competições ajudam na divulgação da literatura, além de incentivarem e premiarem o surgimento de novos talentos.

Ao discorrer sobre a capilaridade das manifestações artísticas em nossas vidas, o crítico Antonio Candido utilizou-se de apropriada compreensão de necessidades humanas, dividindo-as em compressíveis e incompressíveis. Cosméticos, enfeites e vestes supérfluas são compressíveis. Alimentos, roupas e habitação, incompressíveis. Os primeiros bens podem ser

substituídos e, inclusive, descartados. Os últimos são essenciais. É aí que o pensador encaixa a literatura.

O abono de conceito alargado fica patente quando identificamos que todo dia, nos mais diversos afazeres, nosso universo é cercado de imaginação e fabulação. Transmitimos, vivemos, sonhamos e imaginamos histórias. Ou, para repetir a sagração do filósofo Paul Ricoeur, consignada em *Tempo e narrativa*, “contamos histórias porque finalmente as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas” (v. 1, p. 116).

No caso de concursos como o Felipe D’Oliveira tratamos de bens literários modalizados em codificações textuais mais específicas. Diversamente de folclore, lendas ou chistes, que podem ocorrer a toda hora, trata-se aqui de ordenações complexas e elaboradas, que presumem a produção escrita. Esse é o grau em que tais ordenações alimentam uma sinergia que se expande através de cadeias de relações multilaterais.

À aspiração da literatura como texto, autenticamente, pode-se associar o verso de João Cabral – “um galo sozinho não tece uma manhã”. O escritor é sempre o ser que precisa de muitos olhos e ouvidos. Sua expressão encaminha-se, naturalmente, ao traço de percurso, por vezes tortuoso, que leva da mente criadora às mentes receptoras sempre prontas a se multiplicarem no ato de receber, julgar, adotar ou rejeitar.

Colocado em circulação, um texto literário abre-se à marcha virtuosa de relações. Na contrapartida do ato

solitário de produzir um poema, um conto, uma novela, apõe-se o desafio de uma teia cujo alcance social e econômico é perceptível no grau de institucionalização de veículos como editoras, escolas, bibliotecas e clubes de leitura, afora o entorno de periódicos especializados, mídia em geral, críticos, divulgadores, professores, concursos literários.

A persistente edição dos vencedores em livro de acabamento superior, como o presente volume, que se soma à série já consagrada, reforça a importância do Concurso Literário Felipe D'Oliveira como conquista estratégica vocacionada a garantir elos da cadeia que integra literatura, livro e leitura. Há mais de quatro décadas, em homenagem a patrono ilustre e exemplar, trata-se de estímulo às produções que acorrem à mão cheia todo ano. Entre contos, crônicas e poesias cada edição arregimenta número impressionante de concorrentes. São centenas de postulantes originários de todas as regiões brasileiras, além daqueles chegados de patrícios que vivem em outros quadrantes do mundo. Os textos inscritos, há anos, são contados na classe do milhar.

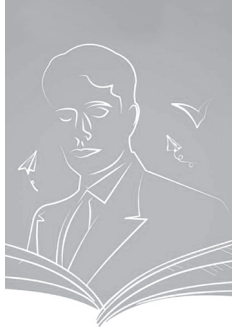
No lançamento deste livro que contempla os premiados 2019/20, além de reconhecimento e saudação aos autores, registro o trabalho contínuo dos responsáveis por organizar e operacionalizar o Concurso Felipe D'Oliveira. Aplausos às equipes da Secretaria de Município da Cultura e da Biblioteca Henrique Bastide,

que somam forças nas diversas e complexas etapas; à Câmara de Vereadores, pelo acerto e oportunidade da iniciativa; aos jurados, que se alternam na missão de ler e avaliar o grande número de textos concorrentes.

A versão impressa, nesses tempos efêmeros de suportes eletrônicos, reforça a importância do polo da recepção, ente decisivo do texto literário, pois sem ele a escrita é letra morta. Que ao folhear estas páginas e aproximar-se de autores e textos de forma duradoura, você, leitor, faça valer o desígnio de Sartre, segundo o qual, a principal tarefa do escritor consiste em fazer com que ninguém ignore o mundo onde vive ou se considere inocente diante dele.

Pedro Brum

Doutor em Letras. Professor titular UFSM



A arte tem o poder de transformar realidades

A arte tem o poder de transformar realidades. E, nesse universo efervescente de conhecimento e cultura, a literatura tem um propósito muito nobre, pois ela é a arte de brincar com as palavras e transmitir sensações e sentimentos capazes, sim, de modificar a dureza do dia a dia, exaltando a leveza que tanto nos encanta e nos torna seres melhores no momento em que temos contato com ela.

Há mais de 40 anos, o Concurso Literário Felipe D'Oliveira, promovido pela Prefeitura Municipal de Santa Maria, por meio da Secretaria de Cultura, contribui como agente transformador da nossa sociedade, trazendo à tona ideias e ideais por meio de novos escritores que se aventuram no mundo maravilhoso das formas literárias aqui representadas por contos, crônicas e poesias.

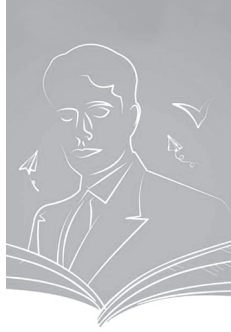
Vivemos tempos difíceis, estranhos, eu diria. Tra-

vamos uma luta diária para vencermos uma pandemia que nos foi apresentada de sobressalto. E que tanto aprendemos com ela constantemente. É nesse sentido que a literatura e as 1.308 manifestações, por meio de textos que fizeram parte das últimas duas edições deste Concurso Literário (42ª e 43ª edições), apresentaram-se para transformar valores e mudar realidades. Nesta edição, estão reunidos 42 textos selecionados de escritores que atuam como sujeitos dessa transformação tão almejada e necessária nos dias de hoje.

Felippe D'Oliveira, que dá nome ao Concurso Literário, foi um visionário. Santa-mariense que atuou como poeta, jornalista, escritor, farmacêutico, empresário e até esportista, ele tinha plena consciência de que essa interação social por meio das palavras tinha, tem e sempre terá a capacidade de impregnar de bálsamo os momentos mais difíceis e complexos de nossa evolução. Assim como Felippe D'Oliveira e os inúmeros escritores que enaltecem esta edição, que nunca percamos a capacidade de sonhar e de construirmos um mundo melhor por meio da literatura. Obrigado a todos que, de uma maneira ou outra, participaram deste processo transformador que se vale da arte das palavras. A todos, desejo uma boa leitura!

Jorge Pozzobom

Prefeito Municipal de Santa Maria



Em 2019, como Presidente da CMVSM, tive a oportunidade de acompanhar o XLII Concurso Literário Felipe D'Oliveira, instituído pelo Projeto de Lei nº 2498/1977.

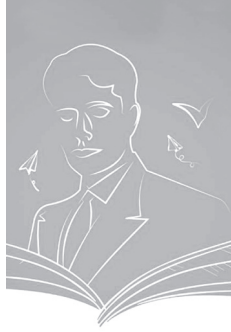
Este concurso homenageia a memória do santamariense que fez a diferença como poeta, jornalista, farmacêutico, empresário, esportista e escritor. Através do poema “Magnificat” o poeta e o nome de Santa Maria foram citados na Cadeira de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Coimbra, durante a conferência Poesia Moderníssima do Brasil. Poema publicado em 1931. Faço essa citação para ressaltar a importância e o alcance da produção literária e sua expressão mundial.

A cada ano, mais e mais obras são inscritas para participar do concurso, que visa estimular novas produções literárias e dar espaço a escritores emergentes nas modalidades: Conto, Crônica e Poesia. O concurso atravessa fronteiras, dá oportunidade a candidatos de norte a sul do país e até mesmo do exterior. Compro-

vando assim, que para a cultura, não há limites. Em 2019, foram 684 trabalhos inscritos, oriundos de 19 estados e Distrito Federal.

Parabenizo de coração, cada participante e a nossa Secretaria Municipal de Cultura, pela realização do concurso. E que deve ser valorizada e incentivada, pois contribui diretamente com o futuro e com o cenário literário de nossa cidade. Mantendo a qualidade e o primor tão bem representados pela obra de Felipe D'Oliveira.

Maria Aparecida Brizola Mayer
Presidente da Câmara de Vereadores
de Santa Maria – 2019



É uma honra apresentar os trabalhos classificados na Edição 2019 do Concurso Literário Felipe D'Oliveira, revelando talentos e há mais de quatro décadas sendo realizado. Foram inscritos, no total, 684 trabalhos nas categorias de crônicas, contos e poesias e contamos com participantes de 19 estados do país. Demonstrando assim a relevância e abrangência do nosso concurso literário.

Poeta Felipe D'Oliveira é santa-mariense, que nos deixou muito cedo, mas sua obra enaltece a cultura e nossa cidade. O concurso com seu nome, oportuniza novos talentos, enriquece a vida das pessoas, nos leva a refletir sobre a condição humana, causas sociais, posições políticas e acima de tudo formar leitores e se encantar...

CICATRIZES NAS ÁRVORES

“... Vive a tua hora
como se gravasses o teu nome
na epiderme de um tronco novo.
Mas não voltes mais tarde para junto dessa
árvore,
porque podes não reconhecer o teu nome
nas cicatrizes das velhas letras.

Ele calou, com ar sublime dos que ainda
definem e aconselham
e eu não falei,
por achar inútil revelar-lhe
que a culpa é apenas da árvore”.

Felippe D'Oliveira

Agradeço a todos os participantes, à comissão julgadora composta por professores da UFSM, UFN, Academia Santa-mariense de Letras e Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria.

À servidora, coordenadora do concurso, amiga e organizadora deste livro e equipe da Secretaria de Cultura Esporte e Lazer, GRATIDÃO!

Marta Helena Kemel Zanella
Secretária de Município da Cultura, Esporte e Lazer

XLII CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

POESIA, CRÔNICA E CONTO

42^a Edição

SANTA MARIA – RS – 2019

XLII CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA
Conto, Crônica e Poesia – Edição 2019

Jorge Cladistone Pozzobom
Prefeito Municipal de Santa Maria

Sergio Cechin
Vice-prefeito

Maria Aparecida Brizola Mayer
Presidente da Câmara de Vereadores de Santa Maria

Marta Zanella
Secretária de Município da Cultura Esporte e Lazer

Nelson Cauzzo
Secretário Adjunto da Secretaria de Município da Cultura Esporte e Lazer

Cassio Corbellini
Superintendente da Cultura

Rosângela Beatriz Rechia
Coordenadora do Concurso Literário Felipe D'Oliveira

João Carlos Lima
Fabício da Silva
Tania Regina Salamoni Bomachar
Marco Otelo Mota Gargaro
Equipe

Participaram do **XLII Concurso Literário Felipe D'Oliveira – edição 2019**, 19 Estados e o Distrito Federal – RS, SC, PR, SP, RJ, ES, GO, MT, MG, TO, AM, CE, RO, RN, PA, PB, PE, SE e DF, totalizando **684** trabalhos inscritos. Assim distribuídos: **247** contos, **144** crônicas e **293** poesias.

POESIA

Comissão Julgadora: *Liane Batistela Kist – UFN*
Moisés Silveira de Menezes – ASL

PREMIADOS POESIA

1º lugar: O último húgaro

Odemir Paim Peres Júnior – Santa Maria/RS

2ºLugar: Um piano sobre o mar

Marcus Vinícius Teixeira Quiroga Pereira – Rio de Janeiro/RJ

3ºLugar: Poema de corpo presente

Marcio Davie Claudino da Cruz – Curitiba/PR

MENÇÕES HONROSAS

1ª Menção: A montanha do meu silêncio

Celso José Cirilo – Uberlândia /MG

2ª Menção: Ventre

Alex Alexandre da Rosa – Jundiaí/SP

3ª Menção: Funeral da ópera

Marcos Alberto de Souza Oliveira – Cotegipe/BA

1º lugar:

Odemir Paim Peres Júnior

Santa Maria/RS

O último húngaro

“Neste final de semana serão feitas as últimas viagens de trem de passageiros saindo de Santa Maria. (...)”
- Jornal A Razão, 4 e 5 de fevereiro de 2006 – sab.-dom.

1. O azul contra o azul corta *um peixe na pampa*
a carne verde da pampa.

Um cardume de aço avança
fisgado na linha do horizonte,
onde se retorce o arrebol –
lume da noite que encandeia:

núcleo de convergência

2. Meu pai embarca seu sono *o pai*
de 2ª classe na madeira dóida
dos bancos. A mãe lhe alcança
algum alimento entre as mãos
e a tristeza de um último beijo.

(ninguém lê o porvir no silêncio dos lábios.
Coração é lugar de morada,
nunca abandona o sabor da cozinha).

3. O pampa – sentimento de poço *os ossos do pampa*
entre o nadir e o zênite do corpo –
tem de suas verdades, afora
o zimbro sobre os espinilhos,
e a forja do tempo que moldou
os ossos do corpo nos andarilhos.

No pampa, estamos sempre
descalços entre sonhos e rosetas.

4. Eu nunca soube consolar *a mãe*
a tristeza de minha mãe.

(a vida é profecia que não
adivinha a hora da partida;
e o presente, corroído pela espera,
deixa escassos os braços
onde o abandono possa chorar)

Endureci os olhos
no sal represado das lágrimas.

5. *Longitudinal, centrífugo* *o último húngaro*
o Ganz-Mavag trespassa

a espessura do tempo.
E já não é mais a cor sépia
da arquitetura de Budapeste.

De leste a oeste, racha os campos
entre o Minuano e as almas
que aguardam o próximo embarque.

O trem, com sua lâmina de luz,
abre o mar negro da noite, feito milagre.
Desenfreado, cavouca o escuro
na precisão dos trilhos. Tossindo diesel,
respira o frio do inverno,
e no seu rugir ferruginoso
cospe *estrelas inúteis à propulsão*.

(a vida rasga o mero existir.
Meu pai adormece, e penso
que o último sono é sempre
aquele que mais dói no peito)

O sol será sempre uma estrela.

6. Sobre a frieza táctil dos trilhos, *um peixe azul na paisagem*
roda a mascar limalhas e calhaus
esfarelados entre dormentes
e pregos cravos no solo dos idos,

o trem.

Na paisagem,

os postes se prostram solenes
frente ao balanço da terra
adormecida sob seus pés.

(um telégrafo sobrevoa as linhas
para a urgência dos ditos)

7. A morte sempre pesa mais
na balança daqueles que amam.
Eu sinto saudades de casa

o pai e a mãe

a cada vez que engulo
um alimento marinado no silêncio,

como se o mar e o pampa
fossem um único universo
cravado em meus dentes.

Meu pai se foi para sempre; minha mãe se foi para
[sempre.

Agora, um cardume de aço à deriva na pampa de nós.
Há uma gare em pedaços a lembrar o derroer dos meus.
Conquanto, permaneço enquanto o ar de minha vida
[permitir,
porque a mim foi dada a escritura de nossa genealogia.

8. A saudade é um trem que *encruzamento de linhas*
atira-se desenfreado/ nos trilhos livres;
amêndoa de carbono no bojo de uma locomotiva;
um quadro esmaecido que insiste pênsl na parede;
a parte que resiste no cárcere da lembrança.

(mas se o tempo não tivesse cores,
a vida, certamente, teria parado.)

2ºLugar:

Marcus Vinícius Teixeira Quiroga Pereira

Rio de Janeiro/RJ

Um piano sobre o mar

Nenhum mar me retorna
o piano.

Marés não trazem músicas,
ainda que papéis e partituras
se sujem de areia.

O corpo nada através do tempo
e se refugia
na inverossímil Atlântida.

Nenhuma nau me acolhe
clandestino.

Monstros marinhos
também nascem pequenos,
antes de serem analogias
à deriva em um poema.

Sei que há um som que vem de dentro
das águas
e me navega.

Nenhum vento
se esquece em meus ossos.
O mar tem mantas
para as tempestades e âncoras
de medo não vão me prender no porto.

Nenhum recife parte
a nau em fragmentos.
Todos os diários de bordo
são feito canções
que encharcam a memória
de momentos inexistentes.

Um piano não boia
em naufrágio, não se afoga
em notas que não cabem nas teclas.

Como por encanto,
as mãos desenham no ar a linha melódica
repleta de peixes.
Nas tramas das redes,
recolhem-se as arestas das palavras
que se quebraram em cacos tão miúdos.

Não me iludo diante da miragem do piano.
São os fantasmas que voltam, vultos
que me habitam os porões

e me trazem relâmpagos
que não escuto há muito na maresia da pele.

Alguma vela se move, alguma
embarcação resgata o sonho de um continente.
Levanto a tampa do piano
e o mar ressurgue com suas pequenas caravelas.

Lá fora, a noite se espraia em espumas e sons.

3º lugar:

Marcio Davie Claudino da Cruz

Curitiba/PR

Poema de corpo presente

I – Jardim medieval

Ela pede ao mercador:

“âmbar, musgo e cera de Alexandria”.

Toda a tapeçaria do meu senhor
se estenderá d’imenso

como língua de fogo
sobre a pradaria.

Cavalos fogosos
vêm deitar-se a seus pés

as andorinhas das estepes revoam baixo
sobre sua cabeça almejada.

Autoconfiante e perfumada pela serviçal
ela saía para o esponsal

adivinhandando a noite como uma tâmara
mas vendo da janela

cumprirem-se os dias
em que o sofrimento bonito
uivava sua dor.

II – A exortação dos lobos

Ao meio-dia
um beijo de erva-doce ela lhe entregara.

E fez-se a tarde e a noite na praça e ela não veio.
E airosa noiva do destino publicou-se.

A estranha substância de que somos feitos
aflora no homem,
superhomem, ego, superego, alterego.

Hostes celestiais
dobrando o canto sacrílego

às bocas de espanto
legiões infernais,

santos, hereges, boçais, dementes ouçam:
Tudo é rumor.

Sob a terra, sob a pedra,
sob o silvo do vento

e sobre as costas da saúva,
vejam: tudo é estupor.

O fio da voz do poeta se quebra nos uivos dos lobos.

III – Às vezes observando a humanidade como se fosse Rimbaud

Um milhão de cabeças de poodles
pendidas para o ladinho
ao vento dum pensamento avulso.

Tudo se perde.
A emoção, o ritmo, a respiração se perdem.
É estranha a substância de que somos feitos.

Às vezes nas ruas me sinto
como um extrasser forasteiro

que, observando humanos,
os acha tão esquisitos

com seus membros balançando
seus jeitos de seres improváveis
se vistos por outros seres...

O horror é humano, descobri.
Lançado ao abstrato do vazio da alma

ele tenta encontrar o substrato
quando espoja-se na lama.

A obra do poeta foi consumada
no salto concreto para o abismo
de um vulcão extinto

quando tentava alcançar
a última estrela (des) esperada que chorou rosa.

IV – Poema de corpo presente

Existem outros que se queimam com uísque.

Que se entortam até morrer.
Que catam piolhos um no outro.

Que fedem nas masmorras.
Que se banham em termas.

Que hojerizam as pessoas.
Que elegem erigir o mundo grego até o ateísmo.

Que estão entre a santidade e a blasfêmia.
Que se retiram para a floresta para morar em uma
[caverna.

Existem outros
que se lanham no látigo sacro e profano

e se corrompem de ócio&vício
e se estranham e expõem as vísceras
ou a crítica social.

Quanto a mim,
restou-me este bisão bisonho
que venho puxando pela barbela

atado à circunstância mirabolante
de atar-me à tarefa, Sísifo de núpcias

– arrasto a este alto sempre uma nova tentativa –
um cilício de flores,

um diadema de dentes de velhos sorrisos,
um caracol gigante.

E levo sempre adiante
a imagem daquela que ficou

em todas as tardes
inscrita na minha breve eternidade.

Qual o sentido
dessa alma que se completa no antúrio,
na chama da vela, na entrega da queda?

Talvez o isolamento
até o apodrecer num quarto mofado.

Quiséramos ser anjos,
mas só apalpamos as espáduas, sem asas.

Sobra o martírio
e um poema de corpo presente
que se incendeia na tribuna da praça pública.

1ª menção

Celso José Cirilo

Uberlândia /MG

A montanha do meu silêncio

Nada, aqui, neste maio azul e comprido,
Engastalha nos garranchos do dúbio ou do tempo
Nada se submete às rédeas curtas das palavras,
sempre distantes dos seus étimos primordiais
Tudo se desvencilha da sinopse artificialista
em sutil observância à realidade fundamental
Por aqui, nada é efêmero, tudo é harmonia
Nada é tangível, mas reticências e exclamações...
Como fosse um paraíso súbito de resiliências
caindo no colo de um homem farto de civilização
Aqui, o silêncio é a onomatopeia do infinito,
e o infinito, a metáfora do meu silêncio.

2ª menção:

Alex Alexandre da Rosa

Jundiaí/SP

Ventre

Terra, eu entrego em tuas mãos o cerne,
Esperei há muito e me recusastes
– como quem recusa a consciência de uma noite
[tranquila.

Ligados por um cordão inabalável
Que sustentor sem repudiar
Toda minha trágica existência

A espera é transitória
Desfaz e renascer em cada ato
Na intrínseca fuga do fugaz
Sem abrigo, sem afago.
Entrego em teu úterop inebriante
As formas frágeis do remorso
A gerar o meu ser – metafísico
Concebido no ventre dasilusões
A respirar teu oxigênio
E sonhar teus sonhos
O timbre de tua voz me acalma

Corpo, alma e espírito
Antes do parto, parto para longe
Sustentando por leis
E julgamentos desatentos

Não busco sacrilégios
Nem uma nova chance
O colo que acolhe
Já não busca afeto
De um feto que não escolhe a própria sorte
Quando lançada em desnude
Na imensidão dos fatos
Que não geram insatisfações
Nem colhem certezas
Então, como poderia vingar?
Se o choro alimenta a dor
Não sustenta o fruto
De um destino que não pode haver

Almejando um futuro
Quem sabe uma vida plena
Quem sabe a descoberta da cura
Ou tão somente ser a doença
Quem sabe um escritor
Um vagabundo
Consternado pela misericórdia de teus dias
Em um mundo de indiferença
E atrocidades absurdas

Quem sabe poderia chorar as perdas
Ser o motivo dos choros
Quem sabe amar ou ser amado

Em teus seios,
Oh! Terra, germinarei.
Ausente áquele qual fecundou a semente
Eu nasço ao contrário.

3ª menção:

Marcos Alberto de Souza Oliveira

Cotejipe/BA

O funeral da ópera

Culpado pela canção,
O bailarino que se perdeu na noite
Pedia acordes para o suicídio.
Enlouquecido, dissonante...
Seus dedos coçavam o violino
Em pouca inspiração – errante
Num monólogo sem enredo.
... Olha de perto o poema.
Esfrega os olhos. Vê dentro do verso
A dureza da cena... Vida e morte!
Último ato! A lírica das flores
Feito recorte. Teatro ready-made!

Sem muito se achar, improvisa –
Descortina-se... Outra vez
Deixa à mostra o logos. Aproxima
E seduz. Um gesto reticente
Logo cria a estética das sombras
E dá a luz à personagem...

Sobe ao palco. Assume o papel
E estreia os devaneios da criação.
Eis então o espetáculo!...
Cenáculo de sacrifícios e desejos.
Tragédia sem culpa, sem rima...
Pela mesma sina e mesmo capricho,
Insinua falsa beleza. Caem as máscaras
Da sensualidade – cumplicidade nua!
Horas feridas. As dores do açoite
No ombro da madrugada...
Solista interpretação de assombro –
Compõe o funeral da ópera.

CRÔNICA

Comissão Julgadora: Carlos Alberto Bellinaso – ASL
(*in memoriam*)
Ilse Maria da Rosa Vivian – UFSM
Simone Mendonça Soares – UFSM

PREMIADOS CRÔNICA

1º lugar: Ketchup e Maionese

Tiago Dantas Germano – Picuí/PB

2º lugar: Em obras

Lucas Jerzy Portela Silva – Salvador/BA

3º lugar: Minha mãe e o rato

Cefas de Carvalho Silva – Parnamirim/RN

Incentivo Local: O catador

Fabricio Leão Corrêa – Santa Maria/RS

MENÇÕES HONROSAS

1ª menção: Ambiguidades

Angelo Pessoa Martins – Nova Friburgo /RJ

2ª menção: Solidões

José Ronaldo Sequiera Mendes – Mutum/MG

3ª menção: Lingua nos dentes

Alessandro Soares – Videira/SC

1º lugar:

Tiago Dantas Germano

Picuí/PB

Ketchup e Maionese

Maionese e eu éramos vizinhos. Na infância, gostávamos de caçar vagalumes no terreno baldio aos fundos da casa dele, a única do bairro que ainda não tinha erguido um muro alto ao seu redor. Naquela época, era comum que faltasse energia em horário de pico. Dezenas de chuveiros elétricos chiavam ao mesmo tempo e em algum ponto da rua um poste estourava, deixando toda a região às escuras. Maionese e eu saíamos a caçar, as sacolas plásticas iluminadas como lampiões de supermercado. Depois nos reuníamos à mesa para avaliar o nosso espólio. Uma vela crepitava no balcão da cozinha e queimávamos as asas dos vagalumes com cera derretida, nos divertindo com aquela banal perversidade.

Num dia de poucos vagalumes, em que a mãe de Maionese já estava nas últimas no hospital e sua tia o deixava quase todo o tempo sozinho, faltaram velas e resolvemos juntar toda a cera derretida no balcão para tentar fabricar uma. Ligamos o fogão e jogamos os

fósseis dos nossos vagalumes numa panela de pressão. A panela explodiu e toda a cera grudou no teto da cozinha.

Naquela noite, a mãe do Maionese morreu.

Por alguma razão, parou de faltar energia e Maionese e eu nos distanciamos. Ele parou de frequentar a escola e, no recreio, quando eu pedia uma pizza na cantina e ia comê-la num canto do pátio, com o bolso cheio de sachês de molho, já era cada vez mais raro que alguém aparecesse perguntando: “E aí, Ketchup, cadê o Maionese?”

Eu terminei a escola e, na faculdade de Direito, ninguém se lembrava mais do meu apelido apesar das pizzas, única coisa que dava tempo de comer entre as refeições, encaixadas no intervalo das aulas do curso e o estágio que arranjei na Defensoria Pública.

Maionese, porém, continuava Maionese e guardava carros no estacionamento da faculdade. Continuava morando na mesma casa, a única do bairro que, agora, além dos muros altos, não tinha cerca elétrica nem porteiro eletrônico, e era motivo constante de reclamações entre os novos vizinhos, preocupados com a segurança e o aspecto da rua.

Ninguém ali sabia exatamente quem era o Maionese nem se lembrava de sua tia, que morreu dez anos depois de sua mãe, no dia em que Maionese completou 18 anos e comemorou o aniversário na frente de uma cova rasa. Ninguém ali sabia que Maionese sobrevivia

guardando carros e que por isso quase nunca estava na casa, repleta de cães e gatos que ele trazia da rua.

Quando eu me formei e finalmente consegui um cargo na Defensoria, retomei o contato com o Maionese. “E aí, Dr. Ketchup?”, ele me disse na audiência com um sorriso quase sem dentes, dois deles perdidos quando cuspiu na cara do policial que o prendeu em flagrante, roubando o aparelho de som de um automóvel estacionado na frente da Faculdade de Direito. Era o meu primeiro caso e eu não consegui evitar que Maionese fosse parar na cadeia. Ele não se importou. Só pediu que eu não deixasse de alimentar os cães e gatos que por algum tempo seriam meus únicos vizinhos.

Maionese contraiu HIV na cadeia. Uma agulha contaminada com a qual tatuara o nome de sua mãe em um coração cravado no peito. Quando saiu, voltou a guardar carros e me agradeceu pela ajuda. Prometeu nunca mais roubar nada, mas precisava do dinheiro para a ração dos animais. Eu prometi que todo mês deixaria um grande pacote de ração à sua porta. Raramente via Maionese nessas manhãs em que, de terno e gravata, tentava me desvencilhar dos gatos que me cercavam no jardim, ávidos pelo pacote de comida que acabava de chegar.

Da última vez que vi o Maionese, eu estava em alguma confraternização do trabalho. Tinha acabado de conhecer uma garota na festa, uma menina recém-

formada em Direito, recém-aprovada na OAB, recém-deslumbrada com uma profissão da qual eu já estava saturado e que só me possibilitava prazeres como aquele: estar na companhia de jovens que ainda idealizavam cargos como o meu, que ainda acreditavam num conceito inalcançável de justiça.

Maionese se aproximou de nós dois na saída, abriu o sorriso ainda sem dentes e me disse: “E aí, Dr. Ketchup?” Eu apertei sua mão e perguntei como ia o apurado da noite. A menina recuou, estranhando a nossa aproximação. Eu a apresentei ao Maionese, mas ela se recusou a apertar sua mão. Maionese disse que tinha conseguido o suficiente para não precisar do pacote de ração daquele mês. Não sei em que ponto da conversa a menina começou a segurar a bolsa que levava a tiracolo com uma certa firmeza que me incomodou, e que me fez ter a certeza de que eu devia aquilo ao Maionese.

“Quer carona pra casa?”, perguntei. A menina me puxou pela manga do terno e cochichou no meu ouvido: “Desculpa, mas se ele for no carro eu não vou não”.

Eu não hesitei:

“Desculpa você, mas o Maionese eu conheço há mais de vinte anos. Você eu conheci há menos de vinte minutos.”

No carro, Maionese perguntou se podia mexer no meu som. Disse que nunca tinha visto um daqueles,

com controle remoto e tudo. Enquanto ele se divertia apertando os botões feito uma criança, reparei no seu aspecto. Maionese estava cada vez mais parecido com a sua mãe dias antes de ser internada no hospital. Já não dava pra distinguir direito o nome dela no coração que saltava pela camisa suja e sem botões, as costelas de seu peito saltando feito o esqueleto roído de um peixe.

Estacionei na frente de sua casa e Maionese me convidou a entrar. “Tudo bem”, eu disse. “Só deixa eu guardar o carro aqui na minha garagem”. Maionese me abriu a porta e pediu que eu não reparasse na bagunça nem na algazarra dos cães e dos gatos, alguns dos quais eu já conhecia. A casa não estava muito diferente das últimas vezes que a visitei, exceto pela sujeira feita pelos animais, arruinando todas as tentativas notáveis de Maionese de dar alguma dignidade ao ambiente.

Maionese me chamou para a cozinha, segundo ele o lugar mais arejado da casa. Notei que ele já não era mais capaz de sentir o cheiro de urina e de fezes que também impregnava aquele cômodo, apesar da porta dos fundos e das janelas todas abertas. Ele me ofereceu café, que educadamente recusei, e suco, que devo confessar que só aceitei porque ele tirou da geladeira e abriu diante de mim, cravando o canudinho na embalagem.

Maionese tossia e seu peito fazia tanto barulho quanto a geladeira, que pontuava nossa conversa com os estertores de um moribundo.

Em algum momento os gatos passaram a subir na mesa, os cães começaram a se enroscar em minhas pernas, e o mau cheiro se tornou insuportável. Eu ergui a cabeça como um afogado tentando sobreviver e então olhei para o teto, e não pude acreditar quando reconheci a cera grudada ali, a marca da explosão ainda visível, e algo como dezenas de pontinhos se destacando em meio ao branco mofado da laje, acusando a nossa antiga travessura.

Maionese sorriu e se lembrou daquela noite. Coincidência ou não, no meio da conversa, ouvimos o barulho de um poste estourando. Os cães correram aflitos. Os gatos se esconderam embaixo da mesa.

Maionese se desculpou porque não havia velas. Varamos a madrugada iluminados por uma constelação de vagalumes mortos no teto.

2º lugar:

Lucas Jerzy Portela Silva

Salvador/BA

Em obras

*para João Filgueiras da Gama Lima, Lelé
humanizador de cidades*

Ninguém supõe delicadeza nas escavadeiras, se não as vê funcionar. Não obstante, uma vez em trabalho parecem braços culpados, amputados (e ainda vivos) de titãs antediluvianos. Que não se digam delas que furam, invadem, cavam o solo. Antes, acariciam o barro e a areia como quem re-arruma o cobertor sobre um filho que ressona e dorme. Carregam nacos de chão como bebês no colo; deitam-nos em caçambas como se berços fossem. Por fim, alisam a terra recém-arrancada de sua matriz – ato durante o qual se as pode ouvir cantarolar cantigas de ninar nos idiomas esquecidos dos deuses.

O que há é que, inocentes, não se apercebem que mandam assim estes bebês-solo, em conjunto, natimortos e prematuramente, para o sepultamento sanitário.

3º lugar:

Cefas de Carvalho Silva

Parnamirim/RN

Minha mãe e o rato

Minha mãe disse que há um rato na casa dela. Mais exatamente, na cozinha. E que está sem dormir por causa disso há dias. Ela não o viu nenhuma vez, mas, tem certeza que é um rato. E apenas um.

Bebendo café com ela, relatou-me com detalhes todas as evidências que um rato se instalara na cozinha.

Mas, vamos às explicações necessárias: mamãe, mulher forte e determinada, mora sozinha há anos, não obstante os 70 anos bem vividos, dedicados em grande parte à tarefa – bem sucedida – de criar e educar os três filhos. Papai morrera havia duas décadas. Ela mora sozinha porque quer, pois os três insistimos para ela morar com um de nós. Ela prefere sua casa e sua privacidade.

Contudo, o rato – sequer visto – trancara a até então indestrutível tranquilidade de minha mãe. Comprei três ratoeiras e queijo. Pacientemente instalei-as em locais diferentes da casa, em lugares onde ela própria não se machucaria, mas, um rato, pelo menos eu pensava, haveria de estar.

Três dias depois as ratoeiras estavam inalteradas. Este rato é esperto, deduziu minha mãe. Voltei a questioná-la, com a delicadeza que ela e a situação mereciam, sobre a existência de tal camundongo. Ela elencou as, digamos, provas, da ação do rato: viu uma sombra pela casa, se escondendo entre os vãos; ouviu um guincho na cozinha (Não era a panela de pressão, mãe?, perguntei); os sacos de açúcar e arroz apareciam com pequenos furos. Enfim, provas cabais da existência do animal que estava tirando o sono de minha mãe, e, por conseguinte, de seus filhos, netos e vizinhos, já que esse passou a ser o assunto único de sua conversa e responsável por irritações que ela jamais apresentou.

Meu irmão deu a ideia e eu não apenas a aprovei como parti para a ação: arranjei para minha mãe um gato.

Ela deu a ele o nome de Tom. Deduzi que ela já tratava o rato como Jerry. Se eles se comportarem como no desenho animado, o problema vai continuar, pensei. Como meus irmãos estavam otimistas, me tranquilizei confiante que o problema seria resolvido em pouco tempo graças ao instinto caçador do felino.

No almoço de domingo, dias depois, mamãe mostrou-se irritadiça e quase colérica. Não apenas o gato Tom não conseguira capturar o rato (Jerry?) como ainda se atrevera a mordê-la e arranhá-la. Argumentamos que o gato era novo, jovem, aquelas eram tentativas de brincar. Este gato (ela não o

chamava mais de Tom) não apenas não consegue pegar o rato, que é muito mais esperto e ágil que ele, como ainda quer me machucar.

Meu irmão mais novo ventilou, com luva de pelica e quase em um murmúrio, se não havia a possibilidade do gato não ter apanhado o rato pela simples razão de não existir nenhum rato (já que nunca visto). Minha mãe arregalou os olhos como se gritando: Vocês estão achando que eu estou ficando louca? Meu irmão correu em tirar o prato da mesa e lava-lo e eu tratei de colocar mais ratoeiras para tentarmos capturar o roedor. E meu irmão mais velho teve de levar o pobre gato, tratado como inepto, embora.

Propomos a minha mãe ela passar uns dias na casa de um dos filhos. E deixar o rato aqui mandando na minha casa? Jamais!

Preocupados com a saúde e a irritabilidade de mamãe, eu e meus irmãos nos reunimos para pensar o que poderia ser feito. Várias ideias, algumas bem idiotas, vieram à tona. Não chegamos a nenhuma conclusão. Ficou decidido que eu, que tinha mais jeito com minha mãe, faria com que ela se deixasse ser levada a um médico, a um tratamento profissional adequado. Com esta ingrata missão e esse peso, fui à casa dela em uma tarde de sexta-feira, imaginando encontrá-la tensa, com olheiras, irritada, como vinha acontecendo havia algumas semanas.

Em vez disso, dei de cara com minha mãe serena,

tomando chá de hortelã e querendo conversar sobre a novela.

Curioso, entre um gole e outro do chá, perguntei, reticente: Mãe, e o rato?

Ah, meu filho, ele foi embora – respondeu, tranquilamente.

Pensei em perguntar como ela sabia que ele tinha embora. Que evidências a levaram a concluir isso. Mas, meu bom senso era mais poderoso que minha curiosidade. O importante, afinal, era mamãe estar bem.

Ela registrou que havia jogado fora as ratoeiras e disse que iria fazer carne assada no domingo, que eu chamasse meus irmãos e todas as noras.

Despedi-me com um beijo, intrigado com a sequência de acontecimentos (ou de não-acontecimentos posto que o rato que fora embora sequer tinha sido visto, ou seja, provavelmente nunca esteve naquela casa). Ao fechar o portão da casa, senti uma rajada de ar nos meus pés, e ao abaixar a cabeça, não vi, mas percebi, uma sombra se movendo em alta velocidade.

Deve ser apenas uma impressão minha, pensei. Ou talvez não.

Incentivo local:

Fabricio Leão Corrêa

Santa Maria/RS

O catador

Uma noite qualquer, na rua, com várias pessoas, sempre pode revelar algo sobre nós mesmos. As conversas tomam conta da rua enquanto o álcool entorpece e vira motor para as cordas vocais, que agressivamente aumentam de volume ao passar das horas. Em meio a tudo isso, há um homem. Na verdade eu o nomeio como homem, visto que para os transeuntes ele seria definido apenas como um bêbado ou pedinte ou vagabundo. Aqui o chamarei por Homem, pois ele poderia ser qualquer um dentre aquelas pessoas, caso as circunstâncias fossem diferentes. Pois bem, lá estou eu, entre amigos, conhecidos, desconhecidos e um tonel usado como lixo. O homem, maltrapilho – olhar cansado de quem não carrega uma porção muito grande de esperança no bolso – aproxima-se do grupo que estou e faz o seu discurso pedindo ajuda financeira. Resumindo, um pedinte. Um pedinte que também é catador. Que também é humano. Ele se aproxima e pede alguma

ajuda. Todos ao meu redor ficam silentes, conversando como se não existisse ninguém no lugar que o homem ocupa no espaço. Menos visível que um fantasma. Confesso que fico muito incomodado com a situação, mas entro na lógica dos que me acompanham e ignoro. Ignoro pois não tenho dinheiro e mesmo que tivesse não daria. É estranho como consigo me compadecer de alguém, mas não ajudá-lo. Poderia muito bem pedir um lanche na esquina, pagar no cartão de crédito e diminuir o sofrimento daquela pessoa. Acho que até me faria bem tal gesto, momentaneamente. Mas não o faço. Notadamente incrédulo por não ser ouvido, o homem vai em direção à lixeira que está ao nosso lado, buscar seu alento.

Sua mão suja e enrugada (muito diferentes das minhas que escrevem agora no teclado de um computador requintado e de todos os demais que empinavam suas garrafas e copos pela rua) adentra o lixo e começa a busca por algo. Que algo é esse? No que consiste essa busca? Alguém que quase nada tem, contenta-se com o pouco que a vida põe no seu caminho. E quando nos deparamos com algo ruim? Nos contentamos ou seguimos buscando? O homem encontrou o que não buscava: uma garrafa quebrada. Algum dos jovens da rua jogou ela ali, sem nem refletir sobre a profundidade do lixo. A garrafa choca-se com o fundo do tonel e quebra. Como uma vítima de acidente de carro, fica à espera de resgate.

O homem, como ouvindo o seu chamado, vai ao seu encontro. Sente o corte em seus dedos, que ao tirar do lixo, já expele sangue. Pronto, agora temos um motivo concreto para desabafar. É nesse instante que o homem braveja sua raiva, encoberta por inúmeras camadas de exclusão advindas do seu visual e condição. Eu fico de frente pra ele, imóvel. Vejo a cor viva do sangue, esvaindo pelos dedos. Vejo o fogo que emana dos seus olhos, a insatisfação de não ter voz nesse mundo tão grande e desigual. O homem brada palavras pedindo conscientização. Seu trabalho é o lixo, é dele que vem seu sustento, sua dignidade de ser humano que batalha. Por que raios ninguém cuida do seu lixo? O que custa separá-lo? E assim o homem segue brandindo, em alto e bom som, que nem de longe seria capaz de abafar a multidão que bebe, diverte-se, conversa despreocupadamente naquela noite. Seu sangue respinga na minha bermuda, assim como suas palavras na minha consciência. A primeira coisa é pensar no quanto aquilo incomoda. É claro que incomoda, pois é um reflexo do que vemos diariamente, de longe e de perto. Daquilo que já nos acostumamos a ver e que, tão de perto assim, assusta. Por que raios aquele homem não procurou outra lixeira pra catar lixo? Não precisava ter feito todo aquele escândalo, assustando as pessoas ao redor, fazendo com que saíssem de perto. Certamente não foi por acaso que sua vida tomou aquele rumo. Deve ser viciado, bêbado, ou seja lá que

vício for, pois certamente deve haver algum. A culpa é dele que não estudou quando teve oportunidade (se é que teve). Eu faço a minha parte. Não separo o lixo seco do orgânico, mas pago impostos, sou honesto na maioria das vezes. Às vezes estaciono meu carro na vaga de deficiente ou idoso, mas qual o problema? Todo mundo faz isso, vez ou outra. Pago minhas contas em dia, não trato ninguém mal. Porque então eu sou obrigado a ver esse tipo de cena na rua? Por que esse homem não vai procurar emprego? Estudar? Se se cortou foi acidente. Certamente quem colocou a garrafa ali não pensou que poderia ferir alguém. Ele deveria já imaginar que esse tipo de acidente pode acontecer e deve, certamente, acontece com bastante frequência. Ele que usasse luvas. Só que não acho justo eu levar a culpa pela desgraça dos outros, pela vida desgraçada que as pessoas levam.

Eu não mereço. Ninguém merece. Nenhum ser humano merece.

Mas o homem da mão cortada não é um ser humano também? Por que ele não luta por uma vida melhor? Não estaria ele lutando por isso ao cortar sua mão?

Certamente algo aconteceu para que ele estivesse ali. Mas não poderia acontecer a mim também?

Olhar para si e tentar ajudar, mesmo que pagando um lanche não vai resolver os problemas do mundo. O homem desce a rua, ainda revoltado. Logo sua voz é

engolida pela voz dos demais que voltam a se divertir e beber. Cinco minutos depois, o homem deixa de existir. Pelo menos aos nossos olhos. Para alguns ele ainda existe na consciência até no máximo um dia ou dois.

Mas amanhã quando eu jogar uma garrafa de vidro no mesmo tonel, talvez pense que tudo isso não passou de uma cena que vi em algum documentário ou que alguém me relatou.

O homem seguirá por aí, enquanto tiver forças e mãos para catar o que descartado for.

E quanto a mim, quais cortes minha mão carrega e não sou capaz de ouvir no amontoado de vozes estridentes? O sangue que escorre por dentro não é diferente do que escorre por fora naquele corte. Ele segue, eu sigo. Seguimos.

1ª Menção:

Angelo Pessoa Martins

Nova Friburgo /RJ

Ambiguidades

I – A notícia

Foi encontrado morto. Já frio. Nu em pelo, esticado na cama. Sobre o criado-mudo um livro da Clarice Lispector cheio de apontamentos com caneta-glitter. No chão, um CD da Madona com o estojo rachado e para confirmar as suspeitas, no aparelho de DVD que desligara automaticamente: A noviça rebelde. Não havia saída: era homossexual! Estava decretado, lavrado e sacramentado.

– Naldinho você não me diga uma absurdo desses, logo o Carlão! Marialva!! Meu remédio de pressão, urgente! – E Marialva que já escutava tudo por trás da porta apareceu de olhos esbugalhados.

– Sim senhora! – E fez até continência.

– Traga-me o remédio de pressão agora, sua demente! Melhor, traga dois comprimidos! – Marialva em disparada, saiu correndo pela casa. Até furtou um comprimido e engoliu a seco! Nem ela podia acreditar

que o Carlão era... era... era ‘fruta’!!

– É tia, quem poderia imaginar que o Carlão era afeminado. – Numa fala triste Naldinho deixou escapar uma lágrima.

D. Valdeck chorava sem parar, nada respondeu.

– Tenho até vergonha de pensar que era amigo dele.

– Não diga besteiras! Tem certeza disso?

– Claro! Tá todo mundo comentando na rua, nos bares. Andam dizendo que ele na verdade era Carlinhos, vê! Eu sou Naldinho e sou muito macho! Macho!

Correndo de volta, Marialva tropeçou e quase derramou o leite já babado por ela. Mas errou e recuperou. Deu o remédio a patroa meio zonzona com aquela notícia absurda sobre o Carlão.

– Dona Valdeck, fiquei sabendo que a Noemi disse que vai se matar! – Disparou Marialva.

Choros compulsivos.

II – A verdadeira história

Carlão saiu da pelada suado feito jegue de sertão. Havia cuspidado no campinho todo. Chamara dois para a bordoadada, mas a turma do “deixa pra lá” resolvera o problema. Havia batido o seu próprio recorde: 157 palavrões em apenas três partidas. Pegou seu fuscão marrom e rumou para o pecado. Passaria na casa

da tia emprestada, Valdeck, só para dar um amasso na Marialva. Assim, suado, do jeito que ela gostava. Cheiro de homem! À noite pegaria sua noiva Noemi e sairiam para comer uma pizza e assistir ao novo filme do Stallone (mesmo com a cara deformada pelo Botox ainda era macho pra caramba!). Depois dariam uma esticada até o “Noite feliz” – o motelzinho da cidade.

Tudo programado. No meio do caminho Carlão encontrou com sua sobrinha que viajaria horas depois para um intercâmbio nos EUA. Parou o fusca e despediu-se dela. A querida suplicou ao tio que entregasse o livro da Clarice Lispector a sua amiga Clara, que mudaria naquele dia para uma cidade no interior de Tocantis. O tio concordou e o enfiou no porta-luvas. Continuou sua trajetória feito um Fittipaldi. E de tão guloso só pensava em Noemi, depois que esquentasse os tamborins com Marialva, é claro. Era danado de safado. E então mais um inusitado encontro: Liana acenou desesperada para Carlão. Iria se mudar para o Rio e queria desesperadamente lhe deixar uma recordação. Na verdade um agradecimento de uns amassos nunca esquecidos. Carlão parou, soltou um palavrão e disse: “Tu quer o que mulher, tô com pressa!?”. Liana com os lábios chorosos pegou um envelope e o entregou. “Que bosta é essa, garota?”. E Liana agora com o ódio dos rottweiler’s disparou: “É pra você se lembrar de mim.”. Carlão com cara de deboche retrucou: “Tá indo embora, é? Vai com Deus e o diabo! E vê se não pega no pé de outro

lá na capital, fui!”. E Acelerou jogando o envelope pardo no banco traseiro. Nos olhos de Liana: uma vingança molhada. E lá ia ele em alta rotação pensando no amasso que se aproximava. E seria no tanque. Adorava lugares inusitados, coisas estranhas. Roupas molhadas. Cheiro de sabão em pó. Coisas de macho, coisas de Carlão.

Chegou à casa da tia emprestada. Fez que estava faminto e foi direto para a cozinha. O Naldinho ainda o viu entrando apressado. Saiu rua afora com a cara emburrada. A tia ficou de olhos fechados esperando o beijo na testa. Que não houve, afinal Carlão estava apressado. Dona Valdeck abriu os olhos e fez cara de zanga. Chegou a bufar! Na área de serviço Marialva já sorria com o dedinho na boca. Carlão sorriu, barba mal feita e ainda ensopado da ‘pelada’. Do jeitinho que ela adorava. Sorveram-se. E o cheiro de cloro atizando o ardor da perdição.

Depois do suador, comeu um ‘sanduba’ caprichado. Passou pela sala e beijou a testa da tia emprestada. Valdeck, agora não mais ‘dona’, sorriu de olhos fechados. Carlão esbarrou com Naldinho no portão e gritou: “Fala, viado!” e deu-lhe um tapão nas nádegas. Naldinho praguejou. Carlão sorriu debochado. Safadamente ordinário.

À noite completou o serviço com Noemi e depois de deixá-la com beijos ardentes, que quase causaram um segundo tempo, rumou para casa. Sorrindo. Suspirando o dia de um sábado de macho feliz. Estacionou a

‘cama ambulante’ em frente ao seu prédio. Lembrou-se do livro no porta-luvas que não devolvera como combinado. Pegou e o levou para o Ap, pois o fusca seria lavado na segunda e ele não queria saber de piadinhas no lavador, tipo: “Ta lendo, Carlão? Hiiii. Sei não... ”. Pegou o envelope pardo no banco traseiro e subiu. Resolveu tomar um banho. Saiu sem se secar. Peladão. Jogou-se na cama. Olhou para o lado e viu o livro do qual deveria se livrar, sem falta, na segunda, nem que fosse pro lixo. Pegou o envelope pardo e abriu. Soltou um palavrão dos feios e atirou com ódio o CD da Madonna na parede. Pra passar a raiva pôs um filme no aparelho de DVD. Cantorolou com a protagonista. Safado! Adorreceu assim. Pra sempre. Morte súbita. Coisas de coração. Só encontraram o corpo na segunda à noite, pois arrombaram a porta. Carlão era homem de compromisso e nunca faltava ao serviço. Bom, a cena do “crime”? Todos já sabiam. Andam comentando que há a possibilidade de uma segunda pessoa no apartamento naquela noite. E provavelmente houve briga pela posse do Cd da Madonna. Comentam que o livro estava com o marcador numa página com alguns apontamentos e partes grifadas à caneta de cor duvidosa. Nas margens belas palavras: “lindo este pedaço”; “... maravilhosaaa”; “Clarice, você era divina!”. Andam investigando o caso para saber se houve sexo e portanto uma parada cardíaca pela violência do ato. Afinal, Carlão era intenso em tudo que fazia.

III – Os segredos e os preconceitos velados

A Liana ao saber da notícia desesperou-se, pensou em mandar um e-mail para a irmã contando sobre o CD, mas achou melhor degustar a vingança dupla. A sobrinha só foi saber da morte do tio lá nos EUA, mas nem se lembrou de perguntar pelo livro e a família também nem comentou sobre a fama que se abatera sobre o falecido tio. Melhor assim, menos sofrimento para a já desolada sobrinha, tão distante.

Durante o enterro – com poucos amigos presentes, diga-se de passagem – a Marialva sabia porque engolia o choro: era casada e tinha seis filhos, além de religiosa até o buraco do siso. Noemi não foi, doparam-na demais. O Naldinho de olhos afogueados justificava que tinha o morto como um irmão, mas na verdade estava triste porque no fundo adorava assistir as pernas grossas do Carlão passando a bola. E quando ele cuspi. Nossa! Naldinho mordida os lábios escondido até de si mesmo. E deu um berro ao se lembrar do tapão. A única sem culpa no cartório era Dona Valdeck, que chorou copiosamente durante todo o funeral. Quer dizer, nem tão santa. Detestava afeminados, tratava mal a pobre da Marialva além de esconder um calor vulcânico (não de menopausa) quando recebia de olhos cerrados um leve raspar de barba mal feita misturada a um beijo na testa.

Bom, o DVD de “A noviça rebelde” o próprio

Carlão havia comprado na encolha quando fora até a capital a serviço da firma. Mantinha o filme camuflado no fundilho de sua mais oculta gaveta. Era a trigésima vez que assistia a sua tão amada película. Definitivamente sozinho, volume no mínimo. Sabe como é, vizinhos. Afinal de contas, homem que é homem gosta mesmo é de Rambo, Duro de matar. Daí pra lá!

E ainda teve um desalmado – deve ter sido alguém do campinho, da ‘pelada’ – que mandou uma coroa cheia de rosas cor de rosa. Isso já foi passar dos limites! Diga-se de passagem.

2ª menção:

José Ronaldo Sequiera Mendes

Mutum/MG

Solidões

– Mil perdões!

– Não, eu é que peço desculpas! Meu pé é grande, ocupa muito espaço.

– Mas o meu também... e fui eu que estiquei a perna e...

Às vezes, eu ando por entre as gentes e não as sinto. Elas se comprimem em mim, me tocam, me empurram em sua massa *multidânica*, mas não percebo, insensível, sua presença, seu toque, o odor azedo de seus suor.

Estou sentado nesse banco acolchoado de uma praça de alimentação de um shopping, matando o tempo – umas quatro horas até a peça de *Abee* começar – e isso está me assassinando. Eu até aguento esperar, nada contra, sou até bem bom nisso de esperar., mas quatro horas é uma dízima periódica que beira o infinito. Por sorte, trouxe o volume de poesia completa de Álvaro de Campos para terminá-lo, pois sei que o tempo será mais que suficiente (incluindo a parte de crítica literária no posfácio).

A mulher ao meu lado, no banco, uma coroa bonita (quem sou eu para chamar os outros de coroa? Estou entronado também, com a cabeça coroadamente grisalha), fucitando em seu laptop e reclamando da conexão da internet local. Ao descruzar as pernas, acidentalmente acertou-me o pé.

Estou com vontade de me sentar em algum café e pedir um expresso. Na verdade, estou mais com vontade mesmo de convidar essa moça para me acompanhar em um café. Não, não, meus caros, não é atração física, embora eu a considere bem atraente. Nem tão pouco carência. Também não quero conversar, nem saber se o marido (se houver um) a trata carinhosamente, nem lhe confidenciar minhas desventuras familiares. Não quero ouvir o mínimo dos sons. Só gostaria que ela se sentasse comigo em uma mesa aleatória e tomasse um café.

O porquê de tudo isso? Eu explico: ocorre que ao descer do ônibus que tomei para aqui chegar, embaixo desse azul celestino, desse sol forte, sereno e Severino, andando tranquilo rente ao trecho margeado pelo muro externo do Jockey Club, senti-me só. Mas não confundam com carência. Era uma solidão diferente, como se meu futuro fosse descarrilar dos trilhos da certeza a qualquer momento.

Uma solidão que me foi presenteada em uma bela tarde primaveril, num dos lugares mais bonitos que conheço. Uma solidão que não é alegre, nem triste,

nem nostálgica. Uma solidão não maior nem menor que eu, uma solidão que veste cintura cinquenta e dois e calça tênis quarenta e cinco. Uma solidão que eu consigo vestir e me sentir confortável, que me cabe, que me comporta e eu a aceito.

Uma solidão necessária para que eu tenha tempo de refletir minha vida, para que eu possa elaborar novos rumos e perspectivas a serem escolhidos, para que eu possa usar meu processo criativo, para que eu possa ser esse eu que só se apresenta a mim na companhia dessa solidão e de mais ninguém.

Acho que é por isso que estou a fim de convidar a moça ao lado para um café: não quero esse enfrentamento. Esse outro eu nessa solidão é rigoroso demais. Sabe verdades demais. Esfrega-me na cara os meus desmazelos, vacilos, burradas. Recrimina-me. Critica-me. E isso é bastante desconfortável. Sinto-me indefeso e propenso a concordar com tudo, sem contra argumentar, por saber ser tudo verdade.

Bem, para afastar-me desse outro eu, é necessário um outro ser que o deixe também pouco à vontade, outra pessoa diferente de nós, estranha a nós. Vou tomar coragem e convidar logo essa moç... ora, vejam só, levantou-se... se foi... não vou segurar-lhe o braço e lhe pedir que não se vá... romântico demais, geraria conflitos típicos de uma novela, conto ou romance e não de uma crônica. É... mas que coisa, não, ela se foi mesmo... até parece que me ouvia com essa

sua saída sorrateiramente alheia à minha vontade... que quis me dizer “não serei um mero objeto dessa sua sandice emocional-literária, senhor! Se sua proposta fosse ao menos outra...” – mas são apenas conjecturas desse meu eu criativo, já mostrando a que veio... desbaratar-me a tarde... sozinho outra vez... quatro horas sozinho agora... quatro longas horas... como no princípio... quatro horas *ruminativas*, autorreflexivas... quatro solitárias horas... só... apenas eu... sozinho... bem, sozinho não... acompanhado, né... eu, minha solidão e esse outro eu despótico... vá lá... vamos nós três tomar um expresso, então, por minha conta.

3ª menção:

Alessandro Soares

Videira/SC

Língua nos dentes

O guri estava sempre na calçada em frente ao nosso prédio. Minha mãe entrava ou saía, sozinha ou com os filhos – eu e meu irmão –, e ele fazia plantão. Pela manhã, à tarde e até certa hora da noite, perambulava pela quadra, brincava solitário com algum carrinho de plástico esquecido ou simplesmente chutava pedregulhos de um lado a outro da rua.

Regulava em idade conosco, devia ter uns oito ou nove anos, mas era mais magro e franzino, queimado de sol, cabelos sem corte. Reparávamos no *short* desbotado e na camiseta listrada com alguns furos, usados diuturnamente. Muito simpático, sorria sempre, porém, nunca dizia nada. «Não tens mãe? Não tens família?», mamãe perguntava e ele não respondia.

Quando íamos à padaria, voltávamos com alguns pães a mais, às vezes com um sonho ou bolo. Nos revezávamos para estender o embrulho até que seus dedinhos de unhas sujas agarrassem o presente com firmeza. Mostrava os dentes e meneava a cabeça, sem

dizer palavra. “Acho que ele é mudo”, eu arriscava. E minha mãe me mandava calar a boca.

Na semana em que o general Figueiredo visitava a cidade, o guri sumiu por uns dias. Isso era novembro de 1979. Havia tropas e policiais à beça nas ruas, estudantes em marcha e um clima de iminente revolução. Achamos que poderia ter sido levado para algum abrigo ou que talvez tivesse um lar como o nosso, com mãe, irmãos, comida farta e boas roupas.

Depois reapareceu. Quando saí do prédio para comprar um cachorro-quente na praça, cruzei com ele. Comi o meu ao lado do carrinho, numa esquina próxima, e pedi outro para viagem. Também separamos as roupas que não usávamos mais e as repassamos ao moleque. Na manhã seguinte, já se apresentava com calção menos puído e camiseta sem rasgos.

Em conferência, no quarto do meu irmão menor, ficou decidido que convidaríamos o mascote para subir e tomar um café conosco, à mesa, como se fizesse parte da família. Minha mãe voltava do supermercado e fez o alerta: “Amanhã, às cinco da tarde, venho te buscar pra tomar um café lá em cima com a gente”. Ele sorriu de orelha a orelha, calado como sempre.

No fim do dia seguinte, o piá estava sentado nos degraus da portaria. Banho tomado, cabelos penteados, calça jeans e uma camisa quase nova. Ao lado dele, mais quatro crianças, de idades e cores variadas, todas igualmente arrumadinhas, prontas para

fazer uma refeição em nossa casa. “Eu convidei só tu, seu linguarudo!”, foi como mamãe o dispensou.

Tivemos de chamar a polícia a certa altura. Aquela pequena gangue de esfomeados passou a atirar pedras nas janelas do apartamento, que não ficava num andar alto. Ainda rondaram a vizinhança por um tempo, até sumirem de vez, o guri entre eles. Nós também acabamos mudando de bairro. E nunca mais oferecemos café a nenhum desconhecido.

CONTO

Comissão Julgadora: Carlos Giovani Delevati Pasini – ASL
Leonardo Brasiliense – Escritor
Najara Ferrari Pinheiro – UFN
Rodrigo Jappe – UFN

PREMIADOS CONTO

1º lugar: Minha primeira bicicleta não era minha
Luiz Henrique Aguiar – Mage/RJ

2º lugar: Elizabete
Eduardo Ferreira de Souza – Santo André/ SP

3º lugar: Caminho
André Telucazu Kondo – Taubaté/SP

Incentivo local: O rio entre o pai e o filho
Fabricio Leão Corrêa – Santa Maria/RS

1ª Menção: O Velório do Sr. Orvílio
Tiago Raul Feijó Silva – Guaratinguetá/SP

**2ª Menção: A invisível misancene do amor vista pelo bu-
raco da fechadura**
Luiz Henrique Aguiar – Magé /RJ

3ª Menção: Contemplação
Priscila da Silva Campos – Ijuí/RS

1º lugar:

Luiz Henrique Aguiar

Mage/RJ

Minha primeira bicicleta não era minha

Ainda ouvi minha mãe gritando: *Volta aqui, menino! Parece um cavalo desembestado. Vai aonde?* Assim mesmo, feito cavalo desembestado, eu pedalei até o cemitério. Foi a primeira coisa que fiz, mas, agora, em frente ao portão, não tenho coragem de entrar. Montado no meu cavalo verde, pedalando em círculos, fico de longe olhando os túmulos e lembrando dos anjinhos no dia do enterro.

Uma semana antes, eu também estava aqui, mas a pé. Fazia um calor dos infernos, a garganta já seca, e minha cabeça lá na varanda da D. Lourdes. Com quem vai ficar a bicicleta? Bosta, ela morreu e não vai mais aparecer no salão aos sábados. Morreu e me deixou sem bicicleta. Onde a senhora vai conseguir um salão pra deixar o cabelo cheio de cachos, quicando ao vento, igual aos daquele anjinho ali? Descobri, debaixo do sol, que tem muita estátua de anjo no cemitério.

Anjo sem farda, D. Lourdes. Conseguiram colocar um vestido na senhora? Vai que um deles me ajuda. Aqui tem um, ali outro, mais um lá na frente. *Mãe, anjo existe? Ele voa de verdade? Gente pode ser anjo? Seu pai já tá vindo, garoto. Essas perguntas difíceis você faz pra ele.* Ela podia virar anja e deixar a *barra forte* pra mim. Mas nunca vi anjo de farda, nem com cara de velha rabugenta. Ops, meu pai disse pra não chamar de velha, é falta de respeito; é pra chamar de senhora. Pronto, *Paulinho, a gente cumpriu nosso dever. Ela te tratava como neto. Que descanse em paz.* Ele fez questão de ir ao enterro. No início, desconfiou da D. Lourdes, achou estranho tanta simpatia por mim, ainda mais depois das minhas estripulias, mas ela era sozinha – ele dizia –, e só queria mesmo uma companhia pras suas rabugices.

Depois do enterro, já em casa, troquei a roupa e ainda esperei pelo almoço; engoli a comida e corri pra ver a bicicleta. Chegando lá, vi um guri da minha idade trepado na minha magrela, pedalando em volta do caminhão de mudança, e vi também uns homens colocando a televisão e a cristaleira pra dentro. Fiquei da esquina espiando com o coração na mão. A mãe dele gritou, ele entrou no carro, e partiram. O homem pegou a *barra forte* e jogou dentro do caminhão. Estiquei o braço e quase gritei: *Não, não, a bicicleta não.* Sabia que de anjo ela não tinha nada. Pelo menos, o vaso de *Mura-no vermelho* eu quebrei.

Não era a bicicleta dos meus sonhos, mas uma

barra forte dava pra pedalar bem. Eu sonhava mesmo com uma *berlineta*, igual às dos meus amigos: a do Pindá é azul, a do Francis é abóbora, coral, sei lá, e a do Serginho, preta, cheia de adesivos. Eu só tinha a *barra forte*, emprestada, aos sábados, e por apenas duas ou três horas. Nem ligava em subir numa bicicleta vermelha e com cestinha. O importante era sair pedalando com o vento na cara.

O próximo sábado vai chegar, e eu, sem bicicleta, vou ficar em casa. Aquele garoto devia ser o neto dela que nem sequer visitava a avó. Já devia ter uma *berlineta* ou uma *monareta*. Pra que a *barra forte*? Bicicleta de gente velha. Quem aguentava a avó dele era eu, uma senhora cheia de rabugices. Duvido ter paciência pra trocar os móveis de lugar quase toda semana. O passatempo dela era comprar cozinha nova, trocar os móveis de lugar e deixar o chão brilhando. Onde já se viu ter duas cozinhas, uma pra usar e outra pra nada, só pra comprar e exibir?

Será que vai aparecer outra mulher na minha vida? Olhando de perto, era até bonita; tinha o sorriso bonito, a pele branca. Mas as roupas eram estranhas; pareciam fardas, cheias de botão, marrom, bege, verde, azul, tudo a mesma coisa. Minha mãe ria e dizia que era pra combinar com o marido, um capitão, tenente, major, sei lá. Nunca vi D. Lourdes de vestido ou saia; era sempre calça comprida e uma espécie de jaleco, de terno, estranho. Assim ela vinha empinada na *barra*

forte vermelha, com lenço na cabeça e fardada. Não cumprimentava ninguém, um bom dia aqui, um como vai ali, e só. Estacionava na calçada, entrava no salão e ficava quase três horas todos os sábados. Fazia cabelo, sobrancelha, mão, pé e falava que o filho era bem-sucedido; mas não visitava a mãe. Quando saía, era outra mulher se não fosse o uniforme. E voltava pedalando com os cachos dos cabelos balançando ao vento.

Assim eu conheci minha *barra forte*, assim eu conheci minha dama. *Sabe dançar bolero, Paulinho? O quê?* Tinha dias que D. Lourdes inventava de dançar bolero comigo. *Vou te ensinar.* É fácil: são dois passos pra lá, dois pra cá. Aprendi com o Valter (o falecido marido); *ele era um tremendo pé de valsa.* Ligava o toca-fitas, e eu só ouvia a voz de um homem cantando *quizás, quizás, quizás.* Eu gargalhava ao invés de dançar. *Você ainda vai me agradecer por saber conduzir uma dama,* ela sempre dizia.

Quando botei pela primeira vez o olho na *barra forte*, meu pai estava trabalhando como pedreiro numa casa em frente ao salão da Kelly. Eu estava de castigo e fui obrigado a ficar perto dele pra poder me vigiar. O castigo foi porque inventei de juntar dinheiro pra comprar uma bicicleta. Escondido do pai e da mãe, eu passava horas num posto de gasolina calibrando os pneus dos carros. Só aparecia em casa pra almoçar. Com as gorjetas dos motoristas, eu calculei seis meses

pra ter quase todo dinheiro pra comprar pelo menos uma usada. O pai descobriu, ganhei uma surra, um sermão e o castigo.

Durante o castigo, percebi D. Lourdes vindo ao salão todos os sábados de bicicleta. Mas só naquele dia, a magrela vermelha chamou minha atenção. *Dona, o pneu traseiro tá meio vazio.* Ela deu uma olhada e sacudiu os ombros. *Se quiser, eu levo ali no borracheiro e encho pra senhora.* Agradeceu e disse que depois resolvia. Voltei e fiquei sentado em frente à casa. Quando saiu, três horas mais tarde, eu reforcei: *Dona, não esquece de ver o pneu.* Sorri e dei um tchauzinho.

A semana passou, a escola também, e eu, já livre do castigo, fiquei dia e noite planejando um jeito de acompanhar meus amigos na trilha até a Boca do Mato. No sábado, meu pai estranhou porque eu quis ficar na obra. *Ah, pai, é chato ficar em casa. Gosto de ver o movimento.* Às nove horas, ela estacionou e não esqueceu de olhar pra mim, dando um olá com a mão. Dali a pouco, a turma passou gritando: *Vem com a gente, não, Paulinho? Pego vocês no caminho. Pai, vou em casa rapidinho fazer cocô.* Atravessei a rua, montei na barra forte e fui.

Subimos, descemos, apostamos corrida, soltei os braços numa felicidade sem fim. *Que horas tem, Serginho? Tchau, gente, meu pai precisa da bicicleta.* Ainda deu tempo de tirar a poeira. Quando ela saiu, olhou a magrela, olhou pra mim sentado, passou a mão

no selim, deu o tchauzinho e partiu.

Se deu certo da primeira vez, por que não daria nas próximas? Pelo menos agora, aos sábados, eu tinha uma bicicleta toda minha. Era só esperar minha dama estacionar, dar o tchauzinho, assobiar pro alto enquanto ela entrava e montar na magrela. Já achava D. Lourdes simpática, mesmo de farda. Foram uns quatro sábados de alegria, pedalando, subindo, descendo, cuidando da *barra forte* como se fosse minha. Até que choveu, choveu muito na sexta.

Pela manhã, já sem chuva, montei guarda em frente ao salão. Dito e feito: às nove horas, vejo a *barra forte* vermelha vindo sozinha na minha direção; já nem via mais D. Lourdes. Antes de entrar no salão, ela ainda espiou o céu carregado. Encontrei os moleques no início da estradinha da Capela. Combinaram uma trilha pela estrada de barro. *Vai não, Paulinho?* Fui. Na volta, resolveram passar no meio dum pasto. Não tendo como pedalar, ficamos atolados na lama até a cintura com a bicicleta nas costas. Como nenhum dos garotos apareceu em casa, chamaram a polícia.

Meu pai é um evangélico pobre, severo e não admite mentira nem desobediência de filho. Depois de esquentar minha bunda com o cinto, foi comigo à casa da D. Lourdes pra se desculpar pelo roubo da bicicleta. Sem saber, ele fez a coisa certa. Ela disse na cara do meu pai que não foi roubo. *Como, D. Lourdes?* Ele ficou sem entender nada; eu também. Ela me via pegar a

barra forte todo sábado às escondidas. Logo percebeu meus olhos compridos pra bicicleta. Da primeira vez, ficou apreensiva, mas, quando viu a magrela limpinha na porta do salão, passou a confiar em mim. Como ficava parada mesmo umas três horas, não via problema em deixar o menino aqui se divertir um pouco. *Seu filho sempre deixou a bicicleta limpa e os pneus calibrados. Se o senhor quiser dar algum castigo, deixa ele tirar toda a lama e deixar ela brilhando. Posso, pai?*

A partir dali, era só eu chegar da escola e almoçar, e sempre com a autorização do meu pai, passava na casa da D. Lourdes pra ver se precisava de algum favor. Seu Elzébio, meu pai, só permitiu se não houvesse pagamento em dinheiro, se eu não faltasse à escola e se a bicicleta fosse emprestada aos sábados pra eu não me acostumar com uma coisa que não era minha. Foi assim que eu passei a frequentar a casa da D. Lourdes e a conhecer suas maluquices, suas rabugices, sua mania de limpeza, não toque nisso, não mexa naquilo, cuidado com as plantas. Descobri então suas duas cozinhas: a dentro e a de fora; a de dentro só usava à noite pra fazer o chá antes de dormir; a de fora pra cozinhar normalmente. Banheiro também tinha dois; sem querer, entrei no de dentro da casa; nunca vi tanto creme, xampu, tanto pote, nem banheiro mais perfumado. Uma vez, quando arrastava o sofá na sala, troquei um vaso vermelho de lugar. *Não toque nesse vaso, por favor. É um vaso de Murano. Meu filho trouxe*

da Itália. Por favor, não toque nele. Quando ela saiu da sala, peguei o vaso, olhei bem, virei de cabeça pra baixo e não vi nada demais. D. Lourdes, Murano fica na China? Tá escrito aqui no vaso.

Esse vaso estremeceu nossa relação por vários dias. Fiquei até com medo de não andar mais na barra forte. Ela inventou de encomendar bolo, docinhos e comprar refrigerante pra comemorar meus doze anos. A festinha foi na casa dela, e só foram meus pais, meus dois irmãos mais novos e cinco ou seis colegas. Meu pai não queria, não tinha dinheiro pra ajudar, agradeceu muito, mas ela insistiu, dizendo que seria uma coisa simples. A festinha rolando, meninos correndo e brincando no quintal, até eu chutar a bola que entrou pela janela da sala e quebrou o vaso de Murano vermelho. A festa acabou.

Só duas semanas após o vaso se espatifar no chão, ela voltou a usar a bicicleta pra ir ao salão. Fiquei sentado de cabeça baixa no meio-fio. Paulinho, acho que o pneu tá vazio. Você pode calibrar pra mim? Muito tempo depois de fazer as pazes comigo, ela revelou que o vaso não era verdadeiro. O filho mentiu pra mãe. Felizmente, tudo voltou ao normal: aulas de bolero, troca-troca de móveis, paga uma conta ali, faz uma compra aqui, e as aventuras de bicicleta aos sábados, até o dia em que minha dama não apareceu no salão. Nove e meia, dez horas, e nada. Cadê D. Lourdes?

Foi a primeira vez que entrei no cemitério. Só

fui porque o pai obrigou. A mãe nervosa porque tinha muito serviço em casa, e eu doido pra vigiar a *barra forte*, sozinha e abandonada naquela casa. É, D. Lourdes, a senhora cuidou tanto dos cabelos, das unhas, cuidava tanto da casa, e esqueceu de cuidar do coração. Entrou na loja, talvez pra comprar outro móvel, outro fogão ou um jogo de panelas novo, saiu e caiu morta na rua. Quando a Kelly me contou, corri feito doido até lá e vi um movimento diferente na casa, muita gente estranha. Não tive coragem de entrar.

Durante a semana, inconformado por não ter mais a magrela vermelha, chorei como nunca, chorei alto, esperneei, sempre no quintal pra não irritar meu pai. Minha mãe se condoeu da minha tristeza porque eu era o único da turma sem bicicleta. E ele, todos os dias, com a mesma ladainha: *a gente é pobre, e o dinheiro que eu economizo é pra consertar o telhado da casa, cheio de goteiras*. À noite, cansado de tanto chorar, dormi. Acordei abraçado a um balde. Olhei ao redor e havia baldes por toda casa pra colher a água que pingava do telhado. Meus irmãos menores também dormiam abraçados a baldes. Um toc toc sem fim de água batendo nos baldes. A casa alagada pela chuva. Mas eu estava feliz porque, mesmo abraçado ao balde, via minha bicicleta nova em cima da mesa. *Acorda, menino. Vai se atrasar pra escola*.

Primeiro sábado de saudades e tristeza. *Vem, não, Paulinho? A gente vai subir o morro até a igreja*

matriz? Ainda pensei em ir pra frente do salão da Kelly, mas, desanimado, bati o portão de casa e entrei. Um caminhão parou, buzinou, bateu palmas. É aqui que mora Paulo Henrique Gomes da Silva? Paulinho? É verde, verde, uma *berlineta* verde, minha segunda bicicleta é uma *berlineta* verde. Ela comprou a bicicleta, saiu da loja e virou anjo. *Anjo existe, tem cara de velha rabugenta e usa farda.* Ops, desculpa, D. Lourdes, mas é só isso que consigo pensar aqui no portão do cemitério.

2º lugar:

Eduardo Ferreira de Souza

Santo André/ SP

Elizabeth

*O truque mais esperto
do Diabo é convencer-nos de que ele não existe.*
Charles Baudelaire

Para mim era a mais linda do bordel.

Não fazia programa porque era namorada do proprietário que, diziam, era do crime organizado.

Só isso eu sabia, mais nada interessava.

Sorriso simpático, distante e artificial como o de uma gerente de banco. Fiscalizava mesas, funcionárias e palco. Alta, magra como modelo, cabelos curtos e femininos, algumas sardas ruivas no rosto pálido.

Desde o primeiro momento me fascinou. Não era a mais bela, não era a mais atraente e como se não bastasse era inacessível. Quem entende essas coisas... ?

Depois dizem que não há amor à primeira vista.

Fui lá durante meses; sozinho, com um amigo ou com vários. Hipnotizado, acompanhava seu andar melíflu e incessante.

Não falava comigo. Guardava distância e nem me

dirigia olhar. Agia como agem as mulheres que se sabem observadas e não desejam incentivar o flerte.

Eu bebia, conversava com as gurias e não saía com ninguém. Eu não sabia exatamente o que eu queria, o que esperar, só entendia que pagar um programa com qualquer outra diminuiria as minhas reduzidas e hipotéticas possibilidades de ter algo com Elizabete.

Numa dessas noites, distraído, ouvi a voz rouca e encantadora:

– Ah, Mário Quintana... Muito bom...

Susto. Elizabete havia se aproximado e olhava a sacola entreaberta onde se via livros que eu havia acabado de comprar na livraria da avenida. Uma prostituta que gostava de poesia? A surpresa me calou enquanto a via se afastar. Foi só no dia seguinte que aproveitei uma de suas idas e vindas de inspeção pelo salão e a interpelei:

– Então gosta de Mário Quintana?

Assim, ela em pé, eu sentado, penumbra no bordel, descobri a apreciadora de literatura.

Não apenas Quintana; principalmente Quintana. Além dos poemas mais conhecidos, análises, biografia, nomes de livros. Tudo durante a conversa de uma noite entrecortada por seus afazeres.

As noites se passaram. Ela cumprimentava e sorria, mais simpática, mais receptiva. Percebi que quando o namorado estava no escritório do bordel era mais reservada; quando não estava, era mais sorridente.

Até que tomei coragem e a chamei para sair. Ofendeu-se e, fria, antes de se afastar pelo resto da noite, disse:

– Se enganou. Não faço programa.

Voltei arrasado para casa. Noite seguinte recitei a fala decorada durante a insônia:

– Sei que não faz programa. Gostei de você. É difícil encontrar gente interessante...

Voltamos às boas e no final da noite ela me disse:

– À noite não posso. Podemos almoçar amanhã.

Foi pleno de felicidade que a encontrei no centro da cidade naquele dia. Conversamos, conversamos, rimos, rimos...

O almoço se prolongou até o final de tarde mágico quando o beijo de despedida se tornou introdução de uma noite em que ela dormiu em casa. Moro num rancho, parte minha na herança de meu pai. É isolado, porém ajeitado. Após o amor, naquela madrugada, ela contou sua história, triste como, em geral, são as histórias que levam à prostituição. Da infância pobre até conhecer Carlão o dono do bordel. Homem rude, ligado ao crime organizado e que a tratava como propriedade na cama e como funcionária no negócio, obrigando-a a gerenciar sem salário.

Quando começou a lacrimejar eu a convidei para morar comigo, sem pensar, sem ponderar:

– Aceite e vamos recomeçar nossas vidas.

Ela aceitou e no dia seguinte trouxe suas roupas.

Dava gosto vê-la todo o dia quando eu chegava do trabalho, faceira, a limpar e cozinhar. Cuidava da casa e de mim não descuidava. Sempre um sorriso a me esperar. Elizabete era como um poema de Mário Quintana: lindíssima em sua simplicidade; despojada e deslumbrante a um só tempo.

Comprei um cão para nos fazer companhia e eu que nunca me interessei em dirigir financiei um automóvel, para facilitar sua locomoção. Assistíamos a filmes, liamos um para o outro e nos amávamos. Quando nada disso fazíamos, conversávamos e ríamos. Assim, aos poucos, ela me apresentava à felicidade. Acreditem: não havia homem mais feliz em todo o Rio Grande.

Naquele dia horrível eu estava no quarto e ouvi vozes altas na sala. Corri e encontrei Carlão com Elizabete, apavorada. Mandei que saísse e ele, com a voz de controlado nervosismo, respondeu:

– Vou sim, e minha mulher vai junto.

Enquanto ela corria para o interior da casa trocamos mais algumas palavras ásperas e preparei meu corpo para a luta. Seria difícil: ele era bem maior que eu. Foi quando ouvi um estrondo às minhas costas e vi o corpo de Carlão saltar para trás.

Elizabete de trás de mim empunhava a antiga espingarda de caça de meu pai esquecida no quarto dos fundos. Corri para acudir Carlão que jazia com um balaço no peito. Agoniado eu disse a ela:

– Por que fez isso? Não precisava disso, meu Deus!...

– Ah, meu Deus... Ah, meu Deus.

Abracei-a ainda atônito. Disse que precisava chamar a polícia.

Ela se apavorou e disse que iria presa porque o namorado já havia, por pura maldade, aberto boletim de ocorrência contra ela, por roubo ou algo assim. Tentei convencê-la que ninguém a condenaria, a verdade era que Carlão invadiu nosso lar. Elizabete então deu a ideia:

– Você podia dizer que ele invadiu e você exerceu seu legítimo direito de defesa contra o invasor...

Assim que terminou de dizer seus olhos demonstraram arrependimento pela sugestão. No entanto, era tarde: eu havia comprado a ideia. Mande-i-a embora. Para todos os efeitos ela nunca havia estado lá, o lugar era isolado e ninguém a havia visto.

Chamei a polícia que me levou para a cadeia onde soube que o tal Carlão nunca foi do crime organizado. Era apenas um imigrante trabalhador que resolveu investir num negócio escuso.

Meu advogado providenciou o *habeas corpus* e iniciou-se um período em que eu tinha de me apresentar quase semanalmente às autoridades.

Da primeira vez que compareci soube que Carlão e Elizabete eram legitimamente casados e que ele havia deixado um seguro de vida para ela.

Um milhão.

Mesmo nos interrogatórios mais pesados nunca

falei nada sobre Elizabete. Não a conhecia e ela nunca havia estado no sítio. Disse que devia dinheiro no bordel e Carlão adentrou em meu rancho com agressividade para cobrar.

Mantive a história e a serenidade mesmo quando um dos policiais disse que Carlão havia falado a um amigo, horas antes de sua morte, que recebeu telefonema de Elizabete pedindo que fosse ao seu encontro.

O endereço era o do rancho.

Hoje respondo ao processo em liberdade e, enquanto passa o tempo, desenho minha saudade em forma de palavras na tela deste computador.

Evito sair de casa porque ela pode aparecer de repente. Pode aparecer por nostalgia, por amor, ou por descuido. Pode aparecer para gastarmos o dinheiro do seguro juntos ou pode aparecer sem dinheiro nenhum.

Não importa.

O que importa é que apenas fui feliz enquanto Elizabete esteve aqui.

Além disso, uma mulher que gosta de Mário Quintana não pode ser de todo má pessoa.

3º lugar:

André Telucazu Kondo

Taubaté/SP

Caminho

Foram as bombas que começaram a cair em Tóquio que me mostraram o caminho do amor. Quando a sirene tocou, lancei, imediata e desesperadamente, o olhar em direção ao rio Sumida. Eu poderia ter ficado com medo das explosões, desorientado com os ruídos metálicos da guerra; poderia temer pela minha vida. Mas eu nem cogitei em pensar em mim naquele momento. Tudo o que se passava em minha mente era você. Saí correndo de casa, não para fugir, mas para buscar o seu abraço, para saber se você estava bem. A primeira explosão fez o chão tremer. Em seguida, uma violenta língua de fogo lambeu os arredores. Em segundos, o meu bairro inteiro foi engolido pelas chamas. Penso que se não tivesse sido por você, talvez eu tivesse titubeado e ficado um pouco mais em casa, um pouco mais que significaria o nada. Teria morrido se não fosse por você. Sempre, você.

Havia uma terrível sensação de urgência em meus passos. Enquanto o desespero movia os corpos que

ainda possuíam vida e força suficiente para fugir, a única coisa que me movia era o amor.

Eu poderia ter pensado em meus pais. Preocupar-me com eles. Sinto vergonha de não ter pensado neles naquele instante em que o céu se incendiava com tanto brilho. Mas o amor nos cega... e nos faz nos apaixonar pela escuridão. Tudo o que eu queria era te abraçar.

Um dia, pensei que havia deixado de te amar. Mas não. Tentei encontrar nos braços de outra pessoa o sentimento que só poderia ser seu. Eu poderia ter pensado nela, quando as bombas caíram. Estaria bem? Mas eu não olhei em direção ao Parque Ueno, para os lados em que ela trabalhava. Olhei em direção ao rio Sumida, para o exato ponto da margem em que eu te resgatei do afogamento. Salvei sua vida uma vez. Em retorno, você salvou mil vezes a minha. Se não tivesse te conhecido, eu só teria existido, não teria conhecido o que era, de fato, viver. Sim, você me fez viver. Só a partir daquele instante, em que os nossos lábios naufragos se tocaram, insuflando o ar dos meus pulmões pela sua boca, que eu passei a viver em você e você passou a viver em mim.

Os corpos agonizavam sob os escombros. Eu poderia/deveria tentar salvá-los. Mas, quando as pessoas não têm os nomes delas gravados em nossos corações, elas passam a ser apenas corpos apagados, pois é apenas pela caligrafia da pessoa amada que ansiamos. Só hoje lamento ter sido tão cruel... Nenhum grito al-

cançava os meus ouvidos, apenas a sua voz preenchia o meu silêncio.

Não percebi que a cidade que eu tanto conhecia sumia a cada passo que eu dava. Eu só passei a perceber que o mundo se consumia quando abri a cartografia do coração. Então vi que nosso restaurante perdia os seus sabores sob o fogo muito forte que o arruinava, os caminhos que havíamos percorrido juntos se deterioravam debaixo de meus pés, como se eu caminhasse por uma alameda do passado, pela qual eu não poderia voltar.

Não pensei em minha casa sendo destruída, pois desde que você partiu de lá, ela havia deixado de ser um lar. Suas paredes apenas guardavam a sua lembrança, como um imenso oratório em sua memória, a sua foto ao centro do *hotokesan*. Se por um segundo pensei em minha/nossa casa foi apenas por saber que sua lembrança ainda estava impregnada nas tábuas, telhas e assoalhos daquela velha construção. Pensei na casa como um incenso que se oferece às almas, a casa inteira se vaporizando, subindo em nuvem apenas para que você morasse nela, mais uma última vez.

Ao chegar às margens do rio Sumida, você estava lá, se afogando novamente, repetição exata de como havia sido da primeira vez. Saltei na água para resgatá-la. Nesse exato momento, uma grande explosão varreu as margens do rio. Eu estava protegido, abraçado pelas águas. Quando retornei à superfície, você não estava

mais em meus braços. A lembrança havia se dissipado totalmente. Quando retornei à realidade, tudo ao meu redor parecia um pesadelo. A cidade em chamas. Milhares de mortos. Mas, mesmo assim, a única coisa em que pensei foi em você. Foi em você às margens do rio Sumida, os olhos se abrindo em flor, para a primavera dos nossos dias, antes de qualquer guerra, quando apenas existia a paz do seu abraço...

Incentivo local:

Fabricio Leão Corrêa

Santa Maria/RS

Rio entre o pai e o filho

O pai nunca foi o que era esperado para a função. O filho, por sua vez, não fez questão nenhuma de agradá-lo. Nem sequer seguir seus passos. Pelo contrário, fugia de tudo que lembrasse ser do gosto do pai. Mas não era ignorante a ponto de odiar aquilo que era do gosto de ambos. O filho não seguia o exemplo do pai e nem conseguia encontrar-se no seu próprio caminho. Assim, cresceu a distância entre eles e entre o filho e si mesmo.

O filho estava sempre no meio do rio, sendo levado pela correnteza junto aos outros. Não conseguia estacionar em nenhuma margem, pois se perdia o tempo todo. Remava ora para um lado, ora para outro. Quando se aproximava de uma margem via nela reflexos do seu pai, ou quando não as encontrava, sentia medo de seguir sua intuição e ser logo atacado por algum monstro escondido que o esperasse. Só que ficar por um longo tempo navegando pelo rio tem suas consequências, como o enjôo. Quem navega

muito, sente-se enjoado do eterno remelexo do barco. O filho sentia-se recorrentemente enjoado, mas não conseguia expelir o vômito e acalmar a sua ânsia. Guardava dentro de si o que ansiava por regurgitar. Assim, seguia a correnteza, sem coragem de descer em margem qualquer e nem de por para fora o fruto do enjôo. Estava a ponto de explodir com todos esses temores e balanços que não despontavam em lugar nenhum. Cansado de ficar enjoado, cansado do medo de descer em uma margem desconhecida, medo, inclusive, de pular na água. O barco estava sempre em movimento, mas o filho, sobre a embarcação, estava paralisado. Movia-se sem conseguir mover-se. Que ironia do seu destino. Pensou tanto sobre que caminho não seguir, que esqueceu que para algum deveria ir, do contrário permaneceria estagnado. Lá estava ele então, descendo rapidamente a correnteza sobre o barco de madeira, olhando as estrelas. Dentre seus vários pensamentos - esses sim, nunca paravam no mesmo lugar - deu-se conta de que o barco não aguentaria para sempre. As madeiras já estavam velhas e com as pedras que poderiam aparecer no percurso não haveria como crer que estivesse seguro ali. Caso algo mais grave acontecesse precisaria pular na água e nadar até a margem mais próxima, independente do que nela tivesse. Dormiu.

Como se as estrelas já soubessem do seu destino e estivessem mandando um aviso na noite anterior ao

iluminar seus pensamentos, o filho acordou com as costas úmidas e o barco parado. Levantou a cabeça e viu que estava preso a umas pedras, e o casco do barco com duas tábuas rachadas. Não havia nada ao alcance que pudesse usar como remendo. Estar nesse barco já era um remendo que dava a sua própria dúvida do que ser ou não ser. Havia chegado o momento de agir. Caso continuasse ali, paralisado como havia se habituado, afundaria como pedra no meio das águas escuras e jamais veria a luz do dia, o azul do céu e o brilho intenso das estrelas que o guiavam rio abaixo.

Estava mais próximo da margem direita do rio, poderia até nadar, correndo o risco de ser engolido por alguma criatura das profundezas da água. Quase sem pensar e com medo de se arrepender no meio do caminho, pulou. Sentiu o frio e a densidade daquela água por todo seu corpo. Estava acostumado a tocar sua superfície, mas nunca havia sido engolido por inteiro pela líquida imensidão escura pela qual flutuava a anos e anos. Enquanto nadava até a margem direita, sentiu medo, frio e ao mesmo tempo o brotar de uma intensa energia absorvida da água e que se espalhava por todo o corpo, latejando como dor de dente. Mas sem doer.

Chegou à margem, agarrou-se nas plantas que sustentavam a terra para que não fosse levado pela correnteza. Ficou em pé e pela primeira vez sentiu a terra firme sob seus pés. Pela primeira vez conectou-se

à terra e sentiu que ela sugava sua desesperança e o alimentava assim como fazia com a vegetação rasteira que beijava a beira do rio e as árvores frondosas que se nutriam e protegiam a terra que a sustentava. Sentiu-se forte.

Procurou abrigo dentre as árvores. Só não esperava encontrar, ali no novo mundo, vários seres que a muito tempo temia. Nunca tinha os visto, mas sabia que existiam. Sentia sua presença. Eram, de fato exatamente como nos seus sonhos. Pode ver entre os galhos, de relance, os seres que o olhavam profundamente. Cada movimento seu era sutilmente guiado, nada lhes escapava. Qualquer deslocamento fora do padrão gerava um ruído feroz nas criaturas. Ruído esse que irradiava através do olhar amedrontador que lançavam sobre o filho. Quando se deu conta estava mais paralisado do que dentro do barco. As criaturas conduziam seu modo de se mover, respirar, falar, qualquer ímpeto do que quer que fosse irradiava um arroubo de gritos e olhares fulminantes que imobilizavam mais do que o gelo do norte. E assim foi que, por um breve segundo, o filho deu-se conta do que havia feito e de impulso tomou a decisão: ir para a outra margem. Precisaria ser rápido para pular na água antes que os seres o impedissem. Foi, aos poucos, unido as forças que recebeu da água e a energia trocada com a terra. Olhou para o horizonte, onde estava a outra margem e nela, o seu sentido de viver que esperava

ansiosamente ver germinar em terra firme. Sem olhar para trás, jogou-se na água com o peito aberto. Sentiu, antes de bater na água, o peso dos olhares na sua nuca e o som estridente dos seres que fazia tremer a superfície do rio. Afundou.

Ainda embaixo da água foi mergulhando em direção à outra margem, tirando a cabeça apenas para respirar. As criaturas ainda berravam tentando confundir os seus sentidos, mas ele estava determinado a chegar do outro lado. Sentiu as plantas na beira da terra e foi se agarrando nelas, buscando forças para subir. Sentiu o chão novamente, levantou-se da água e ouviu a profundidade do silêncio instaurado no que antes era caos. Seu corpo estava exausto pelos dois mergulhos, pelo peso paralisante das criaturas e todo o esforço que fizera para chegar a margem esquerda. Extremamente cansado e ofegante, jogou-se no chão verde de gramíneas e apagou.

Acordou com seu vômito saindo, preenchendo a boca com um amargor azedo que não parava de sair. Lavou a boca na água do rio, e colheu uma porção de laranjas que estavam caídas debaixo de uma laranjeira. Voltou-se a sentir-se gente e vivo. O líquido da laranja inundava de sabor doce e cítrico a sua boca, carregando a doçura até sua alma.

Ainda desconfiado do silêncio, vagueou o olhar por entre os arbustos a procura de alguma surpresa, fosse boa ou ruim. Temia que alguma espécie seme-

lhante aos seres da margem direita habitasse ali também. Não encontrou nada. Nem grunhidos, nem o peso que pairava no ar quando pulou do rio e habitou o lado oposto. Voltou a dormir.

Acordou e sentiu-se recuperado, limpo. Viu a correnteza afundar seu barco preso às pedras e por um breve instante sentiu medo. Olhou para o infinito que ocupava a margem esquerda, cheia de vegetação ainda desconhecida. Sentiu uma corrente de ar que vinha de dentro do mato com cheiro de verde, flores e umidade. De alguma forma sabia que aquele caminho o chamava. Catou mais algumas laranjas do chão, algo que pudesse carregar sem esforço. Entrou na fina mata que iniciava o caminho e se perdia por entre a vegetação e árvores frondosas. Esse caminho lhe parecia seguro. Ainda. Certamente, na densidade da floresta, encontraria coisas que lhe dariam medo. Porém, sentia que ali não havia nada que o paralisasse. Poderia seguir para onde quisesse, que nada intransponível se poria a sua frente. Apenas a morte.

1ª menção:

Tiago Raul Feijó Silva

Guaratinguetá/SP

Velório do Sr. Orvílio

Quem percebeu primeiro a ausência dele foi Dona Quitéria, a vendedora de geladinhos a todo tempo arrimada ao portão, cara na rua a bisbilhotar a vida dos compadres, as andanças das cunhadas que habitavam quase todos por ali. Dona Quitéria era assim, bem frequente olheira governando cabana e a vida de todos. De repente, achou estranho e esquisito aquele silêncio todo vindo da casa da frente. Cadê a cahorrada? Cadê o homem falando sozinho?

Desgrudou devagarzinho do portão, passeou ali adiante, disfarçou, fez que não fez, limpou o seu mimo de orquídeas de umas folhas amarelecidas, e como a rua estivesse vazia, atravessou em passinho ligeiro o chão de terra batida e lascou a vista aguda pela fresta do portãozinho do Sr. Orvílio. Não viu nem o homem, nem a cachorrada. E voltou atarantada aquilo de ruim comichando dentro dela.

Pela tarde, lá estava Dona Quitéria arrimada ao portão, o olho grande estalado cravado no casebre

da frente, a orelha esticada pra rua a fim de buscar um latido, um rosnado que fosse, ou a voz rouca do homem que falava sempre com ninguém. Passou mais de hora assim, precavida, aturdida, sentinela. Depois não pôde mais, atravessou novamente o chão de terra batida e foi dar palmas na casa da moça Matilde, vizinha do Sr. Orvílio, recém-abandonada pelo marido, com quatro meninos pequenos ainda. A moça Matilda não sabia do Sr. Orvílio, e também estranhou aquele silêncio todo. A cachorrada vivia num rebuliço grande, né? Uma Uma latideira sem fim, né não? Que será que sucedeu? Ninguém não sabia. Pensaram até que tinham levado os cahorros, gente da prefeitura, por causa de denúncia, eram muitos de de tantos. E a noite desceu ligeira, apinhada de estrelinhas, pegando Dona Quitéria e a moça Matilda de conversê no portão, fiando e desafiando conjeturas sobre o paradeiro do Sr. Orvílio e seus trinta cahorros.

De madrugada, cabeça cravada no travesseiro, Dona Quitéria espreitava ainda algum ruído vindo da casa da frente, um latido no meio da noite, um fuzuê de cahorros se estranhando. Na cabeça dela girava lembranças daquele homenzinho sozinho, abandonado de tudo e de todos, bem cedo viúvo, o único filho criado a duras penas, quando deu de voar bateu asas e sumiu, deixando o velho à mercê da solidão. Foi daí em diante que principou aquela coisa de recolher cahorros abandonados e trazê-los pra casa, num

cuidado extremado bernes daqui, colhendo carrapatos dali, pondo nome em todos, sabendo tudo de cada um. A princípio eram três, depois cinco, dali a pouco mais de dez, quinze, agora eram trinta cahorros mais o velho homenzinho, todos abandonados, enjeitados por todos, vivendo á mingua num casebre de quintal miúdo. Homem bom, o Sr. Orvílio, cuidando daquelas criaturinhas sem sem ter como cuidar dele mesmo, ainda pensou Dona Quitéria antes de dormir o seu sono intranquilo.

No dia seguinte, aconteceu um acontecido. Estando Dona Quitéria no portão, na faína dos geladinhos, cercada de guris guloso, viu estacionar defronte a casa do Sr. Orvílio aquele carro bonito, daquela mulher chique que vinha todo mês deixar ali três sacos de ração. Era costumeira, a doação daquela dona. Também ela amante dos animaizinhos, fazia sua parte com aquele gesto do coração, gratuito e pontual. Vendo a mulher dar palmas no portão do Sr. Orvílio, foi Dona Quitéria acudi-la e informá-la da estranha ausência de todos? Até os cachorros? E pra onde foram? Fazia cara de espanto a mulher chique. Ninguém sabe não, dona. Desde ontem que ninguém não vê eles. A vizinhança tá achando estranho esse silêncio, nenhum cahorro nem no quintal, olha lá! E a mulher chique espiar pela fresta do portão, e fuçou daqui, fuçou dali meteu o olho em outras frestas, e não viu nem cahorro nem ninguém nem nada. Forçou o portão, esmurrou forte,

chamou alto. Eita mulher danada! Dona Quitéria só mirando as deligências da mulher. Insatisfeita, procurou o trinco, feriu a mão num buraco do portão, deu com um cadeado fechado forte. Aconteceu alguma coisa, gente! Não é possível o homem sumir assim com aquele monte de cahorros! Será que prefeitura esteve aqui, levouos cahorros eo Sr. Orvílio foi atrás? Dona Quitéria achava que sim, era isso que pensava a moça Matilda também. Então a mulher chique se despediu, garantiu que iria em busca de informações na prefeitura, voltava sem falta com novidades e notícias.

A tarde passou sem novas. Apenas alguns vizinhos mais deram falta da cachorrada e do dono deles. A rua padecendo daquele silêncio incomum. Dona Quitéria indo daqui pra lá divulgando a todos a incógnita daquele enigma. Aflitiva, ficou zanzando na rua a tarde toda à espera da mulher chique com suas notícias. Deu até por encerrada a venda de geladinhos, que a gurizada ficasse mesmo com bicha, o assunto em questão era deveras impotante. No princípio da noite, viu-se um pequeno grupo de vizinhos acaselado diante da casa de Dona Quitéria discutindo uma provável resolução do problema, caso a mulher chique não viesse até amanhã.

E a manhã nasceu chuvosa, de uns pingos morosos que tudo molham, forjando grandes poças de lamas na rua de terra batida. Abatida, Dona Quitéria não se aquietava diante daquele silêncio tamanho,

coisa estranhosa por demais, a casa ali defronte quase que apagada, sumida parecendo casa em ruínas, como se estivesse abandonada há anos. De guarda-chuva aramado no portão. Dona Quitéria esperou, espreitou, pleiteou ajuda de um mininote que farreava na lama ali perto, ofereceu a ele uma dúzia de geladinhos se o guri saltasse pra dentro daquela casa ali ó, do Sr. Orvílio, e espiasse o que lá ocorria. O menino cresceu os olhos na oferta, mas parou cismado. E a cahorrada dele, não me morde não? Aí Dona Quitéria fez ver que não tinha mais cahorro nenhum, tinham ido todos embora. O guri então, cabelo molhado e pés descalços no chão, num único pulo, já estava trepado no muro. E logo sumiu lá pra dentro. Dona Quitéria aí se afobou, chamou a moça Madilde, outros vizinhos já davam as caras na rua. Aquilo de ruim dentro dela dizendo que vinha notícias triste, de cortar o coração. E logo apereceu a boca do menino no buraco do portão. A cahorrada toda lá dentro, tudo sentado, calado, parecendo até estátua, olhando tudo pro mesmo lugar sei lá pra onde! Foi um susto só, ficaram todos apalermados olhando uns pros outros. Como você viu isso, menino? E boca no buraco disse que tinha visto no vitrô da cozinha, dava jeito de ver um pedaço da sala, e os cahorros estavam lá, muito calados, parados, feito estátuas, talvez todos. De pronto, Dona Quitéria mandou chamar o filho mais velho em casa, pede pra trazer um vergalhão que nós vamos arrombar o portão!

Quando botarão os pés no quintal do Sr. Orvílio, Dona Quitéria seguida do filho, da moça Matilde e de outros vizinhos, deram de cara com a cara assustada do guri suspeitando coisas. A porta da frente estava encostada, Dona Quitéria abriu. Porque a a casa fosse miudinha, já na cozinha encontraram dois cachorros, sentados solenes, mirando comprenetrados, olhos só de tristeza, alguma coisa na sala. Dona Quitéria pôs a mão no coração, o cheiro forte dos cachorros encobria o ranço de outro odor. Na sala, boquebertos deram com mais uma leva de cães,todos no mesmo gesto,sentados solenes, contemplativos, mirando, como que hinpnotizados, a portinhola dum quartinho do fundo. O que de estranho havia é que os cães nem notaram a presença de intrusos. Desta feita, Dona Quitéria adivinhou o que se passava e se encheu de pesar, os passos pesados dela abrindo caminho entre os cachorros, os seus olhos sobretudo antevendo a desfeliz descoberta. Mas só no vão da portinhola do quartinho foi que ela teve por certeza: espichado na cama, as mãos cruzadas no peito, mortinho-defunto, estava o Sr. Orvílio, solenemente velado pelos seus trinta cachorros.

2ª menção:

Luiz Henrique Aguiar

Magé/RJ

A invisível misancene do amor vista pelo buraco da fechadura

De mãos dadas pai e filho caminham até a parada de ônibus. É manhã de domingo, ninguém tem pressa, o sol de outono não castiga tanto. A criança com seus seis ou sete, talvez, oito anos, calça um tênis que pisca e traz uma mochila de super-herói nas costas. O homem de camisa de botão, lisa e bem passada, penteia cuidadosamente o cabelo volumoso com um pente flamengo preto. As roupas simples e limpas supõem um passeio ou visita a algum parente; afinal, é domingo, o pai está em casa, e isso significa que coisas que só acontecem aos domingos acontecerão hoje.

Completamente alheios a movimentação da cidade, aos carros que passam e buzina, à população de bicicleta indo e vindo, ao colorido do furdunço do dia, os dois só tem atenção um para o outro. Nem o carro de som gritando a promoção do mercado desperta os dois da contemplação mútua. Leves sobre o asfalto da calçada, o filho, animado, gesticula e fala ao pai, talvez

tentando resumir toda semana da escola, as brincadeiras de rua, as estripulias de menino que o outro desconhecia por sair tão cedo de casa para o trabalho e retornar a tarde. O homem atento à narrativa, põe as mãos na boca, faz cara de espanto, corrobora as pantominas do pequeno exagerado nas feições grotescas. São dois amantes que se reencontram sem o mínimo pudor de manifestarem publicamente a alegria de estarem juntos.

Parado do outro lado da rua, dentro do carro, após guardar as frutas e legumes no porta-malas, nada mais assalta meus olhos do que os movimentos dos braços e mãos que comunicam o amor de pai e filho. São dois elegantes dançarinos bailando à revelia da plateia. A criança saracoteia ao redor do homem, com suas mãos pequenas e ágeis, seus cabelos pretos ao vento, os saltos ao invés de passos, tentando a todo custo reter seu olhar, obter dele as reações de surpresa e admiração aos malabarismos e rodopios que o fazem até perder o equilíbrio. Ele se retrai, limpa os joelhos e as mãos, envergonhado pelo tropeço diante do pai, justamente quando executava seu salto acrobático mais mirabolante. Mas o pequeno é artista, não deixa o espetáculo para um só momento, principalmente porque o espectador é muito importante. Rapidamente ergue a cabeça, e sua energia alvissareira retorna num passe de mágica: pronto estou aqui de novo.

De repente, os dois se detém, e o homem se curva para amarrar o cadarço do garoto e ajeitar alguma

coisa fora do lugar na sua camisa. O menino travesso não perde tempo desarruma com os dedos ávidos os cabelos do pai que, instintivamente, não deixa buraco na cena, segura os braços do moleque, pega-o pela cintura e se diverte arremessando-o espaço afora. No voo, o astronauta mirim vai parar nos ombros do pai. Mal vê a terra do espaço, é puxado pelas pernas e destronado de volta ao chão numa pirueta que o desconcerta de tanto rir.

Retornam a curta caminhada de mãos dadas, e o filho, saltidando feito um beija-flor incansável, cantarola uma canção.

Sentados agora no banco do ponto de ônibus, os dedos grossos do adulto, provavelmente um trabalhador braçal, irritam graciosamente o garoto, castigando-o ao ponto de fazê-lo gargalhar. Ele tenta se desvenciliar das mãos fortes e protetoras fazendo cócegas no homem que abre um largo sorriso dando-se naquele momento por vencido.

O menino, então, tal qual um soldadinho de chumbo, põe-se de pé na frente do pai e demonstra também ser forte e alto: eleva com vigor a mão direita à cabeça, comprovando já ser grande, mas senta-se dengoso no colo paterno logo a seguir.

Olhando bem de frente para os dois, observo que o encantamento do pai pelo filho se deve, provavelmente, à formosura do rebento frente aos traços rústicos e desalinhados do adulto. O largo sorriso

dado há pouco revelou nitidamente essas marcas de miscigenação: não é bonito. Tem o rosto bruto, grande, lábios grossos, dentes tortos, e pele ressecada e rugas de expressão precoces. Por isso admira o filho como uma revelação, um desenho de linhas delicadas que seus dedos ásperos tocam com cuidado. Seu olhar vidrado na criança é de quem vê como um presente dado pela vida. Um ajuntamento de graça e beleza que ao mesmo tempo o invade e alimenta de sonhos seus músculos enrijecidos pelo trabalho. Só lhe resta cobrir de beijos as bochechas rosada pelo sol; se pudesse, até as lambe, como um animal lambe a cria recém-nascida.

O pai aproveita pra dar uma vasculhada no ouvido do garoto; com certeza não quer passar por descuidado na visita à casa da avó, da tia, do compadre, sei lá. Checa mais uma vez o alinhamento das roupas do filho, conserta a gola dobrada, retira o pente flamengo do bolso e penteia seus cabelos para o lado. Aproveitando o momento de inércia do pequeno, que tem os olhos fixos em mim, encosta suavemente sua cabeça no peito.

Mantém a criança no colo, entrelaçando-a com extremo carinho, levanta ligeiramente cabeça, olha o céu azul e solta um suspiro. O filho ergue um dos braços e se põe a alisar o rosto do pai enquanto insiste em olhar pra mim.

Um intruso bisbilhotando a felicidade alheia: é esse olhar inquisidor lançado na minha direção. Quem é esse senhor de olhos parados e boca semiaberta,

também alheio à movimentação da rua ao seu redor? Quem é esse homem com a testa suada, flagado como um menino que observa pelo buraco da fechadura? Quem é o espectador inebriado que se assusta quando a quarta parede do teatro é quebrada de repente, e o protagonista do espetáculo o encara, surpreendendo-o com os olhos marejados? Como nosso espetáculo o tocou. Eu percebi isso. Percebi o exato momento em que seus olhos piscaram colocando-o também na cena, perdido e embaçado. Percebi que, por algum motivo, eu e meu pai, com nossa singela apresentação verdadeira, trouxemos lembranças ou mesmo evocamos momentos que jamais lhe ocorrerão. Pobre criatura acuada no seu carro, surpreendida feito criança por outra criança que a esquecerá no próximo minuto.

Ligo o carro pra fugir ao constrangimento, mas um ônibus estaciona na minha frente para descida de passageiros. Ainda reflito se vou permanecer ali ou não, se vou encarar o menino, se vou enecerrar essa história. Quando o veículo parte, pai e filho não estão mais no banco. Por um segundo, a ausência abrupta dos dois causou-me pânico, uma ausência de olhos, um lapso de visão, precipício aberto na minha manhã.

Abro a porta do carro na tentativa de encontrá-los, mas vejo, no outro lado da rua, um ônibus dobrando a esquina e desaparecendo, provavelmente o ônibus que os roubos de mim.

3ª menção

Priscila da Silva Campos

Ijuí/RS

Contemplação

As cores se misturam em diferentes formas e tonalidade. Não há céu e não há terra – apenas o aspecto de fogo e ferro – ambos derretidos. Um ser descorado, assustado. Rosto disforme, desfalecido, tanto vivo quanto morto – *O horror!* A cabeça voltada para frente, mãos negras contorcidas sob a face, a boca aberta, dura, gélida da qual sopra um vento calmo que sibila o medo dissipando-o pouco a pouco.

Do outro lado um homem alto, magro, veste calças escuras, um casaco desbotado, chapéu de palha ressequido, mãos nos bolsos, semblante sério e atento. Ele está calmo. Seus olhos fixos se confundem com a mistura de tons e a deformidade do horizonte a sua frente. Seu rosto sente o vento que sai da boca do outro, mas ele fica ali, parado e indiferente.

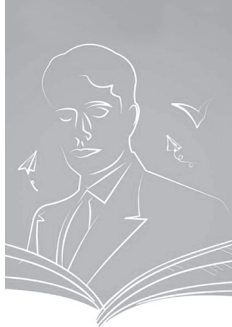
No corredor brancas paredes, negro chão, teto acinzentado, uma antiga janela no canto esquerdo no fundo do corredor. *O vazio.* Um sol tímido e translúcido entra pela janela. *O silêncio.* O homem de chapéu está

lá, ele é parte do ambiente frio. O ser desfalecido está do outro lado da tênue linha. O vento que escapa pela boca dele segue se espalhando, contornando, comprimindo o ambiente. O hálito daquilo que seriam lábios passa a percorrer as paredes pintando-as com um tom mórbido, gotejando tinta em cima do chapéu envelhecido. Porém ele continua ali parado – sendo engolido e engodado pelo olhar que o prende. Seguido pelo vento, o ferro derretido atravessa a linha alcançando seus pés, endurecendo o chão. O céu arrebenta a fina barreira espalhando-se e decompondo o tom cinza do teto em misturas de laranja e vermelho. E aquilo que era calma torna-se uma fúria tão dura quanto o ser em sua frente. O teto e o fogo (simples resquício de um céu) começam a se movimentar como ondas em um mar furioso desmanchando as paredes, arrebatando a janela. O homem continua ali com as mãos ainda nos bolsos admirando a sensação de ser simplesmente absorvido e tragado pelo desconhecido. O céu em chamas e a terra derretida em ferro unem-se. Ele não se move. Ele não se movimenta. Ele não pode se mover. Sem reações. *Por quê?* A linha entre os dois homens dissipa-se e eles estão cara a cara. Aquele que abre a boca tornou-se um espectro, o outro continua estático. Os dois frente a frente, tão próximos que o vento os arrebatava, os engole e tudo explode em um azul que parece verde ou um vermelho semelhante ao laranja.

Sala grande, branca, chão escuro, janelas, na parede central um relógio de parede. O sol ilumina os livros em cima das mesas. Vinte livros, vinte mesas, poucos meninos, muitas meninas. Uma delas sentada no canto esquerdo encostada na parede. Ao longe há conversas paralelas e risadas. Ela ouve um som que cresce pouco a pouco, mas ela continua ali apenas pensando. O som, porém, vai aumentando aos poucos vai despertando-a e revelando uma grande sala branca. Então, ela vê alguns rostos conhecidos. O som que outrora era indistinguível agora já tem um sentido; o seu nome. Em meio ao silêncio das demais crianças, depois de atender ao chamado do seu nome, ela ouve então a pergunta:

- Você ouviu o que falei?
- Não, desculpe-me!
- Então, o que foi que eu acabei de explicar?
- Bem, eu estava ...
- preste mais atenção, certo?
- Sim, senhora.

Às dozes horas o sinal soou, a aula acabou, todos os alunos foram para casa. Ela fechou o seu livro e foi embora. Depois, não se lembrava de mais nada sobre a foto em seu livro de artes: um homem de casaco desbotado, vestindo um chapéu velho e ressequido apoiava as mãos em seus bolsos. Ele foi fotografado em uma galeria de arte. Contemplava uma pintura de Edvard Munch.



**XLIII CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

POESIA, CRÔNICA E CONTO

43^a Edição

SANTA MARIA – RS – 2020

**XLIII CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA
Conto, Crônica e Poesia – Edição 2020**

Jorge Cladistone Pozzobom
Prefeito Municipal de Santa Maria

Sergio Cechin
Vice-prefeito

Adelar Vargas dos Santos
Presidente da Câmara de Vereadores de Santa Maria

Rose Carneiro
Secretaria de Município da Cultura Esporte e Lazer

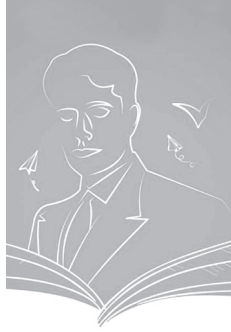
Nelson Cauzzo
Secretário Adjunto da
Secretaria de Município da Cultura Esporte e Lazer

Cassio Corbellini
Superintendente da Cultura

Rosangela Beatriz Rechia
Coordenadora do Concurso Felipe D'Oliveira

Marco Otello Mota Gargaro – Fabricio da Silva
Tania Regina Salomoni Bomachar
Equipe

Participaram do **XLIII Concurso Literário Felipe D'Oliveira – edição 2020**, 20 Estados e o Distrito Federal RS/SC/PR/SP/RJ/ES/GO/MT/MS/MG/CE/BA/PI/PB/AM/MA/RN/PE/SE/AL, DF e 2 Países: Portugal e Holanda, totalizando **624** textos inscritos. Assim distribuídos **259** Contos, **148** Crônicas e **217** Poesias.



Esta publicação traz a compilação dos trabalhos premiados em 2019 e 2020. Vale lembrar que mesmo num ano com todas as limitações impostas pelo enfrentamento à pandemia da COVID 19, que foi 2020, o Concurso recebeu mais de 600 inscrições, comprovando a sua importância e legitimidade construídas e fortalecidas nestes 43 anos de existência.

Criado em 1977, o Concurso Literário Felipe D'Oliveira tem atravessado momentos distintos política e socialmente em nosso país, tornando-se uma ação importante para uma cidade que tem uma das mais antigas feiras literárias do país. Dentro da promoção do livro e da leitura, o concurso se configura como um instrumento de fomento à produção literária e também como uma vitrine tanto para aqueles que se aventuram neste terreno quanto aqueles que já possuem uma caminhada.

E as publicações, como esta, são um incentivo para os autores já contemplados pelos concursos compartilharem os seus escritos. Traz a possibilidade das

peças terem acesso aos poemas, às crônicas e aos contos que fazem a história e justificam chegarmos à 43 edições. Entendemos que uma ação cultural deste gênero, que exige poucos recursos financeiros das estruturas públicas organizadoras, gera muitos aspectos positivos para a comunidade.

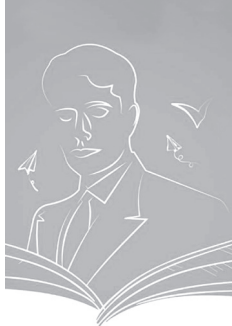
O grande número de inscrições recebidas anualmente pelo Concurso é uma prova da consolidação e da legitimação do projeto como uma ação relevante de criação literária e cultural para Santa Maria. Reflete o fortalecimento das artes e a possibilidade de registro de uma produção qualificada e diversa. Isso é reflexo direto de um trabalho sério e abnegado da Comissão Organizadora e dos avaliadores.

Todos estes atributos envolvendo o Concurso Literário Felipe D'Oliveira colocam Santa Maria num cenário nacional, e é um indicativo que contribui para o fortalecimento das ações culturais, tanto de formação como de difusão. Investir em Cultura é investir na formação de um cidadão cada vez melhor e mais atuante.

Vida longa ao Concurso Felipe D'Oliveira!

Rose Carneiro

Secretária de Município da Cultura Esporte e Lazer



Concurso Literário Felipe D'Oliveira fomenta novas produções, estimula as vocações literárias e está sempre em busca de novos talentos.

É uma honra tê-lo como parte da nossa sociedade e, mais ainda, concretizá-lo junto do Poder Executivo Municipal, mesmo em um ano tão desafiador e ao mesmo tempo tão resiliente, como foi 2020.

Parabéns aos vencedores, o Concurso representa o reconhecimento de suas obras literárias.”

Vereador Adelar Vargas dos Santos
Presidente da Câmara de Vereadores de Santa Maria

POESIA

Comissão Julgadora: Moises Silveira de Menezes – ASL
Liane Batistela Kist – UFN
Valéria de Castro Fabricio – UFSM

PREMIADOS POESIA

1º lugar: Não é cinema

Luiz Cunha Pimentel – Rio de Janeiro/RJ

2º lugar: Genealogia da espinha

Arzório Alberto Cardoso – Campo Largo/PR

3º lugar: Palavras encharcadas

Inaê Silva Pereira Sodré – Salvador/BA

Incentivo local: O cimo do olhar

Denise Beatriz da Silva Reis – Santa Maria/RS

Menções Honrosas:

1ª menção: Ritos das palavras em fuga

Bernadéte Costa – Joinville/SC

2ª menção: Os peixes

Francisco Hélio Sena Brito – Massapê/CE

3ª menção: Era uma vez

Maria Eunice Silva de Lacerda – Toledo/PR

1º lugar:

Luiz Cunha Pimentel

Rio de Janeiro/RJ

Não é cinema

A cortina cinza da escuridão branca tinge de caos o
[horizonte.
Homens e mulheres e crianças se arrastam
[por labirintos escuros, em busca da chama
[que do olhar se ausenta.
Loucos. Varridos.
O inferno da terra invade a vida dos infelizes.
[E pioram quando se desesperam.
Transe e tosse. Pedras e correntes.
Não o se arrastar penoso porém poético da pena
[do Saramago, que a câmera do Meirelles ilumina.
Sol não brilha; não há crepúsculo. Só noite, noite,
[noite (sem o conforto que a ausência
[de fogo entre os olhos nos traz).
Assim estamos: perdidos nas trevas involuntárias
[da cegueira.
E não é ensaio.

2º lugar:

Arzório Alberto Cardoso

Campo Largo /PR

Genealogia da espinha

I

No princípio criaram os avós sua morada no alto.
O alto, porém, era cerrado,
Com galhos entrançados e forma inacessível.

Disseram-se entre olhos então nossos avós:
Desbravemos rumos por veredas de galhos
Rotas por alamedas de ramos
E façamos da horizontalidade nossa insígnia de iguais.
Orientemo-nos pelas linhas tortas dessa arbórea

[cartografia

E compartilhemos, a cada avanço,
Dos frutos lícitos e vermelhos que nos darão as árvores,
Agradáveis aos olhos e boas para alimento.

Evitemos o chão e a descida
Os sobressaltos do sono desleal

Cuidemos para que a queda não nos lance aos
predadores sempre à espreita

[Ao abismo e ao oculto sempre à espera

E com cera tapemos os ouvidos ao sussurro que diz:

[desçam...

II

Eretos e nômades converteram-se os pais

Os olhos e as mãos como uma seta, apontando para

[os cimos.

No alto a imensidão, a assunção, o magnetismo do azul

Invertido para cima o vetor não mais temor da vertical.

Mas a memória dos dias de árvores fincou-se ali

Transfigurada e transplantada para a coluna vertebral.

Serão impressos nos caminhos de outros frutos muitos

[rastros e pegadas

E os vagamundos e andarilhos

Caravanas e comboios

Instaurarão inda uma vez pela passagem os emblemas

[do movente.

III

Assentados cá estamos, no seguro arquétipo da casa

Refreando sedentários os arroubos do mover-se

Os arrebatamentos que o horizonte impregna
[nas retinas.

Sentados/Sedados na escola

Sentados/Sedados na igreja

Sentados/Sedados frente às telas que autorizam,
zombeteiras,

A através delas vemos mundos e planetas

Vemos luas e galáxias

E os documentários sobre a vida nas savanas e a vida
nas florestas.

Sentados/Sedados/Sedentários/Sedere

Presas dessa ergonômica etimologia

De última geração.

3º lugar:

Inaê Silva Pereira Sodré

Salvador/BA

Palavras encharcadas

I

Molhada de tanto imaginada,
Enterneço com as pontas incendiadas.
Falanges e teclas excitadas
Que de tantas vezes tecladas
Chove-se...
O dedo toca...
Escorrega...
Na fenda das letras encharcadas.

II

Ensopada de palavras,
Vejo-me num beijo de mordança.
Tomando um Beckett
E esperando o desatino da língua ser tocada.
A língua de raiz que penetra na boca da terra invadida.

Tu me apertando em teu corpo desperto,
Atestas a chegada da terra prometida.
Explorando o território
Em minúcia busca de estremeçimentos,
Suado,
Tu exalas um cheiro azulado
Que me deixas entorpecida.

III

Em subserviência, te sorvo calada.
Sob chuvisco de pele quente,
Suspiro afogada.
Na virada,
Mordida carnívora de dorso.
O cheiro encarnado das curvas do pescoço,
Feromoniada.
Entre aspás e entre gemidos,
Lambe o dedo e passa
No epílogo consciente de meu livro.
[Devagar, senão eu grito].

IV

E a boca que lambe ofegante,
Respira.

A ponta do olho brilhante,
Revira

A ponta apontando para dentro,
Se vira.

Três sóis em meu quarto ascendendo
Irrigam.

Incentivo local:

Denise Beatriz da Silva Reis

Santa Maria/RS

O cimo do olhar

Um olhar se perdeu
no silêncio da noite
assumiu palavras nebulosas
e constelou-se em dores
insustentavelmente agudas

o sonho se exauriu

um céu com cheiro de sangue
guardou os voos
em suas sombrias indelicadezas

as coisas dormidas
com seus cantos fúnebres
velaram todos os pousos
e os pássaros
eram como poemas nunca lidos

fora algumas minúsculas sementes de sol
tudo era sepulto
nada era chamado pelo nome
e as inutilidades eram explicitas

-a noite rezou flores-
ajoelhada nas orbitas úmidas
de quem olhava sem ver
implorou aveludadas pétalas

a noite caiu como caem os esteroides
até que uma faca que não corta o fogo
cortou a voz do silêncio
uma pupila vigilante
naufragou no paraíso
e tudo que se podia ver
era o brilho inexaurível da esperança
a espera de um olhar
com ofícios de ver
as harmonias do mundo

então – o sol brotou no meio da noite
e todos os nomes e seus sonhos
luziam significados de paz.

1ª menção:

Bernadéte Costa

Joinville/SC

Ritos da palavra em fuga

A palavra, por si mesma, se exalta
na língua saburrosa da areia.
Seu ar é imortal e as coisas tais como são
aquecem agulhas de marear barcos.

Apela calor a meia-luz
feito Agave sisalana
em lua crescente.

Guarda na pele chuvas e leopardos azuis
quando todas as sombras falam do sol,
e, o jazz do coração toca música.
Mas, espaventa ao ouvir silvo do trem.

Rasga a rouquidão da voz sem som
à meia-noite do vento,
quando o jasmineiro acorda em galhofa.

Há música na casa do rinoceronte mudo,
onde até a quietude tem chifres.
Foge da vida camicase, que acorda turva a espiar
o favo de mel imantado no fogo.

O esturro do grão de lúmen no breu, carga d'água e luz
fazem habitat na palavra que escapa,
instante de cura ao rito da amargura.

A palavra foge para o poema,
torna o acaso essencial, lava sentidos.
Ao vagar do silêncio no escuro
tece luminescências grão a grão.

2ª menção:

Francisco Hélio Sena Brito

Massapê/CE

Os peixes

os peixes
a boca
nharam
tudo

algas
libélulas
anzóis
lixo
outros
peixes
os próprios
homens

a boca
nharam
tudo
mesmo

famintos de
estrelas

3ª menção:

Maria Eunice Silva de Lacerda

Toledo/PR

Era uma vez

Um par de tamancos
De tiras trançadas.
Azuis, amarelas...
Por entre as vielas.
Levava meus sonhos
Alegres, tristonhos...
Levava meus medos,
Também meus segredos.

Um par de tamancos
Surrado, sem brilho.
Correndo na chuva,
Virando a curva.
Sentindo o vento,
Meu corpo ao relento,
Pisando o chão,
O chão do sertão.

Um par de tamancos
No sol tão ardente.
Plantando esperança
Em meu peito criança.
Arcando meus passos,
Em longos abraços.
Meu suporte, meu cais,
Marchando meus ais.

Um par de tamancos,
Trilhando a estrada.
Saltando os abismos,
Herói, heroísmo!
Buscando o tudo,
No nada. Contudo,
Estampando o brio,
E eu, me inebrio.

Um par de tamancos,
Tão lerdo, sem pressa.
Olhando a lua,
Tão linda, tão nua.
Que tudo prateia,
Meu peito incendeia.
Despertando paixão,
Lágrimas, emoção...

Um par de tamancos,
Brincando de roda,
Dançando ciranda,
Vontades, abranda.
Contando anedotas,
Histórias, lorotas...
Passando o anel,
No terreiro ao léu.

Um par de tamancos
No escuro da noite.
Candeeiro apagado,
Meu corpo apeado.
A Deus uma prece,
E tudo emudece.
Tamancos calados,
Ao lado ficados.

Era uma vez...
Um par de tamancos.

CRÔNICA

Comissão Julgadora: Edinara Leão – ASL
João Marcos Adede Y Castro – ASL
Maximo José Trevisan – ASL

PREMIADOS CRÔNICA

1º lugar: Até os sábias estão diferentes
Luiz Carlos Torres Araújo – São Leopoldo/RS

2º lugar: Yuri
Vitor de Araújo Antunes – Nilópolis/RN

3º lugar: Sala de espera
Gustavo Paes Martins de Albuquerque – Rio de Janeiro/RJ

Incentivo local: A cidade onde só eu não existo
*Mathias de Toledo Chassot Covaleski dos Santos
Santa Maria/RS*

Menções honrosas:

1º menção: Sobre águas
Edson Freire – São Paulo/SP

2ª menção: A revolução das solidões
Alda Nilma de Miranda – Jacarei/SP

3ª menção: Máscaras
Marcia Luciana Marques Paschoalini – Piracicaba/SP

1º Lugar:

Luiz Carlos Torres Araújo

São Leopoldo/RS

Até os sabiás estão diferentes

Dois de novembro, dia de finados no Brasil, caiu numa segunda-feira: feriadão. Ficamos em casa com a missão de limpar o piso do pátio, organizar a despensa, começar uma bancada de madeira e observar um casal de sabiás. Apesar de haver várias árvores à disposição no terreno eles resolveram fazer ninho abaixo do beiral da casa. Há um espaço entre os barrotes, que saem pela parede, e as tábuas do beiral. Mas esses barrotes não são largos o suficiente para receber a estrutura do ninho. Tentaram o segundo barrote, a contar da parte mais baixa, depois o terceiro, depois o da cumeeira. Húmus, galhos, barro, palhas, tudo que levavam lá para cima pouco depois despencava; vinha parar no chão. Haviam passado os últimos dias de outubro nesse afã, sem desistência. Achamos que eles não assistiram com atenção as aulas de arquitetura da escola dos sabiás. Teimosia demais já deixa de ser perseverança. O casal estava muito ansioso. E não era para menos. A maioria dos pássaros já haviam fabricado seus ninhos.

No comecinho da noite de quinta, descobrimos que eles haviam encontrado um novo local. Onde? Em cima da porta veneziana, sanfonada, da sacada. O topo das folhas abertas da porta oferecia uma base eventual. Vimos, com tristeza, que o ninho quase pronto havia se desmantelado ao fecharmos a porta. Todo o trabalho dos sabiás estava no chão, destruído. No outro dia, frente ao nervosismo do jovem casal, resolvemos fixar na parede uma plataforma de madeira de 20 por 20 centímetros, acima da porta sanfonada, e protegida pelo beiral da casa.

Antes de esquentar o sol da última sexta-feira de outubro, os sabiás começaram mais uma vez sua obra, agora aproveitando a plataforma de madeira que colocamos lá. Trabalharam com afinco e sábado, perto do meio-dia, o ninho ficou pronto. Massudo, acolhedor, cheio de amor. Aí aconteceu o inacreditável: o casal de sabiás foi embora! Desapareceu. Trabalhamos todo o feriadão sempre dando uma espiada para o ninho pronto e nada. Às vezes sentávamos um pouco para beber uma água ou café e a cogitação corria solta. Seriam loucos? Quem sabe um gato de telhado terminou com eles? Talvez fosse um triângulo amoroso e tudo foi descoberto? Acabrunhados, tecemos outras considerações do tipo: deve ser um casal de primeira viagem; os jovens fazem umas coisas malucas que ninguém entende; os pais não tinham as rédeas firmes e eles se criaram afoitos e, por fim, coisa de brasileiro –

deixaram para última hora e então desistiram.

Terça-feira, dia 3 de novembro, a cidade voltou ao normal, crianças indo para a escola, trabalhadores lotando os ônibus, o barulho de movimento urbano e ... olha lá! Os sabiás voltaram para o ninho. Os dois pássaros, garbosos, alegres, deram retoques finais na moradia. A moça, ou senhora sabiá, seguidamente experimentava o aconchego do estojo de palhas e plumas. Antes de escurecer, subimos no telhado e de lá avistamos o primeiro ovo a engalanar o novo lar.

Então, concluímos que eles descansaram no feriadão ou foram fazer lua de mel. Ora, o mundo está mudado mesmo! As mudanças atingem até os sabiás.

2º lugar:

Vitor de Araújo Antunes

Nilópolis/RN

Yuri

Vínhamos em caminhos opostos na Santo Afonso.

Ele descia a rua e vinha só. Seu corpo gingava aquela malandragem que todo carioca traz em si – Às vezes acho que, mesmo nascido nessa terra, uma possível, e longínqua, ancestralidade europeia talvez me pese às costas, pois não trago o mesmo molejo de meus patrícios. Mas ele tinha. Assim como a mesma tez acastanhada que compartilhamos.

Mas, naquela correria, não reparei nele com clareza num primeiro momento. A Tijucaurgia em sua pressa. E eu ansiava pela estação do Metrô como se ela fosse sair do lugar onde está desde o início dos anos 80. Passei na porta da lanchonete, vi ali um menino brincando com o nada e com os decibéis da voz.

Fiz como faziam todos os outros tujucanos naquele fim de tarde: Ignorei.

Segui pela zebraada faixa de pedestres, alcancei a General Roca, mas, quando flagrei – me com a culpa por ter tentado ignorá-lo, voltei à Santo Afonso. Reparei naquele ser tão pequeno e preto, cuja altura destoava

dos outros humanos, verticalizados como os prédios. Aliás, se havia algo similar entre homens e edifícios naquela tarde, era de que ambos eram indiferentes ao guri, que agora olhava para a lanchonete que antes era o cenário da sua brincadeira. A lanchonete era grande: Tinha o tamanho de sua fé.

Voltei para, e pela rua que antes estivera, e fui andando calmamente ao encontro do menino. E ele, que estava de costas, foi surpreendido pela minha voz abaritonada:

– Quer comer alguma coisa? – Perguntei-lhe, olhando praquela a carinha viva, que devia ter cerca de nove anos, mas pelo tamanho, qualquer um diria que não passar dos quatro.

Ele ficou ali, na dúvida que habita entre o orgulho e a fome, e sorriu discretamente, revelando a banguela de dentição mista:

– Quero sim.

Entramos corajosamente na lanchonete, cuja grife era conhecida na Tijuca. E seguimos, alheios aos olhares maledicentes dos outros que dividiam aquele espaço conosco.

– Qual o seu nome?

– Yuri – Respondeu-me.

Imediatamente lembrei-me do poeta-médico homônimo, da obra de Pasternak. Pensei em comentar a lembrança, mas preferi falar de algo mais frugal – e carioca:

– Pra que time você torce?

A resposta foi rápida e assertiva:

– Flamengo, claro! – Falou enquanto separava o guardanapo do salgado, para depois morder com voracidade a coxinha, e misturá-la à Coca-Cola recém sugada.

Maldita a minha ignorância sobre futebol, que impediu uma fluidez na conversa...

Perguntei então se ele estudava, e ele disse que sim. Uma escola com nome de ex-presidente. Delfim Moreira, talvez. Falou-me o nome da professora, mas inadvertidamente, esqueci.

Ele mordeu mais uma vez o naco de salgado, paguei o consumo e saímos do lugar, para alívio dos outros frequentadores, que talvez não tenham ficado muito satisfeitos com a presença de meu convidado. E, de novo, pisamos os dois na Santo Afonso. Seguimos andando e conversando furtivamente até a esquina daquela rua com a General Roca. Exatamente até o ponto onde, há meia hora atrás, havia resolvido voltar. Agora, ali era um ponto de despedida. Eu deveria seguir para o Metrô, e ele, para sabe Deus onde.

Afaguei a sua carapinha de forma insegura, apertei a sua mão. Ele agradeceu pelo lanche, e seguiu, pelo lado oposto, no sentido do Shopping. Com seus bracinhos nus, expostos ao sereno frio do anoitecer. Braços que, de tão arrepiados, eram ásperos, o que realçava ainda mais o negro azulado de sua pele.

O menino, se olhado em meio aos outros tijucanos, parecia uma formiga, face à miudeza. As coisas pareciam ser muito grandes praquela formiga pequenina... Quem pode dizer, nesta cidade, quanto durará aquela? Formiga é um ser tão pequeno que não aguenta nem neblina... Até quando escapará do atropelamento, sozinho no meio da rua, no meio da recém-nascida lua, aquela formiga? Absorta na sua asfáltica rosa urbana, sem perceber que os ônibus, no afã de sua atração pelo cheiro do asfalto, podia abalroá-la a qualquer momento.

Enquanto partia, em meio à cinzenta névoa de poluição, a bermuda de moletom azul que trajava, ia gradativamente desaparecendo na noite. Ele, bermuda e céu tinham o mesmo tom. E os três desapareceram nas ondas tijucanas.

Yuri, como a formiga que era, me ensinou: Para infantilizar homens basta pingar uma gota d'água no coração deles. E era verdade. Quando finalmente cheguei ao metropolitano, na segunda tentativa, vi que aquela gota de lágrima, que era minha, pingou em meu coração. E, à sua queda, no contato entre água e órgão, senti o pousar daquele grão de água e sal. E por um minuto achei fácil sê-lo.

Na estação Saens Peña, a melancolia, o trem e a gare, espreitavam-me. Coube levar na lembrança um pouco da imagem daquele amigo, que só vi uma vez. Fomos ambos transgressores. Ambos recebemos

aquele afeto que nos faz humanos, naquele bairro que nos faz às vezes insensíveis e animalizados, indiferentes à dor alheia.

A noite caiu, revelando lugares ensombrados, maus poemas, alucinações e espera.

Éramos tempo, poeta e menino pobres, fundidos no mesmo impasse da impotência social.

Quando o trem chegou, ele não era mais urgente. Subi as escadarias da estação de novo, rodei a catraca e perambulei pelas ruas do bairro, na esperança de encontrar Yuri de novo. E oferecer algo mais. Não sabia o que. Mas quis ir atrás dele a fim de saber.

Não o encontrei, contanto.

Mesmo que mil tipos de ódio o desprezo invente, o amor, mesmo sozinho, será sempre mais corajoso. E amor, valente, fura asfalto, tédio e nojo. E nada contra a correnteza.

3º lugar:

Gustavo Paes Martins de Albuquerque

Rio de Janeiro/RJ

Sala de espera

A culpa não era dele, daquele senhor de 60 anos sentado naquela cadeira numa sala de espera. Os olhos aflitos nas paredes, nas outras pessoas que liam revistas e jornais fazendo o que era pedido: esperar. Tenso, sabia que seu nome podia ser chamado a qualquer hora. Ele estava pronto. Quando anunciava o nome do próximo, já estava quase se levantando. Com o passar do tempo, ficava cada vez mais nervoso, sabia que o instante se aproximava. Tentava desvendar as palavras que o médico pudesse dizer. Era o mais nervoso daquela sala e se entrassem no seu interior conseguiriam ver a face do medo. Ainda tinha uma esperança e rezava e pedia e implorava para que a morte demorasse um pouco mais para mostrar sua mão e sua boca para dizer que é chegado o momento.

Os olhos desesperados no relógio. Logo o relógio que marca o tempo que ainda temos de vida. Pedia para passarem rapidamente os ponteiros, para que a droga da porta se abrisse e a secretária o chamasse. Percebia

que todos ali eram mais novos e teriam ouvido a voz da morte mais de longe; já Otávio ouvia melhor. Talvez cresçam o nariz e as orelhas quando ficamos velhos para ouvir melhor os últimos sons e que para na nossa última respiração sintamos o cheiro da terra tão perto e nos lembremos do pó. Enquanto pensava, colocava a mão nas orelhas, no nariz e passava lentamente no rosto como uma despedida do próprio corpo. Mas ainda não era, e só se lembrou disso quando, com água nos olhos, o pensamento, não se sabe como, reencontrou a mulher, os filhos e os netos.

E, nesse momento, uma criança encostou-se na sua perna tentando se erguer, enquanto Otávio se lembrava de sua infância, da escola onde estudou, dos amigos que fez, das pessoas que conheceu, de conversas inesquecíveis, dos detalhes que cada um guarda de sua própria história. E, com os olhos cheios d'água, tentando segurar as lágrimas para que nenhum estranho, que também tem suas memórias, perceba a aflição da sua idade, perceba o desejo de voltar a ser aquela criança.

Um menino, em pé e com os braços apoiando o pequeno corpo sobre os joelhos do idoso, observava, com os olhos arregalados e a boca aberta por onde uma baba pura escorria lentamente até a calça de Otávio. Sentiu a alegria de ter vivido cada experiência igual daquele menino, cada descoberta, enquanto a mãe o pegava e pedia desculpas pelo filho, por aquele menino,

que aprendia a andar, para o velho, que aprendia como cair. E quando escutou seu nome se surpreendeu, mas não era ele, era o menino, cuja mãe chamava para que fosse novamente para perto dela. Sentiu-se minimamente confortado. Um pingo de esperança pôde ser observado no instante em que, estático, repetia seu nome várias vezes, não acreditando. Colocava um pouco dos seus sonhos irrealizados na vida do menino que mal sabia ficar em pé.

De certa forma, percebeu que sua hora chegava cada vez mais depressa. Quer um sinal do destino tão forte quanto este? — se perguntava calado. Os olhos fechavam-se lentamente; talvez nem precisasse esperar mais. A sua resposta era aquela: o menino com o mesmo nome. O senhor começou a acreditar que tudo tem uma explicação; em segundos lembrou-se de toda sua vida, dos momentos mais marcantes, enquanto olhava atentamente o menino fazendo suas descobertas, abismado com tudo ao seu redor. Otávio fez o mesmo: só mexendo os olhos, analisou toda a sala onde estava até parar na porta pela qual ele já deveria ter entrado. Escutou os gritos do menino que deveria ter tido sua primeira queda tentando andar, e sorrindo levemente já imaginava tudo que aquele garoto passaria pela sua vida. Mas seus olhos continuavam na porta e os ouvidos nem sabiam que aqueles gritos seriam os últimos sons escutados junto com a mãe dizendo: “Cuidado, Otávio, cuidado!”

Os olhos totalmente fechados, os lábios sorridentes e o rosto tranquilo: assim encontraram Otávio morto. Todos na sala ficaram desesperados e o menino, quieto. Ninguém sabia: Otávio morreu de esperança.

Incentivo local:

Mathias de Toledo Chassot Covaleski dos Santos

Santa Maria/RS

A cidade onde só eu não existo

Nas poucas ocasiões que saio de casa, fui ao mercado comprar o que me faltava para a semana, uma saída sem gosto, assim como estava o fim de tarde naquela segunda-feira. Saindo com as várias sacolas, perco o equilíbrio e me esbarro num simpático senhor, conhecido meu, porém quando nos pechamos, ele seguiu reto como se nada tivesse acontecido, um esbarrão qualquer, em que ele nem mesmo me pediu desculpas... segui meu rumo, sem dar muita atenção ao ocorrido. Passando pelo corredor de entrada, seu Gelson, o porteiro do prédio, sempre preocupado e atencioso com todos, olha para minha direção, eu aceno e digo bom dia, ele continua olhando às câmeras pelo computador, como se eu nunca tivesse passado por aquele corredor. Entro pela porta, solto as sacolas no balcão da cozinha, minha mãe oferece ajuda, mas como de costume, eu nego, não me sinto bem fazendo as coisas junto dela. Nunca tive uma relação muito boa com a minha família,

sempre preferi os meus amigos, mesmo que não tenha tido muitos deles, mas não tem importância. Vou tomar um banho quente, para conseguir esquecer essas e tantas outras dezenas de coisas que não vem ao caso. Saio do banho e, enquanto passo meus cremes para o cabelo, penso em como vou me distrair com coisas que não importam, para tentar me esquecer de todas as que também não importam, mas deveriam importar.

É tarde da madrugada e estou deitado olhando para o meu quarto escuro. O escuro me assusta, desde pequeno sempre me assustou, minha mãe até hoje conta das situações em que ela segurava minha mão para me acalmar, que íamos até a cozinha juntos, porque eu não tinha coragem de enfrentar o escuro, e eu sempre quis ser protegido desse escuro, sem precisar constantemente me lembrar que ele me rodeia. Aquilo me assusta... Aquilo não, não, Ele. Ele me assusta, Ele me lembra da falta de iluminação, da falta, do inexistente; Ele, o escuro, me lembra a cidade onde eu vivo, a cidade onde só eu não existo.

É difícil passar os dias sem ter um sentimento dividido com alguém. Sem saber ao certo se estou vivo, se sou apenas uma complexa camada de emoções e sentimentos, mas que, infelizmente, só eu conheço. Viver dias assim é complicado... os dias passam, sem que ninguém me pergunte como estou. Nem o tempo (nem ninguém) lembra de mim. Agora, enfrentando meu medo, me lembro daquela volta do mercado, do senhor

com sua máscara, porém quando nos fechamos, ele seguiu reto como se nada tivesse acontecido... e será que algo aconteceu? Será que a minha existência é tão irrelevante assim, a ponto de eu não merecer sequer um olhar de “Olha por onde anda”? Interessante como, mesmo no meio de todos, eu era a pessoa mais distante de alguém, seja através de uma rápida conexão ou por um mísero toque.

Talvez, nem eu mesmo fosse um, fosse alguém como ele, como o Seu Gelson, como a minha mãe, como todos eles... Mas se eu não sou alguém, será que sou muito menor que eles? Que sou menos que eles? Que sou diferente? Será que ainda sou? Muito menor não devo ser, pois conheço pessoas tão pequenas quanto eu, assim como conheço maiores. Logo, se temos tamanhos diferentes, não acho que seja um erro sermos menores que os outros, porque isso nos faz diferentes e o fato de vivermos diariamente comparando nossos tamanhos, nos impede de sermos únicos, por isso, não tenho medo de ser diferente. No entanto, tenho medo de não ser, ainda que precise ser apenas para mim, devo ser maior que eu mesmo, sem precisar corresponder expectativas de outros. Entendo que, às vezes, o tempo vai me balançar sem eu escolher se quero ser balançado, mas somente esse mesmo tempo vai me mostrar que não preciso viver na cobrança diária de ser maior do que eu já fui. Apenas, preciso ser o melhor que puder ser, sem me perder nesse sentimento. Então, talvez seja isso,

seja esse meu jeito de ser algo que não é ser como eles. Talvez, sendo quem sou, aos olhos deles, eu nem chegue a ser.

Talvez, mesmo sendo, eu seja um ninguém.

Mas o que seria um Ninguém? Aos olhos deles, um Ninguém é só mais um perdido, de quem não esperam nada, e caso algo surja, surpreendem-se, dado ao caminhar de suas vidas. Talvez um ser de tamanha insignificância que simplesmente não importa? Seriam os Ninguéns, também invisíveis e intangíveis, como fui àquele senhor quando nos esbarramos? Ou então, ser Ninguém é um estado emocional, a forma que nos expressamos e como dizemos quem somos, de como somos vistos pelos outros. Ou talvez, seja ainda mais simples, como se ser um Ninguém fosse apenas estar na linha tênue entre ser Nada e ser Alguém. Aos meus olhos, quando me sinto ninguém, é como se perdesse minha existência, seja de mim para os outros ou de mim para mim. Como se minha vida perdesse o valor, perdesse um sentido, quando eu sou Ninguém para mim, eu me torno Nada, viro o vazio. Tal vazio que parece se completar apenas com outro Ninguém, alguém que me entenda e me preencha, que afaste a Escuridão. Mas, isso é apenas um desejo egoísta, em que eu não levo em consideração que essa falta é de mim comigo mesmo, que eu preciso me reencontrar, para assim, definitivamente, me tornar um alguém, não para a cidade, não para eles, mas alguém para mim. Afinal, ninguém quer ser ninguém para si.

E divagando, me pergunto: e se um dia, dois Ninguéns se encontrarem? Será que eles teriam coragem de somente passar um pelo outro? Como se eles fossem apenas mais um na multidão, vivendo até o fim de suas vidas com o arrependimento infinito, de que, naquele momento, todo o resto de suas vidas poderia ter sido diferente. Mas, que por um medo e um vazio tão grande que os consome, nunca tiveram a coragem de tomar aquela atitude que, talvez, fizesse com que esses dois Ninguéns se tornassem ninguéns tão especiais um para o outro, a ponto de fazê-los sentirem, finalmente, existentes? Ou será que, dentro deles, floresceria um sentimento tão forte, tão intenso, de quererem um ao outro, de conseguirem achar alguém parecido com eles, a ponto de, destruir a muralha da Escuridão dentro de seus corações?

Para assim, tomar coragem de, no meio do eterno vazio de ser Ninguém, gritar um pelo outro, encarar o primeiro passo, correr em direção ao outro, dar um abraço forte e angustiada, que será o abraço mais aconchegante e precioso de suas vidas. Para que juntos, falem “Estou aqui por você”.

Estou feliz de poder enxergar que, nessa cidade, onde nenhum de nós existe, finalmente, para mim, todos nós passamos a existir. Por isso, espero do fundo do meu coração, que esse desejo tão intenso se realize e seja capaz de curar essas pessoas. Por que, afinal, “Ninguém está para Ninguém”.

1º menção:

Edson Freire

São Paulo/SP

Sobre águas

Observo dois infinitos.

De perto, se separam/ de longe se abraçam.

Azul em cima, azul embaixo.

Ventos agressivos e água que reagem. Após os embates, a brancura da espuma, como um pedido de paz.

E a navegar noite adentro ou sol defronte. Navegar, como na canção com versos do Paulinho: – “ não sou eu quem me navega, que me navega é o mar”.

Grande família– tipos diversos de locais dispersos, na extensão da popa à proa, mas, todos como habitantes de uma pequena pátria.

Águas que se abrem, não à passagem do profeta, mas, à possante força dos motores. Transatlântico, rumo ao sul, dentro de linhas abrangidas por latitudes e longitudes.

Cosmopolita conteúdo, cuja alegria ou euforia se agita na diversidade das cores, dos trajés, das raças, das crenças..., dos amores!

2ª menção:

Alda Nilma de Miranda

Jacarei/SP

A revolução das solidões

Penso que que hoje em dia as pessoas andam muito irresponsáveis com os corações dos outros.

O tempo é de lonjuras, mas não há mais que se percorrer estradas pra se chegar ao outro: todo mundo está ali, como que na vizinhança, bastando haver sinal de internet.

E assim as pessoas vão adentrando a vida alheia, sem a menor cerimônia, qual visita inesperada, e se esparramam, e se acomodam, e ocupam todo o espaço dos celulares, tablets e pensamentos. Como maré que sobe aos poucos, até engolir toda a areia.

Não há data nem horário. As pessoas simplesmente chegam.

E abrimos as portas, por curiosidade ou solidão.

Deixamos invadir nosso sono, nossa insônia, os fuso-horários se mesclam num espaço-tempo contínuo onde tudo se entrelaça. E nada desse tudo que acontece é, de fato, concreto. Construímos contatos alicerçados em vento. As relações internáuticas buscam águas rasas demais.

Abraços cibernéticos não existem, beijos tampouco; os tempos modernos desaprenderam os cafunés. Andam errando a ortografia: o amor é vital, não virtual.

Trancados, em tempos de quarentena, mergulhamos em irrealidades. A internet é nossa mentira, tudo são inexistências fazendo de conta que existem.

Vivemos a pós-modernidade das presenças distantes, e tudo nas telas é neblina: a gente enxerga do outro lado, mas não tanto.

E na tentativa de dar fim às saudades, aceitamos tão pouco...

Deixamos as pessoas entrarem pelos cabos de fibra ótica, pelas telas de notebook.

E oferecemos cadeira e café.

Ouvimos histórias de todos os cantos. E através dos celulares ganhamos flores e pores do sol, manacás e ilhas inteiras, desatentos de que tudo são só imagens deletáveis. Afinal, essas são flores que não cheiramos, são pores do sol nos quais não nos demoramos, manacás que não colhemos, são ilhas em que nunca pisamos.

Mergulhamos no imaginário das conversas desconhecidas, acreditamos na companhia quando ninguém, na verdade, está ao lado. Acreditamos em pseudopresenças.

Mundo estranho esse, de quarentenas, onde os beijos se tornaram bandidos e os romances desconhecem o toque.

Sempre gostei das minhas solidões, mas antes me amparava na certeza de que além delas havia um mundo esperando o meu desencaramujamento. Agora existe apenas a vontade de que o novo tempo seja o velho tempo de volta.

E as pessoas continuam chegando, chegando e trazendo consigo seus mundos.

A internet é uma imensa conexão de todas as coisas sem que ninguém se conecte de fato. Um sem fim de histórias, verdadeiras ou não, e nos apegamos a elas. Criamos laços e expectativas sobre o que inexistente. Queremos o que não há. E nos enamoramos de ausências.

E ainda assim, sabendo de tudo isso, não fechamos as portas.

E, de repente, num deslize digital, todos que vieram simplesmente vão embora. Catam suas coisas e seguem adiante, não há compromissos, limites geográficos, não há fronteiras em nenhum sentido. O vazio se preenche com o que nunca existiu.

Eu não acredito nem quero fazer parte de um mundo onde não há confiança. Prefiro as amizades e os amores verdadeiros. Penso que vale lutar por isso.

Talvez seja tempo de convocar uma Revolução de Solidões.

Sim, solidões precisam ser minimamente respeitadas. É preciso devolver-lhes a dignidade. Nestes tempos de quarentena, de exércitos cibernéticos,

elas tem sido simplesmente invadidas, iludidas e desprezadas.

Hoje em dia solidões que deveriam ser amansadas e adormecidas são cutucadas e remexidas pelo fio invisível das coisas que não são coisas, das chegadas de quem aparece pela web sem convite, puxando conversa, criando elos frágeis e inconseqüências. Pessoas acostumadas a passear por diferentes vidas e a partir sem despedidas, despreocupadas de estragos feitos em solidões que estavam quietas. Gente que vem e vai sem avisar.

O virtual, via de regra, é efêmero.

Sim, as pessoas andam muito descuidadas e muito irresponsáveis com o coração alheio...

3ª menção:

Marcia Luciana Marques Paschoalini

Piracicaba/SP

Máscaras

Quem de nós não se lembra do tempo em que éramos criança? Das inocentes brincadeiras na calçada, do pular de cordas de meninas, do bater-bola dos meninos e do esconde-esconde que unia ambos os gêneros.

Para os meninos, havia ainda a fantasia de imaginar-se sendo super-heróis, utilizando máscaras dos mais variados tamanhos, modelos e personagens a escolha. A maioria desses adereços faciais, quase sempre sobre os olhos, fazia com que sentissem com poderes suficientes para alçar voo às suas ilusões.

No caso das meninas isso era menos comum, muito embora recorressem a outros expedientes, com a chegada da adolescência. A força que propunham contida mais sutileza, vinda através da maquiagem. Assim, ao invés de ocultarem a “identidade secreta”, como os garotos, elas realçavam traços sobre o rosto a fim de corrigir eventuais imperfeições.

Dessa maneira, todos nós crescemos fazendo do rosto o nosso “cartão de visitas”, além de ensinar

expressões, esconder sentimentos e dissimular intenções, sustentando metafóricos disfarces como estratégicas para finalidades bem definidas. Palavras cuidadosamente pensadas, sorrisos ensaiados e gestos aceitos como adequados sempre se encarregaram de mascarar a nossa personalidade. Foram úteis e ainda nos servem como *persona* no teatro da vida.

Se nossa fisionomia sempre foi uma grande ferramenta e aliada dos interesses do corpo, o mesmo não se podia dizer dos olhos, também conhecidos como “janelas da alma”. Vez por outra os olhares costumam contradizer os lábios, podendo até mesmo um beijo ser elemento crucial para ser elemento crucial para se caracterizar, inclusive, uma traição.

Numa época de tanta superficialidade pessoal e de flagrantes comerciais, justamente quando o nosso exterior mais se submete às imposições visuais, subjugando-nos às ditaduras da contemporaneidade, eis que um inimigo invisível surge para desestabilizar o nosso interior.

Com a decretação da quarentena, abraços e beijos, tão comuns no mundo atual e vistos como ingredientes do jogo da sedução, podendo culminar na concepção de um novo ser, passaram a ser consideradas atitudes de ameaça à vida humana. Esses gestos de carinho, tão até pouco tempo, hoje tornaram-se “proibidos”. Em alguns casos, até mesmo respirar passou a inspirar certos cuidados.

Numa época de explosão de percepção visuais, um simples vírus, algo invisível e tão imperceptível, tratou de ditar novas normas de comportamento, condenando o ser humano, até então chamado “ser social”, a viver em isolamento, distanciando-se do “outro”, espelho de suas ações e, ao mesmo tempo, um concorrente da vida moderna.

Máscaras deixaram de ser figuras de linguagem para tornarem-se itens obrigatórios e imprecindíveis. As bocas, agora silenciadas pelo afastamento imposto, estão cobertas pela dúvida, e as feições reduziram-se a olhares reticentes e enigmáticos, com nuances de inquietação e beirando o desespero.

Numa sociedade em que as pessoas sempre usaram e abusaram de subterfugios como camuflagem da realidade, tirando proveito daquilo que não se revela, todos desejam avidamente a chegada do dia em que as máscaras caíam, de uma vez por todas!

CONTO

Comissão Julgadora: Antônio Candido A. Ribeiro
Escritor
Pedro Brun Santos – UFSM
Vitor Otávio Biasoli – UFSM

PREMIADOS CONTO

1º lugar: As manchas de um espelho
Douglas Luiz de Oliveira Santos – João Pessoa/PB

2º lugar: Morro calçado
Danielle Martins Cardoso – São Paulo/SP

3º lugar: Síndrome de Hermingway
Emir Rossoni – Porto Alegre/RS

Incentivo local: Severiano
Ludwig Larré – Santa Maria/RS

Menções honrosas:

1ª menção: Querido diário
Jeanne de Araújo Silva – Ceará Mirim/RN

2ª menção: Ricardo, filho de canhoto
Antonio Carlos Monteiro Teixeira Sobrinho – Salvador /BA

3ª menção: Lua de mel
Cefas de Carvalho Silva – Parnamirim/RN

1º lugar:

Douglas Luiz de Oliveira Santos

João Pessoa/PB

As manchas de um espelho

“Que viagem ficar aqui parada”

(Alice Ruiz)

O vômito é sempre um alívio.

Por ser tão minúscula a mesa, eles dois tinham, quase involuntariamente, que se entreolhar. E se entreolhar significava desvendar, arrancar fora o pano que cobria o monstro e encará-lo de frente: olho no olho. A mesa redonda farta, a macarronada suculenta, os vinhos, os queijos, os temperos, as mulheres. O primeiro deles, de nome Caetano, ainda estava meio desconcertado: nunca tinha conhecido um xará pessoalmente. Agora que estava diante de um, ele queria saber desse outro tudo que pudesse. Era um homem prático. Natália, a mulher, sempre dizia que ele devia ter muita terra no mapa astral. Touro com ascendente em Virgem. Mas de vez em quando a praticidade e a organização abriam espaço para os pensamentos sem finalidade: aqueles que por

pouco nos levam a lugar nenhum. Era, por exemplo, provocativo imaginar como outra pessoa com o peso que seu nome lhe imputava levava a própria vida. Será que aquele outro sentiria o mesmo peso que ele sentia por ser Caetano? Claro que essas coisas ele não pensava se firmando num sistema lógico – apenas sentia sem dar nome aos sentimentos, muito embora a lógica das coisas o interessasse bastante.

A lógica ali era como a do espelho: a coisa parecia ser a cópia e a cópia parecia ser a coisa em si. De modo que nunca se separavam totalmente Reflexo e Fonte. Sequer as presenças de Natália e de Vera foram capazes de movê-lo do pequeno tribunal em que tinha se jogado, desde que a amiga dos tempos de faculdade da mulher chegou para o jantar com uma garrafa de vinho tinto numa das mãos e um Caetano na outra. “Mas eu disse a você que não precisava trazer nada, Vera. Que guria mais teimosa, essa. Eu já tinha vinho o suficiente aqui, criatura”. Natália tão sorridente, a voz ainda mais aguda e excitada que o normal, fazendo os convidados entrarem no apartamento espaçoso, com poucos móveis. Curitiba, treze graus. “Mas tudo bem. Aqui a gente não desperdiça nada, né amor? Vamo tomar teu vinho. Fica à vontade, Caetano. A Vera já é de casa”. Namorado novo da Vera. Mais um. O segundo a quem ele era apresentado somente esse ano. As relações. Ninguém conteve as risadinhas quando um xará foi apresentado a outro: “Caetano, esse é o meu Caetano”,

“Prazer, meu Caetano”, “Muito prazer.” As relações. Mas um frio desgraçado desse nessa época do ano, e o cara com aquela pele bronzada? Como ele conseguia? As mãos se apertaram com a força masculina.

Entre risadas e olhares curiosos de todas as partes, Natália foi cruzando o apartamento novo, para onde se mudaram ela e o marido, havia poucos meses. Caetano, o dono da casa, sentado no sofá de quatro lugares, puxou o maço de cigarros da mesinha de centro: “Vocês se incomodam com a fumaça do cigarro?”, perguntou. Os namorados disseram que não, educados. Acendeu então um cigarro enquanto mexia no celular. As mensagens. E nem se considerava fumante mesmo. Uma carteira de cigarros durava em seus pulmões uma semana, ou mais... O cigarro principal – o necessário – era mesmo aquele do fim do dia. O cigarro que cortava, finalmente, a noite em duas partes: a primeira, deixada para trás, era aquela da entrada no lar, tão perto ainda do restante do dia cansativo. A outra parte era aquela do lado de cá, quando somente restava a noite avançada, e dela qualquer coisa poderia ser feita. Qualquer coisa. Inclusive aquela chatice de receber para jantar no seu refúgio um homem que, sem qualquer noção do fato, o punha à prova. – Mas à prova de que? Sentir a ameaça partir de um homem tão simplório? Por quê? Por causa da beleza? Do corpo suntuoso, que se movia com um misto de elegância e vigor? Sentir ameaça porque as suas próprias ancas passavam já com

dificuldade nas malditas calças que ele tinha que usar no maldito trabalho todos os malditos dias?

Cômodo por cômodo a anfitriã foi mostrando a casa nova. Tudo decorado naqueles tons de verde. Verde-esmeralda nas cortinas, verde-musgo no sofá, verde-água nas almofadas. A bandeira do Athletico Paranaense estendida na sacada da varanda para que ninguém duvidasse. “... Ah, a casa não é nem tão nova assim, Caetano. Mas é que essa tua namorada é uma peleja pra gente fazer ela sair de casa num fim de semana, daí. Vou te contar, viu? Já disse várias vezes para ela aparecer aqui, daí. Mas foi preciso ter um namorado novo para apresentar pra fazer ela aparecer”. Caetano, o Visitante, sorria meio acanhado, alto, o rosto quadrado bem marcado, a barba por fazer, pequenas rugas nos cantos dos olhos puxados quando ele sorria, um charme. Vera estava deslumbrada com o tamanho do imóvel: “E tão poucos móveis, que ajuda muito a gente a andar mais tranquilo pela casa, né? Sem aquele medo de bater nas coisas, de derrubar daí. Não suporto aquela sensação de aperto de aquário, sabe?”. Vera sorria, fazendo um tipo pro novo namorado: “Morro de medo de bancar a desastrada na casa dos outros, como eu sou na minha. Casa com poucos objetos ajuda muito nisso”.

Os visitantes foram entrando cômodo por cômodo, educados e corteses com a anfitriã, que apontava objetos, dava pequenas explicações, compartilhava

planos futuros de pequenas reformas e ajustes. Uma suíte, e dois quartos menores: uma para as visitas, outro para o piá que um dia ia chegar quando eles terminassem as parcelas do carro. A cozinha. O banheiro social. A varanda espaçosa. E sala principal que se dividia com uma sala de jantar. A mesa minúscula. Vera estava animada: “Que aquisição, Natália! Parabéns pros dois, viu? Tudo muito lindo. E com essa vista pra essa cidade linda, que eu tanto amo”. Curitiba, treze graus.

Para Caetano, o Visitante, lindo mesmo era o esguiio peixe vermelho e solitário, pousado naquele aquário, no canto da estante. Um aquário grande, cheio de pedrinhas brancas de onde soltavam fiapos verdes de algas artificiais. Luzes internas. Bolhas subindo, saídas de uma mangueira fina. O peixe sumia entre as pedras maiores, que usava de abrigo, depois aparecia. De lá pra cá, olhando com aqueles olhos atentos, indo de vez em quando à superfície buscar, quem sabe, um pouco de ar. Enquanto isso, ele, o Estável, o dono da casa e de todos aqueles objetos ali, fumava seu cigarro, reinando no conforto do próprio lar. O outro se aproximando, todo inseguro, meio jacu. E ele espalhado, e espalhando fumaça em seu território.

Pelo jeito do rapaz, devia ser mesmo alguém muito simples. Ele era bom em notar essas coisas, atendia muita gente humilde lá na agência do banco, onde era gerente. Apreciava de longe todo o movimento do outro. Aquele namorado da Vera era mesmo mais

bonito e mais charmoso que o último. E também bem mais novo do que ela, talvez uns dez ou doze anos. Abrindo a primeira garrafa de vinho da noite, Natália fez logo aquele questionário que o marido em particular achava um porre. Qual elemento é preponderante no seu mapa astral? Acredita em numerologia? Você tem religião? Qual seu *hobby*? “Como assim *hobby*?”. Vera explicou: “O que você faz pra se divertir no seu tempo livre, amor”. Ele gostava de jogar futebol, malhava três vezes por semana, e já tinha até feito capoeira uns anos atrás com um mestre baiano que passou um tempo em Curitiba, depois desceu para Floripa. Às vezes ele também fazia trilhas com um grupo de amigos. Aquela conversa amolada de encontro entre semiestranhos. Gente sem intimidade. Sentados nos sofás, brindaram à vida. Saúde. Saúde. “Ah, então você é pisciano, Caetano? Água. Deve ser um piá todo carinhoso, hein, Vera?” – Natália servia mais vinho aos convidados.

Caetano seguia baforando, ouvindo as perguntas que a mulher fazia ao novo namorado da amiga, e ouvindo o rapaz carne-nova-no-pedaço responder aos poucos, um tanto incerto com as palavras, como se respondesse perguntas sobre a vida de um terceiro, não da sua própria. Era nascido em Sapopema, mas com sete anos a família se mudou para a capital. A mãe já tinha morrido. Morava com o pai e a madrasta. Interrompeu os estudos pra trabalhar com o pai. Era chaveiro. Caetano, o Visitante, falava e sorria. Bonitão

mesmo, o danado. Não só jovem, mas jovial. Porque também tem cada alma antiga em corpo novo por aí... Parecia aquele cara que fez aquela novela... mas como era mesmo o nome dele? Aquele que tava sempre sem camisa, bem atraente. Bastante diferente dele, que já ia sentindo a circunferência do tronco aumentar a cada mês. A maldita dor na lombar. As pernas inchadas no fim do dia. A eterna promessa de que ia começar a se exercitar. A vista cansada de ver tanta nota de cinquenta reais. Os compromissos familiares. Meu deus, os compromissos familiares!

Diante de tanta saúde, de tanta vitalidade do outro à sua frente, Caetano ia se sentindo murcho. Baforava, percebia o incômodo dos demais pelas suas expressões. Natália pediu com gentileza meio afetada para ele fumar na varanda, que ela estava se incomodando com a fumaça porque estava suspeitando de uma virose, a garganta lhe parecia cansada e tinha até espirrado muito aquela tarde toda. Mentira, ele sabia: ela estava ótima de saúde. Inclusive já estava muito acostumada com o cigarro dele, até gostava. No começo do casamento ela achava sexy. Mas ele obedeceu, afetando gentileza também, e continuou fumando lá na varanda junto das bromélias, vigiando toda a cidade iluminada e fria, tomando sua taça de vinho. Curitiba, treze graus. Mas ele estava na vantagem. Apostava que o outro, o Bonitão, não tinha chance nenhuma num concurso do Banco do Brasil,

como ele teve. Sétimo lugar: foi chamado rapidinho. O Concreto Caetano. O Estável. O Viável. E o barrigudo preguiçoso também. Findo o cigarro, ele tornou à sala, onde todos conversavam amenidades num clima cordial de uma noite de sábado.

De taças nas mãos, eles fizeram um novo brinde. Homenagearam o encontro. Tintin. Saúde. Saúde! Vinho indo, vinho vindo. Aquela conversa mole toda. Opiniões rasas sobre assuntos irrelevantes. O “mundo” das mulheres versus o “mundo” dos homens. Piadinhas sexuais que nem a uma freira interessariam. “Ah, é que homem é desligado das coisas mesmo. Se vocês soubessem o que passa na nossa cabeça, vocês não seriam homens, seriam mulheres”. O famigerado assunto de política, que ele, Caetano, tanto detestava, “Esse país não vai pra frente por causa da corrupção. Pra mim isso é um fato”. Fofocas da roda de amigos dos tempos de faculdade: “Sim, Vera, mas ele virou hippie mesmo? Que doido, daí”. “E imundo, minha amiga. Porque eu o vi num sinal um dia desses e quase caí para trás com aquela barba comprida e aquele cabelo desgrenhado dele. Um horror. O cheiro, graças a deus, eu não senti, porque eu tava no meu carro e ele tava bem longe de mim. Também nem sei se me reconheceria se me visse de perto. Mas as meninas me disseram; virou hippie e tá vendendo artesanatos que ele mesmo faz, daí”. “Mudamos tanto todos nós”. “É verdade. Mas nós mudamos para melhor, daí. Eu não

tenho sombra de dúvida. Já ele... ”

E o outro ali, ouvindo as histórias de uma fase antiga da vida da nova namorada. Cheio de energia, de força, de músculos para lhe fazer realizar o que ele bem quisesse. Um sorriso até meio inocente, que destoava daquele corpão grande e desenhado, daquela cara de homem-alfa, de lobo. Que queixo torneado tinha aquele Caetano. Uma cicatriz na sobrancelha esquerda, o corpo sem ser aquele exagero de músculos, mas uma elegância no conjunto, como se numa estante cada objeto ocupasse o seu devido espaço. E além do mais, ele tinha a potência de um futuro; sobretudo isto: a potência de um futuro. Tanta coisa ele ainda poderia concretizar em sua vida. E como a vida dele devia ser boa, leve... Natália, visivelmente empolgada com a carne nova à sua frente, empolgada talvez com a testosterona daquele homem com cara de pintura italiana, continuava fazendo-o falar sempre que possível. “Você devia ser modelo, Caetano. Bonitão desse jeito, alto, atlético, com essa postura elegante, hein Vera? Devia ser modelo, não devia?”. O homem ficou sem graça ouvindo Natália fazer elogios em forma de sugestão. De vez em quando, seu olhar encontrava com o olhar do outro Caetano; no constrangimento, eles se dispersavam novamente. Um deles, de mão dada à namorada; o outro com a mão sobre o ombro da esposa. “Capaz até”, Caetano respondeu, depois de um gole: “Isso não é pra mim não. Eu sou muito simples”.

Vera desatou então a bajular o namorado. Lembrou que já haviam dado o mesmo conselho para ele várias vezes, ela mesma estando presente. Enfatuada, naquela fase da paixão em que somente se enxerga as potências e curvas do outro, jamais as falhas, nem as esquinas. Só curvas. Caetano, o Concreto, estava atento a isso. Sempre que via alguém empolgado assim lembrava-se de si próprio anos antes. O tesão pela vida era mesmo outro, a gana era tão maior. Agora, estava cada vez mais se enraizando na dita estabilidade, enchendo novamente a taça de vinho. Ouviu Caetano, o Simples, dizer: “Quando eu era piá lá em Sapopema, eu queria mesmo era ser cantor, sabe? Até tentei alguma coisa, mas o troço não foi pra frente, daí”. “É mesmo? E você tentou o quê?”. “Aulas de canto mesmo. Mas que nada: eu era, e sou, o próprio desafino. Não encontro notas que se encaixem com meu gogó, sabe? É uma pena. Mas a ideia é boa, não é?”. As mulheres sorriam, confirmando com admiração o que ele dizia: “Eu adoro essa imagem que eu tenho dos cantores, sabe? Essa de aquecer a voz no camarim e depois subir num palco para aquecer o coração gelado das pessoas”. Natália sorriu, bebendo, quase engasgou: “Gente! Mas, Vera, você arranjou um poeta lírico na sua vida, criatura!”. “Mas, então não é?”. Caetano, o Admirado, prosseguiu: “Ah, eu acredito que as pessoas sofrem tanto porque em geral elas têm um iglu no buraco onde deviam ter um coração, sabe?” – Risos gerais. “Precisam de

música. Música que faça elas sofrerem sem motivo muito claro. Chorar, sabe? Como dizia minha madrastra Sofia, que me criou: botar para fora aquela poeira que a gente vai acumulando, assim, e jogando pra... ” – Natália e ele disseram ao mesmo tempo: “... debaixo do tapete... ”. Caetano: “É isso mesmo! Eu tô errado?”, ele queria saber de Natália. “Não! Eu acho que não. Tá certíssimo”. O cheiro daquele outro Caetano ia se espalhando pelo ar do apartamento, entranhando nas narinas dele, o Estável, e, na certa, da mulher também, que o tratava com cordialidade, mas que se pudesse – ele bem sabia – engoliria a carne nova e suculenta numa bocada só.

Dois garrafas de vinho vazias, os anfitriões então serviram o jantar. Espaguete ao molho de tomate e abobrinha. Muito queijo parmesão. Orégano. Manjericão. Vera, elogiosa, perguntou quem havia preparado o jantar tão bem apresentado. Natália respondeu, “Eu, quem mais?”. Caetano, o Injustiçado, se rebelou, sorrindo de leve: “É. Mas fui eu que arrumei toda a mesa, que escolhi o vinho... E também fui eu que deixei a cozinha limpa pra madame cozinhar, daí”. Todos riram: “Ela só cozinha com a pia limpa e vazia”, ele soltou ainda. “Lógico”, Natália foi se defendendo, sorrindo, servindo cada um dos convidados: “Lá em casa a gente foi educada assim, minha irmã e eu: somente cozinhar num ambiente limpo. Quem gosta de pocilga é porco, cê não acha, Caetano?”. O rapaz

ficou sem graça: “Sim”, ele respondeu, sem saber se devia ficar no time das mulheres ou no dos homens. “Sim”. Apesar de tudo, o espaguete estava bom. Todos comiam com certa delicadeza, supostamente para não queimarem a boca. Mas, a verdade é que estavam era se deliciando. Cada qual a seu modo. Exceto ele, Caetano: o Estável, para quem a massa parecia salgada demais. Aquele comportamento elíptico, o ar sério de quem nada fez para evitar a catástrofe em que tinha se tornado – estava tão claro – a sua vidinha medíocre. As ancas sim iam crescendo, os músculos dos braços já flácidos, era como se ele estivesse pouco a pouco se metamorfoseando numa senhora qualquer, as avós, as tias, a mãe. O vinho descendo pela garganta.

Lá pelas tantas, então, Natália riu, enquanto pressionava o guardanapo de papel contra os lábios. Os outros a olharam, curiosos, sorrindo, pedindo que ela revelasse o motivo da alegria súbita. “Hum... É que eu me lembrei da piada do Caetano”, ela disse de boca cheia. Vera também riu. Caetano, o Estável, eriçou as orelhas, inseguro: que piada? ele não tinha contado piada nenhuma. Mas não era dele que elas falavam. Era do Outro. O centro daquela mesa pequena não era ele, nem o espaguete com molho vermelho. Mas sim o outro. Ele, o Estável, se sentiu bobo sendo chamado em vão. Olhou para Caetano, o Mencionado, que mastigava a massa enquanto puxava os lábios em direção à Natália, com um olhar falsamente tímido, apenas por

cortesia. Naquele instante, o Estável teve vontade de mandar a mulher se calar. Mas não era a voz estridente de Natália contando histórias e fazendo perguntas que o afligia. Era talvez aquela coisa mesmo de estar diante do outro. Tão simples e elegante ao mesmo tempo. Que será que havia com aquele cara afinal? Será que no sexo, aquele homem era mais singelo ou vigoroso? Sussurrava no ouvido da namorada, roçando aquela barba malfeita no pescoço dela? Ou será que gemia, dizendo o que ele queria dela e o que tinha a lhe dar? Será por acaso que era adepto da tal “retenção seminal”? Ah, talvez... Ultimamente ele andava mais aberto às conversas dos colegas do banco, entre gravatas, crachás e telas de computador. Eram Carlos e Simão que trocavam as ideias mais interessantes. Ouviu dos colegas, fazia poucos dias, que um período longo sem ejacular deixava o homem mais viril, mais atraente, mais disposto. Do jeito mesmo que o outro Caetano lhe parecia: viril, atraente, disposto. Será? Retenção seminal? “Sim”, dizia Carlos, nada de masturbação, daí”. Simão completava: “Nada de pornô, pra tentação não vir”. “E nada de sexo?”, Caetano abria os ouvidos. “Não! Por três meses inteiros, nada de gozar”, Simão era enfático e provocativo, “Depois você pode retomar o sexo com a mulher”. Já Carlos era mais relaxado, “Meu amigo, a testosterona acumulada é um cofre que o homem nem desconfia que tem...”. – Eles riam entre si, enquanto Caetano ficava pensativo.

Precipitando-se então pela insuficiência que lhe perturbava, o Estável se manteve diante de si. Percebeu no outro um alto grau de vulnerabilidade, e como se mirasse mesmo um espelho manchado, soube, através do outro, que ele próprio também era vulnerável. Aquele rapaz era um chaveiro. Tinha vinte e cinco anos. Gostava de malhar e fazer trilhas. E era “antidrogas”. Só vinho, só uma bera de vez em quando, daí. “Afinal, ninguém é de ferro, né, Caetano?”, disse o Atraente, dando uma piscadinha íntima para o Estável. Mas intimidade de onde, meu deus do céu, se haviam se cruzado somente há pouco! Vinho indo, vinho vindo... Todos se alegrando. Exceto o Viável, o Trancado Caetano. Ao mesmo tempo, porém, era como se ele realizasse a verdade de ser uma coisa só, o que alguns chamariam “O Todo”. O outro Caetano – aquele que parecia ser um reflexo – era, na verdade, uma intuição. O que sabia sobre ele não era muito. Mas, era o suficiente para que ele unisse contas soltas no chão e formasse um colar delicado com as próprias mãos, tão acostumadas a contar cédulas de cinquenta reais no raio daquele banco! Segunda a sexta. Segunda a sexta. Segunda a sexta. Segunda a sexta. Ao menos pegava somente às dez! Isso sim era estabilidade. Pego às dez e largo às quatro. A coisa tava boa demais. O outro tinha uma namorada; e ele pensou: “tenho mulher, o que dá no mesmo”. O outro gostava de espaguete e vinho tinto; ele pensou: “não conheço combinação

melhor”. O outro trabalhava com o tio, copiando chaves e consertando fechaduras... meu deus, copiando chaves e consertando fechaduras... consertando chaves e copiando fechaduras... Mas a minha vida é muito superior à dele. Não havia comparação. O bonitão perdia em todas! – Desvendar, arrancar fora o pano. Então: por que tanta insegurança? Afinal era ele que tinha um apartamento em seu nome. O carrinho do ano passado na garagem (o pai recomendou trocar de 2 em 2 anos). A admiração da família. Saldo positivo no banco (uma raridade nos dias de hoje, hein!!). E aquela pressãozinha mais alta (quatorze por dez), de quem tem preocupações normais de gente comum e decente. Gente ocupada. Gente séria. Com dias certos para pagar as contas. Com horários a seguir. Compromissos pelos quais zelar no dia-dia.

O que havia com Caetano, o Concreto? O que é que há comigo? Ele fazia voltas e voltas em torno da mesa redonda sem sair do lugar. Como o infame daquele peixe, que batia as fuças no vidro do aquário e de lá não passava. O espaguete vermelho, o cheiro forte de alho refogado, o vinho, que ele bebia aos goles..Desvendar, arrancar fora o pano. Sequer prestou atenção quando, finalmente, depois de muito tempo, Vera disse alguma coisa sobre o pesadelo que teve na noite anterior: no sonho, a irmã caçula dela cozinhava uma sopa numa panela grande. Ela viu: lá dentro tinha um rato morto cozinhando junto com os legumes,

engrossando o caldo. Nojo. Asco. Vísceras. Ela pediu desculpas por estar falando aquilo no meio do jantar, mas o namorado e a amiga queriam ouvir o resto, não se incomodaram. Uma vez a janta posta à mesa, no prato de quem a concha de alumínio iria despejar o rato a ser servido? No prato de quem? Natália com aquela mania de interpretar as coisas absorvia atenta o que a amiga contava. “Ah, mas aí você tem que ver o que é que você tá engolindo, daí. O que é que você não queria engolir, entende? Tem que ver isso aí, Vera. Tá muito claro pra mim. Inclusive eu acho que é coisa lá no seu trabalho, sabia?”. Caetano via as bocas se moverem, falando, falando, falando, sem se dar conta de que os assuntos mudavam numa rapidez esquisita. Depois de um tempo, Vera indagou: “Mas vocês viram o filme que estreou?” – E mirando o “seu” Caetano, ela perguntou: “Como é mesmo o nome, amor?”. O homem tomou um gole de vinho antes de falar: “*Ensina-me a te amar*”. Ela exclamou: “Isso!”. Natália respondeu, enrolando o macarrão com o garfo e o levando à boca: “Não, não vi”. O Estável, olhava tudo à sua volta e se perdia diante do Outro, que havia pronunciado as palavras como ele mesmo as poderia pronunciar um dia, “*Ensina-me a te amar*”. O outro Caetano comia igualzinho a ele, erguendo o braço e levando o garfo até a boca insegura e avermelhada de molho de tomate. O vinho. As mulheres extrovertidas, sorrindo, criando novas frases. O frio entrando pela janela, e o peixe nadando

de lá pra cá... Alheio, vermelho, brilhante. Treze graus em Curitiba. Estava ali, à sua frente, um homem bonito e apaixonado pela vida que tinha, boa ou mais ou menos boa. Do jeito que ele falava, sua postura à mesa, a atenção das pessoas atraídas a ele como se a um imã – tudo isso somente tornava Caetano, o Concreto, algo de perdido. Um peixe fora d’água. Molhado, viscoso, de brânquias nervosas pedindo socorro com os olhos (Socorro!), querendo voltar ao seu lugar de origem, mas qual? Qual seria o seu lugar de origem? – Será? Mas será que era isso mesmo? Reter o sêmen, parar com essa história de bater punheta e deixar pra gozar somente com uma mulher de carne e osso? Ele prefira o quê: a carne ou o osso? Nossa. Será que era isso? Mas se as transas com Natália já estavam tão espaçadas, às vezes demoravam um mês inteiro sem dar uma – como é que ia ficar no dia a dia? Com tanta coisa pra fazer na rotina e com tanto cansaço no fim de cada guerra diária, o sexo era cada vez mais uma espécie de programinha de fim de semana: “cinema ou filme em casa?; pizza no restaurante ou na cozinha?; café da manhã de domingo na cama ou no motel?; hoje vai ser o quê, benzinho, um fio terra talvez?”. – Quase sete anos e cinco meses de casados, daí. E se contasse com os anos de namoro, dava uns nove e meio. Será? Será que as punhетinhas da semana cortadas da lista lhe dariam um poder e uma vitalidade até então desconhecidas? Mas e se decorressem dias sem botar pra fora, os ovos

dele iam ficar cheios, dois abacates, inchados, doendo, pedindo ajuda (Socorro!). Logo ele que passava tantas horas do dia sentado. A lombar incomodando. Andava reclamando tanto a Natália, desde a mudança pro apartamento novo; ela só fazia dizer: “Precisa ver isso, hein, amor. Dor na lombar reflete o que a pessoa não tá conseguindo suportar, daí.” Pois deu vontade de perguntar assim mesmo ali na frente das mulheres: “Caetano: você tá de saco cheio!?”.

“Caetano: você gosta de peixe?”. A luminária certa sobre suas cabeças, Curitiba a treze graus: “Gosto”. Natália se adiantou: “Ih, daí então tem que vir com a Vera um dia pra comer um peixe com arroz à grega aqui. Não é, Vera?”. “Claro”, respondeu a amiga. “Claro, venho sim”. No meio daquele clima de fraternidade meio postiça, o Estável, o Sólido, já vivo de álcool, disse: “Não, Caetano. Eu perguntei se você gosta de peixe para criar, daí... Você... gostaria de levar esse peixe aí pra você?”, e com o queixo apontou para a estante. Soluçou. “Dou o aquário também, se quiser... E o pacote de ração também...”. Soluçou de novo. Natália prestando atenção ao marido, interrogou: “Mas você vai se desfazer do mascote da casa?”. “Eu não quero mais.” – E virando-se para o outro, o Elegante, o Simples, ele insistiu: “Você quer?”. “Quero sim. Obrigado”, respondeu Caetano. “Nunca criei peixe, mas sempre tem uma primeira vez, né?”. Vera ainda estava animada: “Claro”. O Sólido: “Pois é. Tem sempre

uma primeira vez pra tudo”.

Pela primeira vez Caetano se encarou realmente no espelho vivo adiante. Quantas viagens ele se prometera quando era mais jovem! A tantas aventuras seu corpo estava destinado quando não havia certos pesos a tolerar. A mesma cadeira com rodinhas no trabalho, a lombar pressionada, o incômodo nas pernas. O incômodo, sempre o incômodo. Um sem-fim de portas abertas à sua frente – uma a uma ele as viu se fechando com o passar dos anos. Consertar as chaves e copiar as fechaduras. Antigamente a vida costumava ser cheia de ansiedades: agora era a estabilidade de uma agenda a cumprir que o guiava. De segunda a sexta. De segunda a sexta. Encher o tanque do carro, comprar, trocar, trabalhar. Mercado, tevê, internet, videogame. Fazer feira no sábado. Futebol e cerveja no domingo. Balneário Camboriú no verão. São Paulo para ver exposições importantes uma vez por ano. Estava ali, calcificando dia atrás de dia. Estável. Envolto em segurança, no conforto de um casamento que se nutria naquele apartamento decorado na cor verde, que nem era a sua favorita – mas a da mulher. É que parecia que um dia as coisas iam fazer sentido, se encaixar. Mas o inferno desse dia nunca chegava... A visão foi ficando mais turva, a boca foi secando. Eu tô tonto mas eu não tô louco. Eu tô tonto mas eu não tô louco... Como se estivesse diante de si mesmo, Caetano sentiu vontade de perguntar ao outro o que ele faria de diferente caso

uma nova vida lhe fosse oferecida, assim feito uma graça que lhe iluminasse a alma. Eu tô tonto mas eu não tô louco. Quem seria teu pai? E tua mãe? Quando você gostaria de ser gerado? Uma data especial? Teria esse corpo mesmo? Seria mais estridente ou mais calado? Teria barba? Gostaria que te dissessem que há de se ter mais paciência? (“Paciência, criatura! Tenha mais paciência!”). Eu tô tonto, mas não tô louco, daí... Teria coragem de atirar um corpo morto colina abaixo? Teria, enfim, a audácia de se entregar à coisa maior que é estar vivo? Sair do casulo? explodir? jorrar? Jorrar o rato da sopa e tomar, tomar tudo, gota por gota...

Caetano não sabia o porquê, mas todo mundo dava gargalhadas de uma vez só, Vera, o namorado, Natália. Até o peixe devia estar rindo. Todos menos ele, o Estável, que num só jato vomitou a massa vermelha sobre a mesa minúscula. Fim do jantar.

2º lugar:

Danielle Martins Cardoso

São Paulo/SP

Morro calçado

Chegaram os dias de inverno, que endurecem juntas e pensamentos. Beduíno cobre os túmulos com folhas secas. Rasga algumas, quem sabe não cumprem a função de jornal, mas dona Odete sente frio. Tenta carpir, mas as pontas dos dedos ardem. Sobre elas assopra ar quente e enfumaçado. Olha o parreiral adiante, procura Amilcar.

Sente cheiro de cuca de ambrosia, de cacetinhos com manteiga, Zé Biscoito reclama cuidados. Homem da mão pequena, ranzinza no trato e recheio, vendia pão com linguiça sem linguiça e deixava o dedo na balança, de modo a cooperar no peso. Sovina, diziam todos. Beduíno lhe é generoso, afasta a hera, cobre a lápide com murta e cravínias. Todo mundo vira santo depois que morre, dizia seu pai.

Padre Lauro tem atenção especial, Beduíno, com um graveto, cutuca letras e datas, esfrega, recolhe entulhos, o monsenhor tinha mania de limpeza. Dona Francine hoje não quer atenção, nervosa, o vento

atrapalha suas ideias. Ainda assim, ele colore o sepulcro com beijinhos e hortênsias. Seu Omero, o artesão, que antes de falecer fez a filha assinar um papel prometendo enterrá-lo com suas bonecas de madeira, recebe uma escultura de pinhas, cascalho e azaleias. Leninha, Visconde e os demais terão que esperar. A névoa chega rápido. Tempo de viração. Tateando neblina, Beduíno procura sua casa, um combinado de madeira e alvenaria sobre pedras. Pedras carregadas pelos primeiros habitantes, encaixadas, uma a uma, pelo pai, pedras que cercam os sepulcros.

Com alguma dificuldade acerta a tramela. Ainda em jejum, pensa em descascar o aipim colhido de véspera. Cresceu vendo o pai cozinhar a raiz, nela misturar farinha, ovo e cheiro verde, entornar óleo na frigideira e despejar na fritura gordas colheres. Depois, dividir as porções com o filho, galinhas e cães, eventualmente algum vizinho ou passante que dali se aproximasse. Porque bolinho de aipim era comida de partilha, dizia o pai, e Beduíno, de tanto olhar, intuiu a receita. Agora, sem ânimo, desiste de preparar a iguaria.

Sempre residiu junto ao cemitério. Tanto enterro, visto da janela, da porta, do quintal. Bastava alguém morrer e Beduíno tinha dia certo para vestir o terninho xadrez guardado atrás da porta. Porque precisava agradar o genitor e prometeu cuidados com os mortos, porque o pai ali também fora enterrado, junto à mãe

que não conheceu, porque herdou o gosto, Beduíno não sabia ao certo. Concedia ao lugar cores e aromas. E de tanto carpir e adubar, criou intimidade. Caminhava entre as covas, manso, atento, disposto. Tinha gosto no ofício, andava quilômetros para achar as flores ideais para cada defunto – aos pais nunca faltou amor-agarradinho. Precisavam dele, vivos e mortos. Ali não caçoavam ou limpavam a mão na camisa.

Hoje, pulmões duros pela friagem, tosse que fecha a garganta – o pai morreu assim, arquejante, glote fechada, o coração em tormento – levanta o rosto, o Sol tenta vencer a névoa, a viração quer se despedir. O céu virá azul. Imagine, menino, um céu azul-maria, a cor dos olhos da sua mãe, cantava o pai. Suzana morreu no parto, Beduíno agarrou, como se teimasse em permanecer no eterno. Ela desistiu, ele resistiu. O enroscado do cordão o deixou – o povo falava – meio atrapalhado das ideias. E nasceu encardido. O azul-maria morreu na mãe.

Acende o fogo, aquece o café. Tem os pés gelados, raspa a meia no chão. Os túmulos, quentes. Covas bem medidas, ornamentos e companhia. A roça reclamando cuidados, duas vacas, galinhas, quatro porcos, muito afazer. A vasilha com angu e ração continua ali. Amílcar deve estar com frio. Desapareceu na mesma noite que se esqueceu dos chinelos com a sola virada para cima, na mesma noite em que ouviu um zumbido e procurou besouro preto, puxando bancos, varrendo o chão,

sacudindo panos, na mesma noite que os quero-queros cantaram madrugada inteira.

Beduíno foi o filho feio e murcho que apagou a lucerna do lar. Os poucos parentes que se preocuparam sugeriram que a roça fosse vendida, a cidade era distante, mais perto, mais ajuda. O pai travou batalha. Não. Sua vida estava enterrada no Morro. Onde nasceu, onde permaneceria. Abraçou o filho, seios não tinha, ofereceu-lhe ombros magros e encovados, cozinhou, cuidou da terra e dos animais e não presenteou o menino com madrastas.

Sangue Beduíno não viu. Procurou pela estrada, vasculhou buracos, chamou: Milca, Milca. A dificuldade em respirar, o peito pesado, a lida diária, difícil de ser vencida. Esfrega as mãos. Mais ainda os pés. Há tempos deixou de vender aipim e verduras na cidade, comida enfeitada, o povo dizia. Também os partos. Por muito tempo foi o parteiro da região, não de gente, mas de vacas, porcas e ovelhas. Bastava alisar o ventre, penetrar com dedos, tocar piano. E o filhote se esticava, pronto para a luz. Cismaram, no entanto, quando um bezerro nasceu sem cabeça.

A cidade se esqueceu de Morro Calçado. Vez ou outra alguém aparece com uns raminhos, sem olhar para os lados. Os mortos, muito velhos, a estrada de terra comprida demais, o povo ocupado com outras mortes. O Cemitério Municipal, mais cinza, mais próximo. Os que ali restaram não foram transferidos.

Tentaram um dia, sem muito esforço. Afinal, estavam bem cuidados.

Amílcar. Único presente que a cidade lhe ofereceu, nas últimas andanças com o pai, em troca de leite e ovos. Beduíno lampejou ao sentir a cadelinha branca e magra lambe-lhe os dedos. O pai concordou e a batizou, acreditando macho, disseram que era macho. Não conferiu. Dias depois, percebido o engodo, apelidou: Milca, facilitando para o filho, que tinha a língua travada.

Uma fritada de bolinhos. Beduíno recobra o ânimo. Come o seu quinhão, toma mais café, deixa na latinha de Milca o restante do aipim e volta para os sepulcros. Assovia. O parreiral, o entardecer lilás, céu de geada. Os quero-queros não piam.

Beduíno sorri torto. Ajeita Omero, mais uma vez cobre Odete com gravetos, afasta carrapichos, conversa com Francine, pede benção aos pais, fala de Amílcar. Olha padre Lauro e se lembra dos últimos pecados. Não varreu a casa, não ordenhou e das galinhas nem sabe ao certo. Com frio, senta-se ao pé da araucária. Dali enxerga a roça. A garganta arde. Os dedos, endurecidos. Milca está demorando. Fecha os olhos.

3º lugar:

Emir Rossoni

Porto Alegre/RS

Síndrome de Hemingway

Primeiro achei que aquela doença fosse me matar. Depois descobri que o máximo que a *Síndrome de Hemingway* faria era me levar até Havana.

Os cubanos ganham dinheiro até hoje com bares, cafés e bebidas que supostamente eram as preferidas do escritor. Mas eu não estava lá para agravar a minha doença e sim para tentar superá-la. Por isso, ao ver o estabelecimento com uma placa dizendo “*Hemingway nunca esteve aqui*”, elegi prontamente meu lugar preferido da cidade.

Era pequeno, seis mesas e quatro bancos apertados no balcão, um sob uma escadaria que dava para o segundo andar. Escuro, úmido e com ótimo aroma de especiarias. O único problema, tendo em vista que as demais características não se constituíam num problema, era a falta de café no cardápio.

“Mas como não tem café”.

“*Esto es un bar. Servimos ron*”.

Pedi dois.

Quando Ernest Hemingway começou a escrever *O velho e o mar*, não fazia ideia do alcance da obra nem dela vir a ser um fator decisivo para que recebesse o prêmio Nobel alguns anos depois. O livro, uma história curta e despretenciosa, foi escrito e ambientado em Cuba, encomendado pela revista *Life*. O certo é que por ser um de seus livros mais conhecidos, a lenda em torno do escritor e da obra gera acaloradas discussões. Alguns defendem que Santiago, o pescador que fica oitenta e cinco dias sem pegar um peixe e depois aventura-se numa briga de quatro dias com um marlim gigante tem inspiração na própria vida do autor. Dizem que as semelhanças física e psicológica entre personagem e Hemingway se manifestam ao decorrer das páginas. Até ali, acho plausível, afinal um autor deve buscar inspiração em algum lugar. Outros por sua vez, defendem que Santiago foi inspirado no capitão do barco de que o escritor era proprietário em Cuba. Seu nome, Gregório Fuentes.

No primeiro gole, o rum refresca. Principalmente se pedir sem gelo. Arde na garganta, depois libera uma sensação efervescente, que borbulha e faz as mucosas eclodirem numa sensação massageante e adocicada. Mas isso acontece no primeiro gole. Ao segundo, sua língua já está amortecida e o que você quer mesmo é o efeito inebriante. Aí já pode pedir com gelo. Fica menos seco e não desidrata tanto. Eu engoli a primeira dose em dois tempos. E guardei a segunda para depois

da refeição, já que a bebida poderia servir tanto como sobremesa quanto estimulante.

Falei para o dono do bar que era escritor. Ele bufou, emitindo um grunhido de indiferença. Achei melhor calar. Mas com a certeza que minha cura buscara na cidade de Havana, se passava pelo Chanchuleiro, rua Tenente Rey, 453.

Estar num lugar estranho principalmente quando se fala outra língua já é um motivo para aguçar os sentidos. Os meus pareciam estar escritos na testa. Por isso, antes de embarcar, eu havia tirado barba e bigode, cortado o cabelo com uma tesoura que aparecera no armário do banheiro e parado de vestir-me com trajes de caçador ou guerrilheiro, desses que traziam muitos bolsos e cores ocres. Esvaziei a mente. Esqueci que era Hemingway e que precisava escrever a história da minha vida. Logo no primeiro dia, misturei-me aos transeuntes. Na rua Obispo, em Havana, turistas trafegam em busca de oferta que lhes agrade os sentidos e espantem o calor. Porém, embora eu tivesse tirado minha indumentária e me infiltrasse pelo meio da multidão, era muito estranho o fato dos locais oferecerem serviços do tipo passeios, restaurantes e hotéis para os demais turistas, geralmente grupos ou apaixonados casais alemães, e me abordarem com ofertas de “chicas” ou “puros” então “una pontita”.

A Síndrome de Hemingway, que me afetava, só fora descoberta no princípio dos dois mil pelo

psiquiatra catalão. Enrique Vila-Mats. Meu diagnóstico fora por acaso, no momento em que eu decidira largar o emprego e me alistar como voluntário na luta pela independência do Timor-Leste. É uma síndrome de certa forma incomum. Mas analisando a fundo, todas as doenças acabam sendo iguais. Elas vão minando seu corpo, seu espírito e você tem duas opções: entrega-se a elas ou tenta melhorar.

Esta doença, em específico, começa afetando o ego. Primeiro, você não está satisfeito com que você é. Depois, lembra dos livros de Hemingway. E, se por acaso tem contato com alguma etapa da vida ou biografia do escritor, os sintomas começam a aparecer. Você se sente indesejado. Acha-se capaz de julgar o mundo de forma simples e rápida e que seu julgamento é o mais justo. Então, tende a querer fazer tudo com as próprias mãos. Isso foi mais ou menos o que aconteceu comigo. Mas há casos em que o paciente apenas sente a necessidade de se passar pelo autor de *O Velho e o Mar*. Então, deixa a barba e a barriga crescerem. Apresenta-se nos hotéis e restaurantes como escritor e tende a reações quando não o reconhecem como tal. Há também alguns casos, embora em menor número, em que os doentes se recolhem em seus aposentos dispostos a continuar a obra de Hemingway como se fossem o próprio. Algumas editoras afirmam receber, ainda hoje, originais de livros assinados por Ernest Hemingway.

Eu jamais tive a intenção de ser escritor. Ou de deixar a barriga crescer. O que eu queria era lutar no Timor-Leste. Isso causou inúmeras brigas com minha mulher. Foi ela optou por buscar ajuda. Não entendi aquilo como ajuda e sim como ato egoísta e mesquinho. Tudo que eu queria era embarcar logo para Ásia, explodir pontes e retornar para Havana, onde passaria os dias pescando e as noites tomando daíquiris.

“Mas o que você está dizendo?” , perguntava-me ela.”Vivemos em Porto Alegre”.

Eu não gostava de Porto Alegre. Fazia frio excessivo no inverno, o verão era um forno não havia bons pontos de pesca. Meu lugar era Havana, queria voltar para lá, embora, na voz incrédula da minha mulher, nunca havíamos estado naquela cidade.

Na primeira noite em que consegui uma mesa no Chanchuliero, aparceu um sujeito. O bar é pequeno e as mesas de quatro lugares nunca têm uma cadeira desocupada. Pediu licença e sentou-se, antes antes mesmo que eu a concedesse.

“Where are you from?” , perguntou.

Disse que podia falar espanhol e perguntei se gostava de daiquiri. Preferia rum, disse-me

Ofereci-lhe uma dose.

“Trae un añejo”, falou para o garçom. ”Una botella”.

O rapaz vivia em Cojimar, com sua mulher, e não tinha filhos. O fato dele viver na vila em que Hemingway

se inspirou para escrever. O Velho e o Mar não me pareceu importante. Quer dizer, chamou minha atenção por se tratar do mesmo local e ser uma coincidência sem relevância, até porque isso não iria mexer com meu incosciente. O máximo que poderia acontecer era eu querer saber como era a vida lá e o que mudara depois do surgimento do livro.

“Para mim, el libro no significa nada”, disse o rapaz.

“Para mim também não”, respondi. “Por isso venho a esse bar”, completei.

“Por Chanchuliero”. ergueu sem um para o brinde.

Brindamos.

Eu estava mentindo.

O rapaz era médico. Mas não exercia a profissão.

“Aquí no hay oportunidades”, disse umas doze vezes durante aquela garrafa.

“Así que yo cazo”, seguiu. “ Y le vendo a los turistas”.

O rapaz vivia numa casa relativamente confortável, segundo ele, e pratica caça submarina. Vendia peixes e mariscos para restaurante. Paladar Reina del Mar. Além desses peixes, também coletava esqueletos de crustáceos, que a esposa usava para confeccionar peças de artesanato e vender para os turistas que visitavam o Reina del Mar.

“Yo podría ganar el Nobel de Medicina”, disse ele

já no final da garrafa. “Pero estoy aqui, para los peces y la bebida”.

Cumprimentamo-nos e ele terminou sua garrafa de aÑejo. Eu havia bebido duas doses e comido camarões que me fizeram vomitar ao chegar em casa.

“Hermano” ,disse-me.”Voy a estar aqui mañana y voy a traerle um regalo”.

Pedi a conta, incluindo o rum do rapaz. Confirmei o encontro para o dia seguinte e perguntei seu nome.

“Santiago”, disse. “Santiago Fuentes”.

No dia que planejei minha primeira ida a guerra, fazia frio em Porto Alegre e eu achei que o Timor-Leste seria um ótimo lugar para se passar uma temporada. Além do mais, eu estava achando um tanto sem propósito a tentativa de tomada de poder por parte dos rebeldes e senti uma pequena vontade de mandar bala. Todavia, o verdadeiro motivo de minha gana era a possibilidade de comer insetos fritos e arranjar uma namorada asiática. Talvez aquilo rendesse algum bom livro. Por quem os sinos dobram fora escrito mais ou menos naquelas condições lembrava bem.

Ainda que naqueles dias eu tivesse uma relação um tanto idiota com minha família, ou talvez por isso, minha vontade era partir imediatamente. Mas o impulso deu lugar a um pouco de prudência, se é que se pode chamar prudente uma ida solitária para o Temor-Leste com objetivo de lutar numa guerra civil sem no menos saber o idioma que lá se falava e sem conhecer a

geografia e costumes do lugar. A prudência, que julguei ter à época, consista em ter estudado onde ficava a capital e as zonas de conflito, pela internet. Além dos pratos típicos e locais onde havia mais mulheres por habitante homem.

Três meses depois fui diagnosticado com Síndrome de Hemingwaye, a partir de então, sempre havia algum familiar meus passos. Era uma espécie de vigília que não me deixava pegar em armas, entrar para a academias de boxe, escrever textos muito longos, ler livros de Hemingway e conversar com mulheres de uniforme. Em alguns domingos eu tinha a estranha sensação de liberdade, que era quando meus familiares se reuniam e bebiam a tarde inteira. Não beber era parte de meu tratamento. Porém, este era um deslize tolerado por todos, além do mais aquilo me fazia dormir e impedia-me de sair de casa.

Na noite seguinte, Santiago chegou ao Chanchuliero à mesma hora, por volta das dezenove e trinta. Eu já havia bebido um mojito e estava de olho numa mexicana que carregava a bandeira dos Médicos Voluntários na manga esquerda. Porém, ela parecia mais interessada nas bebidas exóticas que nos turistas do bar. Pensei que, se ao invés de apenas olhá-la de forma sedutora, eu me apresentasse de maneira excêntrica, teria mais chances.”Olá, sou escritor, meu nome é Ernest”. Todavia, sempre que tinha boas ideias me lembrava de que eu estava em Havana para a cura

final de minha doença e não para conquistar mulheres em bares. No meio da divagação, chegou ele.

“ Seu nome é Santiago mesmo?

“ Por quê no?”

“Me pareceu coincidência demais”.

“Y poe quê seria?”

“Porque venho fugindo desse sujeito há trinta anos e entrei aqui exatamente por esse motivo”.

O rapaz sorriu com os olhos.

“ Relájate, estamos en Chanchuliero”.

Era melhor tentar fazê-lo. Depois, fiquei sabendo que seu dia fora, no mínimo, pior que o meu. Além de haver chovido e não ter vendido nada para os turistas, não pôde pescar e sua mulher quebrava o dedo do pé. Passou a tarde no hospital. Todavia, eu ainda nutria a esperança de que ele lembrasse que havia me prometido um presente.

Diz a lenda que Hemingway, ao retonar à Cuba em 1959, foi questionado sobre a relação fria dos Estados Unidos para com a ilha. O escritor disse lamentar, pois se considerava um cubano. E, num gesto rápido, apanhou uma bandeira de Cuba que estava ao lado e a beijou.

Porém, pela rapidez do ato, fotógrafo algum registrou o memento. Quando pediram para repetir, e assim poderem fotografar, Hemingway disse que era um cubano, não um ator.

Por isso, quando Santiago retirou da bolsa um

envelope envelhecido, que o tempo conferira alguma transparência, minha respiração alterou-se. Em preto-e-branco, tamanho 10h30 a fotografia que o mundo aachava não existir estava em minha mão.

“Mi padre la hizo” ,disse.

O pai de Santiago ia fotografar Hemingway falando com seu primo que era repórter, mas como não sabia usar a máquina direto, clicou atrasado e o resultado era aquela foto.

Santiago já não gostava de Hemingway e não conseguia concordar com o regime cubano.

Depois entenderia que livrar-se daquela imagem de um jeito sábio era algo que buscava há tempos.

Perguntei se a fotografia era pra mim.

“Es por esta bebida”, respondeu. “De Hemingway, también tengo um caderno.”

Cheguei ao povoado no meio da manhã, depois de tentar fazer o motorista entender que eu precisava ir a Cojimar para me curar. Mas, segundo ele, aquele era o pior lugar do mundo para isso. Se quisesse me curar, que fosse a Varadero, o paraíso na terra. Se eu não melhorasse pelo menos o caminho para o céu seria mais curto.

Paguei a corrida e procurei um restaurante, sempre pensando que história era aquela de caderno mencionada por Santiago. Estava com fome e precisando um daíquiri.

Eram cerca de dez horas da manhã e Santiago

estava chagando ao restaurante com uma espécie de saco, grande e negro, com o resultado de sua caça. Depois, eu descobriria que ele e a esposa viviam nos fundos do Reina Mar, numa pequena casa com entrada pela rua lateral.

“Quieres probar?”, disse ao ver-me apontando para o arpão, as nadadeiras e os óculos submarinos.

Eu ia perguntar ia se ele não usava cilindros. Mas achei a pergunta mais idiota que o fato de eu ter me deslocado até Cojimar sem motivo aparente algum.

Pequena e abandonada, um tanto inóspita, úmida e quente, era a parte antiga de Cojimar em cuja ponta, seguindo pelo Malecón, havia um forte. Ele parecia inútil. Mas imagino o que Hemingway pode ter vislumbrado ao vê-lo em ação. Do outro lado, um pequeno ancoradouro, onde embarcações chegavam e atracavam com peixes de diversos tipos, raros os grandes.

Deve ter sido antes de chegar ao Reina Mar, enquanto eu, perdido após ter sido deixado na carretera pelo taxista, fui descendo, meio às cegas. Com certeza foi antes de chegar ao restaurante. Certas coisas parecem dúbias, mas a lógica indica ter sido esse o período em que avistei a casa de madeira, com uma pequena varanda também de madeira, apoiada em dois pilares de concreto, com um azulejo espanhol em cada um deles. As trepadeiras davam sinal de habitarem o local há alguns anos e que haviam tomado conta,

possivelmente, após o último morador ter saído. Uma casa típica de cidade litorânea, pensei. Vi, com toda clareza, o velho Santiago sentado naquela varanda. Uma espécie de memória coletiva que eu próprio julgava falsa.

Um impulso fez-me pensar em voz alta “pare com bobagens”. Deveria seguir adiante e não ficar catatônico frente a uma construção decadente.

Andei algumas quadras e encontrei o verdadeiro Santiago.

“Quieres probar?”, disse, apontando para o arpão, as nadadeiras e os óculos submarinos.

Eu ia perguntar se ele não usava cilindros. Mas julguei a questão idiota e, num impulso quis saber o que eu acahava ter acontecido a Santiago após o final de O Velho e o Mar.

“Esta es la última vez que vamos a hablar de Hemingway”, disse, apertando meu braço.

O fato é que o pai de Santiago, o sujeito fotografara Hemingway a beijar a bandeira cubana, também tinha posse de outra relíquia, passada para o filho mais tarde.

“La continuación de El Viejo y el Mar”, disse “Creo que pocos lo han leído”.

Eu não estava ali para isso, mas a história aguçou minha curiosidade. Na verdade muito mais que a história, mas a possibilidade de uma continuação do maior livro de todos. Naquele momento, acredito que

se Santiago tivesse um pouco mais de sensibilidade, ou quem sabe, se tivesse um instinto maior de observação ou talvez de ganância, teria percebido a mudança em minha respiração, nas minhas pupilas e na temperatura do meu corpo. Por tudo isso, contive minha empolgação e não perguntei onde estava guardada essa obra e nem o que nela acontecia.

“Isso ainda existe?”, disse.

“Puede ser. Tal vez no.”

Que diabos esse maluco está dizendo pensei. Seria uma obra raríssima, podendo valer milhões e ele ali falando como se fosse um jornal do dia anterior.

“Era un manuscrito”.

Por fim, ligando os fatos, que Santiago, contava nos intervalos de suas histórias de pesca, percebi que a obra, caso realmente existisse, teria sido escrita ali em Cojimar, enquanto Hemingway aguardava seu barco ser consertado após uma pequena avaria causada por ele mesmo, ao querer entrar na baía depois de um dia bebendo rum. O casco teria se chocado em algumas rochas e só teriam percebido dias depois, quando retornariam para o mar. Pois, nesse dia, sem nada para fazer, Hemingway teria pedido um caderno e uma caneta emprestados a um pescador que estava se preparando para sair. Sentou-se apoiando as costas no tronco de uma árvore e, fumando um charuto, teria escrito entre vinte e trinta páginas daquele caderno.

“Sucede que el pescador, dueño del caderno”,

disse Santiago.”Era amigo de mi padre.”

E completou revelado que este teria ficado furioso por Hemingway ter gasto tanto papel. Depois , trocou-o com o pai de Santiago, por um caderno novo.

Eu sempre achei que Santiago Fuentes saiba coisas além do que me contava. Todo caso, segundo ele, o manuscrito dizia que após se recuperar, o velho Santiago recebera uma medalha de ouro em Havana por bravura e superação, sendo o campeão emérito de um torneio de pesca que passaria a ser realizado todos os anos em Cuba. O velho ficara tão feliz com a medalha que andava com ela dependurada ao pescoço o tempo inteiro. Nem para dormir tirava. Porém com a tomada do poder pela Revolução, ficou assustado a ponto de procurar fazer melhor uso dela. Temia que a medalha lhe fosse confiscada. Então, com ajuda do garoto, a derretaram e transformaram-na em ouro puro. Com o dinheiro, foi possível construir uma casa próxima à calle Martí Real. Uma casinha de madeira, não muito grande, mas com quatro cômodo, cama com colchão de penas, fogão, mesa de madeira, quatro cadeiras e uma varanda, sustentada por dois pilares de alvenaria ,em cujo centro haviam azulejos espanhóis.

O jovem Santiago continuou falando, mas após ouvir essa descrição parei de ouvi-lo, deixando-me transportar em pensamento para casa abandonada que vira em minha chegada.

“Por su decepción con Fidel”, lembro de ter

voltado a prestar a atenção em meu amigo,”parece que Hemingway no hizo ningún esfuerzo para publicar la historia y optó por olvidar Cuba”.

De certo modo, esse relato podia ser palusível, pois o regime comunista fora bastante hostil com Hemingway. Fora, em parte, uma decepção para o escritor, pois, se antes ele se orgulhava por Fidel ter dito que lia. Por quem os sinos dobram em Sierra Maestra, depois Hemingway fora obrigado a deixar sua propriedade na ilha, com o barco os livros e tudo mais.

Isso teria apressado a deterioração do estado de saúde do escritor. Mas, a história contada por Santiago me fez entender a estadia em Cojimar.

Hemingway escreveu O Velho e o Mar sob encomenda e, como troco, recebeu o Nobel de Literatura. Eu não gostava de escrever. Mas tinha facinação por guerras e, ultimamente pelo mar. Também recebi meu troco pela aventura em busca de uma cura inexistente para uma doença não oficialmente reconhecida: conheci Santiago. E agora, eu sabia onde o personagem do livro mais famoso do ocidente passar o fim de seus dias. Nessa altura, já não impotava se a casa servira de moradia para o verdadeiro Santiago, para Hemingway ou fora apenas uma inspiração num momento em que o escritor esperava o conserto de seu barco.

Caminhei duas quadras. Abri a porta arredei umas trepadeiras, deixei o ar entrar e tratei de tirar o pó,

principalmente da cama, que permanecia arrumada. O sol estava se pondo quando a casa de pilares com azulejos espanhóis estava apta para se passar a noite. Ninguém estranhou minha presença. Então, tomei uma ducha, no chuveiro que mandava apenas água fria. Com o calor em Cuba, isso não era um problema. Vesti a mesma roupa, fechei a porta e sai, a procura de um lugar para jantar e tomar um rum.

Comi um bocadito acompanhado de uma Bucanero e me senti com energia para caminhar até o pequeno porto do povoado. No caminho estava o Reina del Mar. Fechado. Não havia turista no princípio a noite. A porta do corredor que dava acesso aos fundos, no entanto estava aberta. E, à mostra, o equipamento que Santiago usava todas as manhãs. “Quieres probar?”, visualizei-o a dizer.

Eu havia transformado o Chanchuliero em meu local preferido em Havana por motivos obscuros. Se parar para pensar, não era o melhor bar da cidade, não tinha os melres drinques, muito menos os melhores preços.

E aquela história de frequentá-lo por causa da frase “Aqui nunca esteve Hemingway”, escrita a mão numa lâmina de quadro negro, pouco me convencia. Por que eu ia ao Chanchuleiro? Talvez porque lá tivesse conhecido Santiago. Talvez porque eu fosse estrangeiro e precisava ser reconhecido em algum lugar. Ou, então, porque o bar estav sempre cheio e fosse praticamente

impossível de se conseguir uma mesa, deixando-me assim frustrado, um sentimento que trazia uma memória afetiva, fazendo-me sentir em casa.

Mas o Chanchuliero não era a única coisa que fazia-me bem em Havana. Eu achava que estava doente. E minha cura poderia passar por ste bar. Quando esquecia desse peopósito, gostava da música que brotava da maioria dos bares e restaurantes de calle Obispo, principalmente do Cafe Paris, cuja vocalista, uma negrinha simpática e de voz potente, embora não tão bonita, a cada noite saía com um estrageiro. Mas eu também gostava das lagostas por preço de banana e adorava as galerias de arte, eram estúdios improvisados nas residências dos artistas, que ali também comercializavam suas obras.. Mais tarde eu percebi que não eram tão naturais quanto pareciam. O que eu não gostava era das mulheres. Nunca consegui diferenciar quando queriam conhecer-me ou quando queriam alguns dólares ou uma passagem só de ida para lugar longe da ilha.

Eu me perguntva “O que eu estou fazendo aqui?” E caminhava, na maioria das vezes, com o olhar perdido, fingindo interesse na arquitetura do século XVIII. “O que estou fazendo aqui?”Se eu pudesse demonstrar o que senti nos últimos dias, provavelmente entregaria uma página em branco. Não é a melhor forma de expressão, eu sei. Mas é o que consegui.

Quando cheguei ao pequeno porto de Cojimar, a

lua estava encoberta por uma pequena nuvem. Mesmo assim, iluminava bem o local. Não havia obstáculos. E havia dezenas de embarcações, esperando pelos seus navegadores, que chegariam antes do sol nascer. Não declaro meu entusiasmo por ter chagado até ali, nem minha alegria ou frustração pelo sucedido. É como se eu estivesse voltado pra casa, ou mais simbolicamente, voltando a ser o que eu era. Procurei um lugar para sentar e acomodei o equipamento de caça de Santiago junto aos meus pés. Respirei fundo, até recuperar totalmente o fôlego. Eu estva diante de um pequeno barco, preso à margem por uma corda, sem nós, e com a âncora jogada na proa. Antes de tudo, peguei um caderno e uma caneta, acendi um charuto e comecei a escrever a sequência de O Velho e o Mar, conforme as imagens apareciam em minha imaginação. Feito isso, cerca de trinta ou quarenta páginas depois, assinei Ernest Hemingway e tratei de acomodar o caderno entre algumas madeiras, na entrada do porto, de modo visível, mas dando a compreensão de que estivesse perdido. Então, coloquei o arpão, as nadadeiras e os óculos submarinos no barco, atento para ter certeza de que ninguém se aproximava. E foi assim que tudo começou.

Incentivo local:

Ludwig Larré

Santa Maria/RS

Severiano

Os últimos raios de sol que aqueciam o corpo febril do velho Severiano foram pulando a cerca do horizonte. O brilho frio da estrela boieira se erguia de sinuelo ao minuano que soprava do poente, penetrando como pontas de lança os rasgões do poncho surrado do mulato. O velho vinha arqueado no lombo do tordilho, tossindo sem parar, volta e meia escarrando sangue. Perdera a esperança de encontrar algum rancho, algum *fogón* onde se abrigar naquela noite. Léguas e meia adiante, um capão de mato podia ser trincheira para o vento e prover lenha para um fogo. Se chegasse até lá! O corpo, que já quase não obedecia o comando da vontade, foi-se ladeando nos bastos até se bolear no chão. Não encontrou forças nas pernas nem fôlego no pulmão para levantar. Encomendou-se à Virgem Maria, certo de que não amanheceria vivo sob a geada. O tordilho arrastava as rédeas junto ao dono. Severiano batia queixo e se contorcia em calafrios. O cachorro Jaguaçu se enrodilhou junto a seu peito, emprestando

algum calor e conforto ao velho. Sem parar de tremer de frio, Severiano foi fechando os olhos, mergulhando em lampejos de sonho e delírios de febre.

* * *

Severiano nascera liberto. O pai, um franco-argentino, capataz de estância em Canguçu, comprara e alforriara a mãe escrava. O moço Severiano, crescera na estância, trabalhando em toda a lida. Não tinha completado dezessete anos quando, inflamado pelos ideais abolicionistas, engajou-se ao 1º Corpo de Lanceiros Negros, sob o comando do Major Joaquim Teixeira Nunes. Demonstrou valor e coragem já em refregas e escaramuças menores, mas o batismo de fogo veio em setembro de 1836, na Batalha do Seival. Quando a coisa se pôs osca para a Brigada Liberal do coronel Antônio de Souza Netto, o pelotão de Severiano irrompeu o entrevero, quebrando as linhas inimigas de forma decisiva para virar o rumo da batalha e definir o triunfo das forças farroupilhas. Naquele mesmo dia 11, no Campo do Menezes, Severiano era um dos lanceiros que acercavam o comandante, quando Netto bradou *“Camaradas! Gritemos pela primeira vez: viva a República Rio-grandense! Viva a independência! Viva o exército republicano rio-grandense!”*.

Em 39, já homem da confiança dos oficiais e liderança entre a tropa, esteve na vanguarda das forças

de Teixeira Nunes na ofensiva por terra que culminou na tomada de Laguna. Severiano foi personagem, herói e testemunha da campanha que resultou na Proclamação da República Juliana. De lá retornou por Lages e Vacaria, escoltando Luigi Rossetti, Anita e Giuseppe Garibaldi. Na longa marcha da retirada, tornou-se muito próximo do revolucionário da Sardenha, a ponto do estrangeiro pretender levá-lo consigo. Severiano agradeceu o convite, mas reafirmou o compromisso com Teixeira Nunes, prometendo juntar-se a Garibaldi no futuro. Seduzia-lhe a ideia de experimentar o balanço de um navio sob si em lugar do lombo de um cavalo.

Em 44, foi um dos sobreviventes do Massacre de Porongos. Quando os soldados de Chico Pedro Moringue caíram sobre os lanceiros desarmados, Severiano e um pequeno grupo de companheiros conseguiram apelar a bolaços alguns dos atacantes e desarmá-los. Num ato de absoluta bravura, tentaram oferecer resistência e cobrir a retirada de Teixeira Nunes. Com o comandante mortalmente ferido, Severiano, também golpeado, mas ainda combatendo com ferocidade, precisou ser arrastado pelos companheiros para deixar o campo de batalha através de uma brecha que abriram na ofensiva inimiga.

Com a Paz do Ponche Verde, o soldado Severiano e outros dos poucos remanescentes do 1º Corpo de Lanceiros Negros, foram incorporados à Cavalaria Ligeira do Exército Imperial no Rio Grande. Sob o

comando de Manuel Luís Osório, lutou ainda a Guerra do Prata, contra Uribe e Rosas, em 51 e 52. Ferido na Batalha de Monte Caseros, quando esteve na vanguarda das forças brasileiras com o 2º Regimento de Cavalaria, foi promovido a sargento. Após a guerra, seguiu com Osório para Jaguarão e depois São Borja, onde deu baixa do exército. O ferimento em Monte Caseros abatera a saúde de Severiano. A carga de um lanceiro inimigo lhe fraturara três costelas e comprometera seriamente um pulmão. Recuperou-se do ferimento, mas o pulmão nunca mais foi o mesmo.

Sargento Severiano, crioulo de Canguçu, acabou por casar, ter filhos e se radicar por São Borja. Montou um comércio, em sociedade com um português, e se ocupava das carreteadas de compra e venda de mercadorias, quando não arrumava uma tropeada, para não perder o velho costume de soldado de cavalaria.

* * *

Foi entre sonhos, delírios e lembranças dos tempos de guerra que o velho Severiano acordou aquecido e coberto, num catre de couro cru forrado com pelegos. Imaginara que ‘acordaria morto’ e coberto de geada, tendo apenas o tordilho e o cachorro Jaguaçu por testemunhas de suas últimas horas de vida, na volta de uma tropeada, por aquele corredor perdido entre as coxilhas missioneiras. Um fogão de

barro aquecia a maloca de leiva e taquara em que se encontrava. Junto do fogo, uma bugra tomava mate com um bugrinho agarrado em cada perna. Por uma fresta na parede do rancho, viu o tordilho pastando a poucos metros. Do lado de fora da porta, Jaguaçu ergueu as orelhas, latiu e balançou a cola, quando o dono quis se erguer do catre. Tentou balbuciar alguma coisa, mas a voz mal lhe saía. Foi o suficiente, no entanto, para que a bugra ouvisse e, sem dizer uma palavra, saísse apressada porta afora com os bugrinhos de atrás.

Sem demora, o bugre pai entrou na maloca. Um índio por volta dos quarenta anos, cara lisa, melena comprida, negra e sedosa atada numa vincha de pano branco. Trazia na mão uma guampa de leite quente, adoçado com mel silvestre e temperado com guaco e malva, para dar de beber ao Sargento. Severiano ergueu o tronco com dificuldade para sorver o líquido, a cabeça apoiada pela mão do índio. Olharam-se no fundo dos olhos um do outro. Nenhuma palavra foi dita, mas a troca de olhar durou tempo suficiente para o velho entender que estava ali há dias. Quatro dias e quatro noites haviam passado desde que o bugre encontrara o Sargento duro de frio e quase morto, coberto pela geada de uma manhã de inverno, à beira de um corredor esquecido pelos fundos de campos missioneiros. Nenhuma palavra foi dita, mas os olhos de Severiano e do bugre se reconheceram. O velho bebeu

todo o conteúdo da guampa e voltou a adormecer sob os olhos vigilantes daquele que o acolhera.

* * *

Fazia coisa de mais de trinta anos. Foi logo que o Sargento Severiano se estabelecera por São Borja. Tinha levado uma tropa de gado a Lages e retornava com dois companheiros, cruzando aqueles campos das Missões. Fizeram pousada em uma venda na encruzilhada em que se separariam. Os companheiros desceriam no rumo sul pela velha estrada do Forte de São Martinho da Serra, com destino a São Gabriel. Severiano seguiria a oeste no rumo de São Borja. Os dois tropeiros seguiram viagem logo cedo da manhã. Severiano tinha negócios a tratar com o bolicheiro, a quem traria encomendas do próprio comércio e mercadorias da Argentina na próxima carreteada.

Era um dia quente de dezembro. O Sargento mastigava um naco de salame, empurrado para baixo com uns goles de canha, proseando com o bolicheiro e a clientela no balcão da venda. Nisso, um tipo gordo, grande e sujo, barba e melena engruvinhadas, fedendo igual badalhocá, apeia de um azulego magro e judiado e entra no bolicho, de pés descalço e cascudos, batendo a poeira de um chiripá imundo igual à cara do dono. Fez-se silêncio no ambiente. Já vinha à meia guampa o *mala cabeça*. Pediu uma garrafa de canha, resmungou

alguma coisa que ninguém entendeu direito e lançou um olhar debochado para os presentes. Severiano mostrou-lhe a argola do mango. O paisano baixou os olhos e o tom de voz. A prosa voltou a lacear entre os fregueses da venda, até que o forasteiro, na maior sem cerimônia, indagou se havia rancho de china por aqueles pagos.

A turma coçou os ferros pela falta de respeito com a mulher do bolicheiro, que ajudava o marido atrás do balcão. Antes que alguém respondesse, o estranho levou a mão em direção a uma guriazinha, de não mais que dez anos, que entrara correndo comércio adentro. A criança foi mais ágil e se safou da investida. Sargento Severiano já tinha a adaga desembainhada, mas o vendeiro também era destorcido. Sacou da pistola, apontou para a cara do maula e sentenciou:

– Se tem, é pr’aquela lado de lá, que é pra onde tu vai. E é agora!

O catinguento resmungou alguma coisa, levantou-se mostrando as mãos longe dos ferros, jogou um patacão para dentro balcão, disse “o troco é seu” e saiu mais ligeiro do que se podia esperar daquele monte de banha rançosa. Montou o azulogo, xingou e amaldiçoou todo mundo, quase atorou o pobre animal com um relhaço, e saiu num galope. O bolicheiro chegou a fazer mira pela janela, mas o Sargento segurou-lhe o braço. Estava enfarado de ver morte, depois de tantos anos de guerras.

Severiano tratou dos negócios com o vendeiro, despediu-se, guardou na mala de garupa o fiambre que lhe haviam regalado para a viagem, montou e deu de rédeas no zaino para o rumo do poente. A mesma direção que tinha tomado o gordo maula. No caminho, ia matutando sobre os modos do cujo e os causos que ouvia nos últimos anos por aquelas bandas.

Volta e meia alguém contava de crianças sumidas, às vezes encontradas mortas e muito machucadas. Havia gente que acusava os bugres. Severiano sabia que aquilo não era coisa de bugre. Pelo menos não dos que habitavam a região. A maioria já descendia dos primeiros índios catequizados pelos jesuítas ali pelos Sete Povos. Os que ainda viviam como selvagens já eram poucos e, mesmo pagãos, eram criaturas de alma boa e pura. Os bugres só matavam para se defender ou quando invadiam seus domínios. Isso era o mesmo que guerra, e a guerra tinha sido o ofício do Sargento. Os bugres xucros daquelas bandas, às vezes, até roubavam mulheres de invasores, mas jamais maltratavam crianças. Isso era coisa de gente muito ruim. E o *mala cabeza* catinguento bem podia ser a fera responsável pelos ataques.

Não tinha cavalgado três léguas, quando o sol do meio-dia começou a forçar uma parada para o fiambre. O zaino já vinha assoleado. Meia légua ao norte, conhecia um lajeado costeadado por um bom mato para o descanso. Saiu da trilha pela qual cortara caminho e

seguiu na direção da aguada.

Ainda faltava um bom pedaço até o capão de mato, quando ouviu gritos de criança. Beliscou o garrão no vazio zaino e, já quase apeando, escutou um tipo de rosnado que lembrava os resmungos do maula fedorento. Apeou a uns cinquenta passos do mato, e nisso um indiozito de uns seis, sete anos saiu renguendo barranco acima, com os trapos de um camisolão branco esfarrapado em tiras sujas de sangue. Atrás vinha o catinguento, que o Sargento chegou a pensar ser o próprio demônio, errando pegada no garrão do indiozito.

Deu tempo de desatar as três-marias, reborquear duas vezes e soltar a manicla. Quando o gordo – que até então não tinha percebido a presença de Severiano – escutou o assobio do couro cortando o ar e fez menção de se virar, um bolaço estourou ‘bem aqui assim lá nele’. O desgraçado caiu já desacordado, com o canto do olho desmanchado em sangue, carne e osso e um lado inteiro de cara e cabeça inchando como bexiga soprada. Severiano procurou o indiozito para acudir e ver a gravidade dos ferimentos, mas o coitadinho tinha sumido. O rastro de pingos de sangue desaparecia poucos metros mato adentro.

Enquanto isso, o maula começava a se mexer e tinha uns ataques de tremura. O mulato pensou em passar a gravata colorada naquela imundícia ali mesmo, mas estava enfiado de mortes. Tinha matado muita

gente, mas sempre em combate. Já tinha até passado a degola, como golpe de misericórdia, em inimigo agonizante. Era até uma forma de respeito com um inimigo valente. Mas aquele *mala cabeza* não era homem para merecer a gravata colorada. Sabe-se lá quantas crianças já tinham sofrido e morrido nas mãos desse imundo sem-serventia.

O Sargento cortou quatro estacas no mato, fincou-as firmes ao chão, e amarrou o catinguento deitado de costas, com pernas e braços esticados e abertos. De volta à estrada, avisaria alguém para que trouxessem o comissário da vila mais próxima. Que a autoridade se encarregasse do pestilento, caso o sujo sobrevivesse.

Feito o serviço, foi até o lajeado para se lavar e dar de beber ao zaino. Só então avistou o azulego do imundícia, um quarto de légua abaixo, atado num galho de sarandi. Montou o zaino, desceu até lá, e voltou cabresteando o azulego. Agora podia desatar o coisa ruim das estacas e levá-lo ao comissário amarrado no lombo do pobre bicho.

Quando vinha voltando para onde deixara o prisioneiro, escutou um urro. Beliscou as esporas no zaino e encontrou o indiozito em pé junto ao catinguento. Segurava na mãozinha trêmula uma faca mui antiga, mas de bom aço, com cabo de chifre de cervo adornado com uma trança colorida de feitio guarani. Tinha capado o pestilento, que se esvaia em sangue por onde não restara nada.

Não satisfeito, o indiozito ajoelhou junto ao estaqueado e meteu-lhe a faca, numa estocada de baixo para cima, da boca do estômago até o coração, como quem mata porco. Só então virou-se para Severiano, encarando no fundo do olho do mulato, como quem agradece e pede silêncio. O Sargento estendeu-lhe as rédeas do azulego. O indiozito montou e trocaram mais um longo olhar. Seguiram cada qual seu rumo. Nenhuma palavra foi dita.

Severiano nunca contou a ninguém o que se passara naquela curva de mato à beira do lajeado. No mês seguinte, carreteando as encomendas do bolcheiro da encruzilhada, ficou sabendo que tinham encontrado a carniça do *mala cabeza*. O povo comentava que teria sido serviço de pai, irmão ou marido de alguma mulher com quem ele tivesse mexido. Nunca mais se soube de causos de criança morta ou desaparecida por aqueles pagos.

* * *

A febre do velho mulato baixara, mas não cedia. A bugra lhe dava comida na boca. O bugre lhe tratava com chás e emplastros de ervas, leite com mel, malva e guaco. Os olhos de ambos se encontravam como velhos conhecidos quando Severiano notou o cabo da faca na cintura do índio. Era a mesma faca mui antiga, mas de bom aço, com cabo de chifre de cervo

adornado com uma trança colorida de feitio guarani. Quando, uma semana antes, recolhera o Sargento caído no amanhecer gelado das coxilhas missioneiras, o bugre reconheceu no tordilho o estribo de prata com o brasão da cavalaria em relevo. Era o mesmo estribo dos aperos do zaino que Severiano montava trinta e tantos anos antes.

A tosse do velho foi ficando mais intensa. O bugre correu para junto do catre e ergueu cuidadosamente o tronco do Sargento. O mulato escarrou mais uma plasta de sangue. Os olhares de ambos se encontraram demoradamente mais uma vez. O lanceiro Severiano pensou ouvir ao longe o toque de um clarim e foi fechando os olhos para nunca mais abrir. Morreu nos braços do indiozito missioneiro. Nenhuma palavra foi dita.

1ª menção:

Jeanne de Araújo Silva

Ceará-Mirim/RN

Querido diário

Olhou-se no espelho. A boca suja de batom. O olho roxo. Inchado. Virou-se devagar e viu os hematomas nas costas. Lembrou-se que gostava muito da cor lilás. Sorriu com as lágrimas descendo pelo rosto e lavando a maquiagem. Desde criança gostava de brincar escondido com as bonecas da irmã. De vestir seus vestidos, de colocar tiaras na cabeça. Sua mãe não se importava. Estava sempre ocupada demais em corrigir provas e trabalhos da escola onde era professora. O problema era o pai. Policial. A sorte é que ele trabalhava por plantões e vivia mais fora do que em casa. Isso dava-lhe tempo e espaço para entrar nas brincadeiras da irmã mais velha que sempre o maquiava e o vestia nas inúmeras brincadeiras de princesas, bonecas e desfiles. Eram companheiros em tudo. Cresceram assim, um ajudando ao outro na escola, nos afazeres da casa, escondendo as traquinagens um do outro para os pais.

Querido diário, hoje eu roubei um batom vermelho

de minha mãe. Passei na boca e me achei lindo. Lindo não, linda. Tirei rápido com medo do meu pai. Hoje é meu aniversário. Ganhei da minha irmã um monte de tecidos para fazer vestidinhos para as bonecas, os escondemos dentro da caixa de sapatos, embaixo da cama. Do meu pai ganhei uma arminha de brinquedo, mas ele não me abraçou. Tomei sorvete de pistache com minha mãe e minha irmã na saída da escola.

Sentiu inveja da irmã quando ela foi virando mocinha, os seios apontando, os pelos crescendo. Era impossível não ver, já que dormiam no mesmo quarto desde crianças. Para ele, a irmã era perfeita em tudo, era linda, era aquilo que ele queria ser. Vestia suas roupas, agora escondido, pois também crescera e seus pelos, apesar de poucos e ralos, cresciam debaixo do braço, no ventre e nas pernas. Depilava-se completamente. Odiava aquilo. Aqueles pelos, aquela voz grossa. Quando a irmã não estava, vestia o vestido azul, aquele que ela mais gostava, colocava seus sapatos de salto e desfilava diante do espelho. Sentia-se linda, inebriante, poderosa!

Querido diário, eu me odeio. Eu não sou o que vejo no espelho. Eu gosto do Carlos. Acho ele bonito demais. Tem dias que tenho vontade de morrer. Morrer e nascer de novo. Outra pessoa. Uma mulher. Clara. Amo esse nome.

Mas havia o pai que ele odiava. Num domingo, em família, o pai contou que havia prendido três

viadinhos que estavam saindo de uma festa num clube da cidade fazendo arruaça na vizinhança. Os prendeu e os espancou para aprenderem a serem homens. Que aquilo era uma doença, era inaceitável que um homem quisesse ser uma mulher. Ele não teve coragem de dizer nada. Baixou os olhos e tentou engolir a comida que inchava na boca. O silêncio que se fez na mesa era ensurdecador. Aquele recado era para ele, ele sabia. A mãe sabia, a irmã também. Todos se calaram com medo do pai, que, sempre que bebia, espancava quem estivesse mais perto de sua raiva sem medida.

Querido diário, odeio meu pai. Odeio todo mundo. Quero ir embora daqui o mais rápido possível. Ou vai chegar o dia em que um de nós dois morre. Eu não o suporto. Ele já morreu para mim.

No final do ano, pediu ajuda à irmã para o baile de formatura. Seria uma noite especial. Todo mundo poderia ir fantasiado e ele escolheu ir vestido de sua maior paixão: Marilyn Monroe. O único problema era o pai. Ele não podia saber. Organizaram tudo, a irmã comprou peruca e alugou o vestido. No dia da festa, o pai estaria de plantão e eles sairiam logo depois que o pai saísse para a delegacia.

Na noite do baile de formatura, jantaram em silêncio. O pai pediu que não voltassem muito tarde. Prometeram. Eles iriam com os colegas da rua e a mãe iria buscá-los quando a festa terminasse. Quando o pai saiu, correram para se arrumar. A irmã ficou linda

vestida de bruxa e ele ficou deslumbrante vestido de Marilyn. Eufóricos, sentaram na sala à espera dos colegas que passariam para levá-los. Quando o carro chegou, eles saíram correndo. Não eram os colegas, era o pai, no carro da polícia, tinha esquecido a arma e havia voltado para buscá-la.

Olhou-se no espelho e tentou lembrar as vezes em que o pai lhe dera um abraço, um beijo, lhe fez um carinho. Não consegue. Não consegue porque não havia uma única vez. A única coisa que conseguia relembrar era o pai partindo em sua direção já com o cinto na mão. Ouvia os gritos da mãe e da irmã estilhaçando o silêncio e sentia a pele queimar. Sentia o ódio do pai marcar sua pele uma, duas, três, inúmeras vezes. Sentia aumentar também seu ódio por ter nascido homem, por se saber mulher, por está preso num corpo que não era o seu. Queria ter seios, vagina, útero, ovários. Sua alma era feminina. Por que com ele, porquê?

Querido diário...

Abriu a porta do armário do banheiro, pegou a gilete e menstruou pela primeira vez.

2ª menção:

Antonio Carlos Monteiro Teixeira Sobrinho

Salvador /BA

Ricardo, filho de canhoto

– Ricardo! Ô Ricardo!

Era um grito meio rouco, mas forte o suficiente para se fazer ouvir nos quatro cantos daquele campinho um tanto tímido, localizado pelas bandas do centro da cidade. Era também um grito solitário, que dividia espaço com os risos e as troças daquelas mães e daqueles outros pais. Criticavam-no à boca miúda do lado de cá da arquibancada, faziam mesmo pilhérias maldosas, riam alto. Do outro lado, sozinho, ele continuava:

– Ricardo! Toca a bola, porra! Ô Ricardo! Toca a bola!

Ricardo, porém, não ouviu aquilo que o pai aconselhou – ou, se ouviu, fez questão de se fingir surdo. Quando a bola foi em sua direção, seus olhos brilharam na antevisão da sequência fantástica de dribles com os quais envolveria os adversários e marcaria o gol, que seria eleito como o mais bonito da semana naquele programa de domingo. No entanto,

no segundo mesmo em que o menino pensava na jogada e na glória, a bola rejeitou o domínio de seus pés e sobrou caprichosamente para Luisinho, talentoso ponta-esquerda do outro time, acertar um lindo chute de primeira, no ângulo. Um a zero no placar e um silêncio incômodo tomou conta do lugar, que sediava as semifinais do campeonato anual da escolinha de futebol.

– Ricardo! Porra, Ricardo! Acorda! Domina a bola, meu filho.

O pessoal do lado de cá da arquibancada reclamou com mais força, nesse momento. Afinal, era um absurdo que o pai tratasse o menino daquele jeito, admoestando-o na frente de todos. Que culpa tinha a criança em ter nascido perna-de-pau, incapaz de dominar o mais simples dos passes? Não à toa, ele era um eterno reserva daquele time, jogava apenas quando não havia outra opção. Nessas raras ocasiões, a figura quieta e calada daquele homem, sempre solitário do lado de lá da arquibancada, se transformava: gritos e reclamações a todo erro do moleque Ricardo, como naquele que resultou no primeiro gol do time de colete amarelo.

A verdade é que ninguém reparou, como não haveria mesmo de reparar, que aquelas reclamações eram sem dúvida duras, mas traziam à tona uma espécie de tensão noutras ocasiões encoberta. Não os recrimino. Quem haveria de entender, não é mesmo?

Para os outros, aquilo ali era tão somente uma algazarra qualquer, simples diversão de crianças e nada mais. Para ele, não. Impossível ser tão pouco. Quem poderia lhe adivinhar os afetos que verdadeiramente compunham aqueles gritos, tanto mais quando incentivava o menino a recuar e a defender, a dar carrinhos, meu deus, carrinhos!, se não eu, que o conhecia? Fossem outras as torções do destino, todos ali decerto o reconheceriam, e era merecido que assim fosse, mas a sorte gorou cedo demais.

– Volta, Ricardo, volta! Tem de marcar por trás e antecipar, Ricardo! Presta atenção, porra! Para de olhar pra bola! Olha o jogo, meu filho, olha o jogo! Corrige a posição. Na direita, rapaz, na direita! Vai! Divide que nem homem, caralho! Porra, Ricardo!

Ele também sabia quem eu era. Lógico que sabia. Não me direcionava um aperto de mãos nem mesmo uma palavra e era justo e compreensível que assim o fizesse. Mas se deixava trair quando pousava os olhos sobre mim: aquela mágoa remoendo silenciosa desde o passado não deixava dúvida, ele também me reconhecia. E, nos momentos em que me via, seu grito soava ainda mais terrível:

– Desgraça, Ricardo! Mete o pé que nem homem nessa porra!

E só eu podia compreender a razão daquilo tudo.

Fora das rádios e dos jornais onde trabalhei com sucesso por décadas narrando e comentando jogos

de futebol, eu ocupava meu dia agora tentando pinçar futuros talentos entre as escolinhas da cidade. Minha voz, embora bastante desgastada pelo peso dos anos, dos gritos de gol e dos cigarros, ainda me garantia algum prestígio entre técnicos menores e ex-jogadores sem dinheiro. Assim, quando pintava algum pequeno prodígio por essas escolinhas, eu sempre era o primeiro a saber. Passava a frequentar o lugar durante semanas inteiras, acompanhando treinos e jogos para aferir a qualidade do “novo grande craque”. Em geral, promessas meeiras, que se destacavam apenas por seus adversários e colegas de time estarem abaixo da média. De quando em vez, um ou outro mostrava mesmo algum potencial, como aquele menino Luisinho, de boa habilidade e chute cavalariço, em se considerando a pouca idade. Intermediando a ida dele para as categorias de base do Bahia ou do Vitória, eu poderia garantir uma boa grana em um futuro relativamente próximo. De qualquer modo, há sempre pequenos times precisando de jogadores ruins que se especializam em destruir jogadas – muitas vezes com violência – ao invés de criá-las. Eu nunca saía de mãos vazias. Levando esses futuros zagueiros-zagueiro para os pequenos times da região, ia fazendo um dinheirinho aqui e outro ali.

O menino Ricardo era desses: sem intimidade alguma com o esporte, não teria qualquer oportunidade no futebol se não fosse se especializando em dar chutões e em distribuir perigosos carrinhos, sempre no

limite entre a bola e a canela do adversário, quando não no joelho. Mais do que qualquer outro, o pai sabia disso e incentivava o filho a não medir a força na disputa de bola.

O pessoal da arquibancada do lado de cá repudiava o que entendia como estímulo à violência promovido pelo pai e defendia o pequeno Ricardo que, visivelmente, não tinha o ímpeto necessário para as jogadas mais bruscas: sonhava com os dribles impossíveis, fugia das divididas mais viris.

– Ricardo! Ô Ricardo! Vai na bola, Ricardo! Mete o pé com tudo, porra!

Eu permanecia calado, atento ao jogo – àquela altura, dois a zero para o time de colete amarelo noutra falha do menino. O pessoal do lado de cá da arquibancada tentava uma opinião minha, queria minha indignação também. Eu permanecia calado.

Não, não era de agora que nos conhecíamos, eu e ele. Hoje simplesmente um José Silva qualquer, nome comum e de pouca expressão, eu o conhecia do tempo em que era ainda Zé Canhoto, formidável meio-campista clássico do Esporte Clube Ypiranga. 1976, o ano.

O Mais Querido vinha já de um longo jejum de títulos, o último tendo sido o Torneio Início de 1963 – glória menor, incompatível com a história do auri-negro. Em se tratando de Campeonatos Baianos, o time já não erguia a taça desde a longínqua data de 1951, quando

trionfou sobre o Vitória em um emocionante empate no já extinto Campo da Graça. Eu estava lá, junto ao meu pai. O gol de Raimundinho, aos 17 minutos do segundo tempo, não sai da memória dos últimos e poucos ypiranguenses, aqueles que ainda conseguem resistir ao tempo e às frustrações que só o futebol sabe e teima em promover.

Mas, infelizmente, estávamos em 1976 e lá se iam longos 25 anos sem um troféu realmente digno. Naquele então eu já era um consagrado locutor esportivo. Minha voz se projetava nas rádios da capital desde o início da década, quando gritei gols de Tanajura e Pinheirinho, João Daniel, Douglas e Osni, os grandes artilheiros. Existia a lenda de que eu havia nascido com três pulmões, tamanha era a minha capacidade de sustar o tempo enquanto dava emoção mesmo ao gol mais vagabundo.

(Ai... e quantas vezes tive de gritar assim os gols contra o meu Ypiranga...)

Nada indicava que seria diferente naquele ano: nos dois primeiros jogos do campeonato, uma derrota e um magro empate contra Jequié e Fluminense. Na volta do Joia da Princesa, lembro bem, um sentimento doído de fim me atravessava. Era sempre a mesma rotina de alguns empates, poucas vitórias, muitas derrotas. Já não éramos nem mais a maior torcida da cidade. Aos poucos, anos após ano, minguavam os motivos de orgulho. Nossa grandeza se acomodava nos desvãos da memória.

O próximo adversário era o Leônico, campeão do Torneio Início de 1975, mas que vinha mal no certame de 76, inclusive sofrendo uma derrota acachapante para o Bahia por 9 a 0, com cinco gols de Mickey, três de Douglas e um de Jésum – o Tricolor era mesmo de aço naquele tempo. Nem mesmo assim eu conseguia ânimo para imaginar ou sonhar com um triunfo. Seria partida renhida, feia, decidida em um bate-rebate ou em um pênalti mal marcado para qualquer um dos lados.

Menos pelo dever da profissão do que por amor ao Ypiranga – quem ainda ouvia notícias sobre o Mais Querido? –, fui à Vila Canária naquela semana acompanhar um dos treinamentos. O clima não era bom: a frustração pelo início ruim de campeonato somada ao processo de decadência do clube parecia pesar sobre todos os jogadores, vencidos desde sempre. Até mesmo os funcionários, que sempre me recebiam com sorrisos e abraços alegres, desta vez apenas me cumprimentaram acenando de longe, com rostos e gestos taciturnos. Engasgo na garganta. Outro qualquer teria a vontade de sair dali, esquecer que existia o auri-negro baiano e torcer para qualquer time lá do Rio de Janeiro, aqueles que as rádios nacionais projetavam, aos rincões mais distantes, como grandes vencedores. Mas não eu, por deus, não eu. Sentei no cimento gasto e quebradiço da arquibancada e assisti ao coletivo, animado em ver Marinho recuperado da lesão que o tinha retirado dos dois primeiros jogos. Se

bem tivesse alguma dificuldade em dar lançamentos, ele era nossa esperança no meio-campo. Sabia ao menos organizar o time, ter calma, cadenciar a partida. Perto do fim do treinamento, pisou em falso, torceu o tornozelo, estava fora do jogo. Assisti a tudo sem esboçar reação, derrotado em minha própria invenção de esperança. O que eu poderia esperar diante do Leônico?

Lembro-me que, mesmo depois do término do treino, com todo mundo já recolhido aos vestiários, fiquei ainda um bom tempo naquela arquibancada, como a reviver momentos que já não voltariam. Nunca mais um Popó, de quem papai tanto falava, entoando feliz o antigo cântico da torcida: *Não há fogueira sem brasa/ Não há mato sem cipó/ Não há partida animada/ Quando não joga Popó.*

Eu mesmo cantava baixinho essa quadrinha de outro tempo, como a buscá-lo naquele gramado malcuidado de 1976. Perdido no antes de mim mesmo, nas memórias que gostaria de ter, demorei a ouvir a voz grave que se achegava do ano em que eu não queria estar. Era Salustiano, de intimidade Salu, centenário torcedor. Sua figura se confundia com a história do Ypiranga.

– Ô Salu, é você, meu amigo? Desculpa, eu tava longe...

– Pois eu não vi, meu bom? Tava aí olhando pro que já foi, não é?

– É, tava sim – e respirei fundo um pouco, recuperando-me da brusca retomada do tempo e do espaço. – Me diz, Salu, para quando outro Popó?

– Xiii... difícil, viu? Lembrança danada de porreta essa do Craque do Povo... Eu e teu pai vimos o Ypiranga; tu só viu quando ainda era menino pequeno, de calça curta – e se fez num risinho canto de boca, que era mais agonia e aperto do que alegria com a brincadeira.

Verdade, ele tinha alguma razão. Como eu gostaria de ter visto aquele clássico Ypiranga e Fluminense, o do Rio, em que o grande Popó fez todos os nossos cinco gols. “Popó 5, Fluminense 4”, disse um dirigente do clube carioca à época. Papai me contava dessas e de outras façanhas. Salu também tinha todas essas memórias por experiência, por tê-las vivido, muitas vezes junto ao meu pai, amigos inseparáveis desde sempre. Eu, a grande maioria delas, apenas as tinha de oitiva.

Ficamos bom tempo em silêncio, um ao lado do outro, cada um com suas memórias, suas alegrias, suas frustrações. Eu, um tanto cabisbaixo; ele, altivo como sempre, nunca se permitiu baixar a cabeça. “Marinho tá fora de novo”, eu disse. Salu já sabia. Aliás, diziam por aqueles tempos que Salu sempre sabia do antes, do agora e do depois.

– Vai entrar um menino novo, 17 anos ainda.

– Quem é esse, Salu? – se fosse outra pessoa, seria estranho acreditar em informação tão repentina

assim, ainda mais que não vi ninguém novo treinando, mas sendo ele quem era... doido desconfiasse, não eu.

– Um tal de Zé Canhoto, meu bom. Chegou do interior aí tem duas semanas, vai ganhar oportunidade. Não tem outro pra entrar mesmo, tudo uns caga-bosta.

– Canhoto? – perguntei, estranhando a alcunha.

– É, pra dar a diferença do outro Zé Silva, o *back* reserva. Como o menino bate na pelota com a esquerda, ficou Canhoto aqui nos treinos.

Como que uma radiosa intuição me bateu naquele instante: apelido tão expressivo assim não poderia ser motivado apenas pelo rele fato de o garoto ter habilidade, aliás, fora do comum, com a perna esquerda, claro que não poderia. A forma de chamá-lo vinha já do interior, é óbvio, quando os zagueiros fingiam lesões para não enfrentar aquele garoto que infernizava todo o sistema defensivo adversário. Prudente, o velho Salustiano não me quis contar as origens gloriosas do apelido, não quis criar apreensão dentro de mim. Bom homem, esse Salu.

Prudente já eu não era, nunca fui, nunca aprendi a ser – vício de quem trabalha com a urgência dos furos de notícia, talvez? No sábado, publiquei um pequeno texto em A TARDE conclamando a torcida ypiranguense para prestigiar a estreia do garoto José Silva, esperança divina para os auri-negros, o Canhoto em pessoa para as defesas inimigas.

– Ricardo! Ô Ricardo!

Intervalo de jogo. Aquele pai solitário, do lado de lá da arquibancada, quetou silêncio. Olhava para lugar nenhum, o rosto de quem se perdia no abismo de si.

Do lado de cá, as mães e os outros pais tomaram gosto da gozação e continuavam: risos e mofa que perturbariam aquele senhor de cabelos brancos e movimentos lentos, passo dificultoso, se ele estivesse ali para ouvi-los. Como poderiam compreendê-lo, não é mesmo? Todos ali tão novos, tão divididos entre Bahia e Vitória, que saberiam eles de Ypiranga e de Zé Canhoto? Ninguém tinha lido aquele texto que publiquei no longínquo sábado, 14 de fevereiro de 76, véspera do jogo contra o Leônico, véspera daquela estreia. Ninguém mais possuía as memórias do Mais Querido. Ninguém além de mim.

Soubessem, esses do lado de cá da arquibancada, daquele domingo e da semana de glórias que o sucedeu, e poderiam começar a entender um pouco o que se passava. Mas, quem ali teria lido o delicioso artigo que Jorge Amado, bem ao seu jeito, fizera publicar sobre a estreia de José Silva, “Quando o Canhoto é a Salvação”? Quem saberia das fofocas que circulavam, dando conta de que daquele Canhoto até Irmã Dulce gostava? Quem adivinharia os elogios que Mestre Pastinha dedicava ao jogo de corpo daquele *player* tão diabólico, ele que era a própria ginga? Não, ninguém haveria de compreendê-lo. Ninguém além de mim.

Eu gostava particularmente dessa escolinha por-

que ela simulava, desde cedo, o futebol profissional, inclusive com os professores fazendo as vezes de técnicos nos intervalos, montando táticas e planejando estratégias. Com isso, é preciso dizer que o técnico do time de colete amarelo levava duas grandes vantagens nesse jogo: tinha seu elenco completo, ninguém faltara ao compromisso da semifinal, e não tinha Ricardo em seu plantel. Não sendo contemplado com a mesma sorte, coube ao outro treinador manter o menino em campo no segundo tempo, mas com severas instruções de nunca passar da intermediária, e rezar para que os outros defensores, postados mais à frente, conseguissem evitar que a bola chegasse até ele. Com os dois times dispostos em campo, o juiz apitou o reinício do jogo.

– Ricardo! Ô Ricardo! Você é zagueiro, porra!

Após uma longa manhã de tempo fechado e finas pancadas de chuva – aliás, as manhãs daqueles anos sempre eram de tempo fechado e finas pancadas de chuva –, uma bonita e rara tarde de sol naquele domingo em 1976. Como Salu havia dito, o garoto foi lançado de titular, camisa 8, com a função de levar a bola até os atacantes, deixá-los em condição de marcar um golzinho que fosse, suado, chorado, mas que garantisse o primeiro triunfo do time no certame. Fez muito mais que isso. Preparou todas as jogadas para os arremates de Beca, Severo e Ivã. Ypiranga 3, Leônico 0. E as preparou sem nem ao menos tocar na bola, apenas

abrindo espaços e enganando os adversários com sua especialidade, um mágico movimento de corta-luz – diabruras do Canhoto.

Sim, sim... é verdade que alguns “especialistas” da crônica esportiva baiana tentaram distorcer os fatos. Para estes descompreendidos, mal remoendo a inveja do furo de notícia que eu havia dado, o Canhoto era uma farsa, um maldito perna-de-pau dos infernos, mas com uma baita sorte. Segundo a cegueira dessa moquequinha sem crédito, o moleque não tinha feito corta-luz algum, apenas errara o domínio da bola, permitindo que a pelota passasse por entre suas pernas. Imagina! Mentirada mais sem tamanho que essa eu nunca vi, coisa de torcedores da dupla Bavi com medo do Ypiranga renascer no futebol sem igual daquele Capiroto. O artigo de Jorge Amado, publicado na terça-feira, derrotou por completo aqueles que maldiziam o futebol do jovem – que importa se o grande escritor não tinha visto o jogo, no que isso desmerece o seu ponto-de-vista? Os fanáticos por testemunhas oculares falam como se não existissem ceguetas e míopes no mundo.

Três a zero... há quanto tempo o Ypiranga não ganhava assim? Enfim, teríamos alguns dias de bonança na Vila Canária, clima mais ameno, perspectivas melhores.

Na quinta-feira enfrentaríamos o Redenção, campeão da segunda divisão no ano anterior, mas que vinha cambaleando na primeira, com duas derrotas e um

empate. Na quarta fui à Vila Canária, queria conversar com Salu, dividir as alegrias, mas não o encontrei. O coração do velho não resistiu à felicidade de ver Popó acenando e parou na noite mesmo de domingo. Morreu feliz, o meu amigo. Morreu revivendo o que já se havia desfeito. O corpo só foi descoberto na tarde de terça, quando um funcionário mais antigo do clube achou estranho o fato de Salu não ter ido à Vila no dia anterior. Não conseguiram entrar em contato comigo. Eu ainda me dividia entre o trabalho e a prolongada comemoração pelo triunfo do final de semana. O enterro, com todos os preceitos necessários, se deu na manhã de quarta; eu cheguei apenas pela tarde. Dor intensa. Logo agora, Salu? Lembrei-me da última conversa que tive com ele, da empolgação tácita com o futebol do Canhoto... Ah, Salu... logo agora, meu bom?

Mais do que nunca, tínhamos naquela quinta-feira a obrigação de ganhar, e bem. Não deu outra: Ypiranga 3, Redenção 0; dois de Ademilton e um de Severo. Narrando aquele jogo, eu tinha cinco pulmões – os três que me davam, mais os dois de Salu. Gritava por mim e por ele; torcia por mim e por ele. Ao fim, chorava sozinho na cabine; chorava de saudade, chorava de alegria. Canhoto esteve novamente em campo e mais uma vez foi genial. Numa bola alçada na entrada da área inimiga, ele fingiu tentar o domínio, mas deu um belíssimo passe de peito para Ademilton, livre de marcação, estufar as redes. Os zagueiros alvinegros,

coitados, até hoje tentam entender como foi possível aquele lance.

Novamente, muitos argumentavam contra o jogo. Diziam, sem qualquer vergonha na cara, que nem podiam saber se o Canhoto era mesmo canhoto, pois nunca o viam com a bola nos pés. Tratavam-no de enganador para baixo, o pobre menino de 17 anos. Chegavam ao cúmulo de dizer que a bola o rejeitava, sempre fugindo de seu domínio. Desqualificavam a beleza e a genialidade do passe de peito da última quinta, diziam-no prova incontestes de absoluta falta de habilidade.

Eu defendia o rapaz, elogiava-o, comparava-o a Popó, fazia os mais geniais trocadilhos com seu nome. Dessa vez, não mais com o apoio de Jorge Amado, certamente ocupado em algum novo romance, ou dos comentários, sempre trazidos por pessoas as mais confiáveis, envolvendo Irmã Dulce e Mestre Pastinha.

O jogo seguinte era decisivo e provaria a qualidade do meio-campista. O adversário era o Bahia, campeão de 73, 74 e 75, time sem igual naquele campeonato, uma máquina de fazer gols – em três jogos, já tinham assinalado 20 vezes, com 10 tentos de Mickey e 5 de Douglas. Era, finalmente, um adversário à altura das tradições do Ypiranga e do talento do Canhoto. Seria a prova dos nove.

O jogo aqui caminhava já para o meio do segundo tempo e o time de colete preto havia conseguido

diminuir a diferença no placar, com um gol em cobrança de falta de Dado. A estratégia montada pelo técnico dera certo, e os meninos se jogavam ao ataque pressionando pelo gol de empate.

– Ricardo! Ô Ricardo! Volta, porra!

22 de fevereiro de 1976, Ypiranga versus Bahia, clássico entre as duas maiores tradições e torcidas do estado. Início de jogo, mais ou menos por volta dos cinco minutos. Severo tocou a bola na direção de Zé Canhoto, que tinha em sua cola um zagueiro do Esquadrão. Quando movimentou o corpo para fazer outro belíssimo corta-luz, talvez o mais perfeito já visto em um campo de futebol, sentiu uma forte pancada na lateral do joelho esquerdo e desabou já em dor e em pranto. Houve silêncio. O juiz marcou a falta, mas não viu a agressão, não expulsou aquele zagueiro criminoso. Acompanhei os maqueiros sumirem, levando com eles o talento daquele ex-novo Popó.

– Ricardo! Divide a bola que nem homem, Ricardo!

Não lembro muito do restante do jogo, sei do placar em 4 a 0 para o Tricolor, mas não há jeito de eu me recordar os goleadores. Sei que posso ler em algum lugar e repetir aqui, mas não serão memórias minhas, orgulho meu. A verdade é que eu narrei o restante daquela partida como se lá não estivesse, minguido em minha própria alegria de ver o auri-negro em campo.

Não demorou para que os médicos do clube – e ainda outros, alguns pagos mesmo por mim –

constatassem: o joelho já era. Jogar futebol era impossível; andar, só com alguma dificuldade.

– Vai Ricardo! Marca essa porra! Vai de carrinho, caralho!

Nos dias seguintes, gritei e acusei. Esperneei contra a violência no futebol, contra esses zagueiros sem qualquer técnica que só faziam ceifar os verdadeiros talentos, como o Canhoto, de curta carreira, apenas 2 jogos e poucos minutos. Ganhei a chacota de uns, a inimizade de outros.

Ao fim do campeonato de 1976, chegamos em quarto lugar na classificação geral. Uns, mais afoitos e menos conhecedores das artimanhas do futebol, esporte miserável de traiçoeiro, tentavam me chamar à razão, mostrando que o Canhoto não era o craque que eu pensava ser, que o time vencia porque era bom e não por causa dele. Razão qual o quê?!, eu respondia, mesmo irritado! Não fosse a ignomínia praticada, o crime, o vandalismo, o atentado contra a história ainda futura do futebol, teríamos sido campeões!

Riam dos meus arroubos, ridicularizavam sem pena a mim e ao Canhoto. Eu continuei; ele, não tinha como. A cada resposta que davam a meus textos, eu me agarrava mais firme à emoção que só eu sabia conferir à narração dos gols. Já Zé Canhoto, pobre rapaz, que podia fazer? Privado do futuro para o qual era destinado, usado por radialistas sem escrúpulos como forma de se alçarem ao lugar que era meu, qual outra

opção teria se não voltar a ser apenas um José Silva, pacato morador de um interior qualquer? Deixou-me carta. Num português ruim de entender, agradecia-me por tudo, pelas verdades e pelos exageros – “quais?”, tive vontade de perguntar, mas quetei silêncio –, pela ajuda com os médicos, pelos sonhos que ele mesmo não tinha, mas que o ajudei a ter. Finalizava pedindo que eu o deixasse em paz, que permitisse o nome “Zé Canhoto” cair no sem palavras do esquecimento. “Não era justo”, tive vontade de responder, mas quetei silêncio mais uma vez: eu o entendia. Se eu não queria esquecer das esperanças que tive; se eu queria me agarrar a elas como uma forma de, ao menos, imaginar as memórias que eu gostaria de algum dia contar aos meus filhos, também eles ypiranguenses, ele precisava esquecer daquelas que jamais poderia vir a ter.

Mas, nunca me conformei com o silêncio em torno daqueles dois jogos e cinco minutos. Volta e meia me batia a vontade de registrar aquela memória, pequeno e curto momento de esperança em meio à queda vertiginosa do Mais Querido, dolorosamente rebaixado no ano seguinte.

– Volta, Ricardo! Porra! Volta!

Último minuto de jogo, placar ainda apontando o triunfo do time de colete amarelo contra o de colete preto, que pressionava inteiro no campo de ataque. Inclusive com o menino Ricardo, que se esquecerá completamente das severas recomendações de seu

técnico e nem ouvia os gritos do pai.

O pessoal do lado de cá da arquibancada já não mais escondia em risos altos os xingamentos falados baixinhos contra aquele senhor do lado de lá, solitário. Como poderiam entender, não é mesmo?

Perna-de-pau absoluto, sem qualquer habilidade em nenhuma das pernas, Ricardo queria porque queria ser jogador de futebol – aos 13 anos, quase todos os meninos, talentosos ou não, querem. José Silva o acompanhava à escolinha, onde repisava antigas dores e tentava ensinar ao filho como ser igual àquele que lhe destruiu o destino.

– Ricardo!

Último lance. O time de colete preto todo no ataque. Dado recebe a bola, gira com o corpo enganando a marcação e abre na direita para Marcão, que tem o corredor livre para avançar. Ele corre, dribla um marcador e toca em direção à meia-lua de volta para Dado que, de primeira, dá um leve toque para a frente, desconcertando os dois zagueiros centrais, imóveis. A bola segue até a marca do pênalti, onde Ricardo estava, meio sem saber o que fazer, meio sem saber para onde ir. O time de colete amarelo parou pedindo impedimento, mas o lateral esquerdo dava condição. O goleiro saiu para abafar, de modo que o menino Ricardo não tivesse tempo de pensar em nenhuma jogada, nem sequer de dominar a bola. Então, a mágica se deu. Ao levantar o pé esquerdo para

aconchegar a pelota em seu domínio, ele mediu mal a altura e a deixou passar por baixo de si, enganando o goleiro que não teve como esboçar qualquer reação: a bola correu caprichosamente lenta para o fundo da rede. Era o gol de empate em um belíssimo corta-luz do menino Ricardo, filho de Canhoto.

2x2. Os garotos do time de colete preto vieram abraçar Ricardo em euforia, mas ele se separou de todos e correu para o colo do pai: emocionados os dois, abraçados, ambos rindo e chorando muito.

O pessoal do lado de cá da arquibancada aquietou os maldizeres. Teriam sido tocados pela beleza daquela cena, ainda que não entendessem o que estava em jogo? Não sei. Saí no instante mesmo em que os dois se abraçavam. Não quis ver a decisão por pênaltis, não quis saber do resultado final, não quis levar ninguém para nenhuma divisão de base.

Desculpa, velho amigo. Já não é a memória de dois jogos e cinco minutos, já não é a história do futuro frustrado de um ypiranguense chamado Canhoto. É a história de um pai e de seu filho. E eu preciso contá-la.

3ª menção:

Cefas Carvalho

Parnamirim/RN

Lua de mel

Não, amiga, não vou me justificar. Você me conhece desde que éramos meninas e sabe que sempre fui decidida, impulsiva, mesmo. É da natureza da pessoa, dizem, não tem aquela história do escorpião e do sapo atravessando o rio? Não que eu seja um escorpião, mas você é inteligente e sabe do que estou falando. Se bem que sou escorpiana, mas, de qualquer maneira não acredito nisso de signos como você e como André. É sobre ele que quero falar. Preciso falar, desabafar. Estamos aqui no terceiro dia de lua de mel. Cancun é linda, sim, tudo aqui é maravilhoso, mas, teria sido igual se fosse em alguma praia do Nordeste ou de Santa Catarina. Claro que quando chegamos ao hotel me impressionei com o luxo, com a atenção dos funcionários, a piscina gigante... enfim, tudo aqui parece um sonho, um filme, mas, como dos sonhos acordamos e filmes não passam de invenção, a realidade sempre bate mais forte depois. E foi assim que aconteceu. No segundo dia, ontem, tudo já estava bem morno. E, amiga, não é segredo para você que na verdade tudo

sempre foi morno com André. Desde o início do namoro. Evidente que a educação e a gentileza dele sempre me agradaram. O fato dos meus pais se afeiçoarem dele também colaborou, afinal, eles reclamavam de todos os meus ex. Com André eu tinha uma liberdade social, facilitada pela família conquistada por ele, que me agradava, de maneira que acebi mais seduzida por este estilo da vida, poder ir a festas, ficar na rua até madrugada, do que especificamente por André. Mas, tudo isso você sabe, te contei naquela época.

E você sabe, e sempre soube, que na cama, com André, as coisas nunca ganharam a temperatura que eu esperava e sonhava. Tudo bem que com os anteriores, o traste do Jorge e o canalha vagabundo do Júnior, também não era nenhuma maravilha. Mas, se tudo funcionava com André – o cinema, os passeios, as festas, as conversas – era de se esperar que eu com ele visse estrelas, como você e nossas amigas diziam que aconteciam com todas. Mas, não posso negar que me acostumei com isso. E só parei para pensar sobre essa questão quando ele me pediu em noivado. Foi um noivado curto, é verdade, pois tanto minha família quanto a dele cobravam o casamento e, de repente, lá estava eu de véu e grinalda na maior e mais antiga igreja da cidade sendo a noiva de um casamento luxuoso. Na recepção, acabei bebendo demais e praticamente desabei. Não que fosse essencial ter transado na noite do casamento, até porque tínhamos

sexo com frequência – morno, mas, enfim – na relação. André sempre compreensivo não se aborreceu com meu apagão, digamos. E lá viemos nós dois aqui para Cancun, cuja impressão inicial já descrevi. Sobre a primeira noite, achei que André estaria excitado, fosse por mim, pela situação ou pela viagem, ou tudo junto, e mesmo cansada caprichei no banho e em uma camisola sexy escolhida para a situação. Deitei-me ao seu lado na cama e me virei de costas. Ele acariciou meu cabelo e eu fingi dormir para ver a reação dele. Acordaria-me com dedos e mãos? Tiraria minha lingerie e camisola? Nada disso. Ele se virou de lado e dormiu. Passei um bom tempo aturdida e com vontade de chorar até que dormi, cansada também.

No dia seguinte André queria continuar dormindo e eu estava acelerada, querendo ver pessoas. Coloquei um biquíni e desci para a piscina. Muita gente, crianças chatas, turistas de todos os lugares, decidi me refugiar no balcão na parte do bar mais escondida, perto dos banheiros. Pedi uma marguerita e quando o rapaz me serviu com um sorriso diferente da simpatia usual até então, algo estranho estalou dentro de mim. Bebi rapidamente o drinque e pedi o segundo. Ele me serviu sorrindo novamente e decidi entrar naquela brincadeira, encarando-o e esboçando um meio sorriso. Pedi então a terceira marguerita, sabendo que seria a hora de me comunicar com ele. Que me serviu e perguntou: *Brasileña?* Respondi que sim e perguntei como ele sabia.

Ele disse seu nome, Juan, que era porto-riquenho e que tinha morado no Brasil, entre Rio de Janeiro e Salvador por três anos, de maneira que conhecia a língua e identificar, segundo ele, *mulheres brasileiras bonitas*. Depois do terceiro drinque percebi que minha cabeça começava a rodar e disse que teria de ir. Ele perguntou se mais tarde eu voltaria ao bar. Respondi que talvez. Subi ao quarto e André estava tomando banho. Almoçamos no restaurante do próprio hotel e saímos para um passeio pelas praias, todas paradisíacas e lindas. Sei que não vai me julgar, amiga, mas durante todo o tempo mais do que apreciar as belezas do local, lembrava-me do sorriso charmoso e canalha do Juan.

À noite, ambos muito cansados do passeio, aconteceu algo bem inusitado. André se mostrou bem apaixonado, chegou a fazer coisas que raramente fazia, como me abraçar por trás de maneira maliciosa. Previ então que a noite seria bem intensa. Mas... não tenho como negar que não parava de pensar no rapaz, o Juan. Isso poderia ser até um combustível para aquela noite com meu marido. Porém, magoada com a noite anterior, resolvi dar um castigo nele. Coloquei outra camisola sexy, nos deitamos e quando ele pôs a mão em minhas coxas aleguei uma enorme dor de cabeça. Compreensivo, como sempre foi, ele ensaiou um sorriso de decepção e dormimos, cada um para seu lado.

No dia seguinte, uma repetição do anterior. Acordei cedo (e bem, excitada, é preciso que se diga) e André

dormia pesadamente. Cumpri o mesmo ritual: coloquei um biquíni (ainda menor do que o do dia anterior), tomei o café da manhã e fui para o bar da piscina. Fui recebida de cara pelo sorriso de Juan. Buenos dias!, eu disse. Ele respondeu e perguntou se eu queria uma marguerita. Respondi que sim. Ele me serviu e bebi lentamente o drinque, até que os dois casais que estavam no bar saíram e ele como quem não quer nada se aproximou de mim. Conversamos algum tempo e descobri que ele era solteiro, tinha uma filha do primeiro casamento com uma cubana, que além do Brasil tinha morado em Havana, que conhecia Miami, que era formado em educação física, enfim, em quinze minutos eu me sentia como se estivesse diante de um amigo de longa data. Na verdade, por aquele amigo pela qual se tem uma atração física indisfarçável. Ao pagar o drinque e sair, perguntei o que havia de interessante ali perto do hotel para fazer à tarde. Ele falou de uma casa de tapas, bem rústica e folclórica. E perguntou se eu queria conhece-la. Respondi que sim e marcamos nos encontrar na rua em frente ao hotel às 17h30. Quando voltei para o quarto, André estava pálido e relatou que tinha passado mal. Por um lado fiquei preocupada com ele, mas, por outro pensei se aquela eventualidade poderia atrapalhar meu, digamos assim, passeio da tarde. Resolvi deixar tudo nas mãos do destino e propus uma refeição leve por perto (por alguma razão tola e moralista não queria que Juan e André se vissem). Foi o que fizemos. Voltamos para o

hotel antes das 17h e quando eu imaginava que teria de faltar ao encontro (ainda que não fosse a mulher mais dedicada do mundo, não o deixaria doente no quarto) André disse que se sentia bem melhor, que iria dormir e sugeriu que eu passeasse um pouco para espairecer. Então, o destino agiu e lá fui eu para o encontro.

Quando cheguei Juan já estava lá, parecia ainda mais bonito e sedutor que no bar do hotel. Levou-me para a casa de tapas e pediu um prato imenso para mim: lulas, camarão, empanados... como eu não havia almoçado estava realmente com fome. Bebemos cerveja e tequila. Conversamos bastante, a voz dele era melodiosa e a cada minuto parecia mais musical aos meus ouvidos, como se me hipnotizando. Era amigo do dono do bar e tinha ali um quarto onde descansava e podia dormir quando necessitava ficar no hotel até tarde da noite. Tudo que ele me falava me encantava, fosse verdade ou mentira, o que me importava? Depois de petiscos, bebidas, música, ele perguntou, com aquele sorriso diabólico, o que eu queria mais. Respondi, de pronto, que queria beijá-lo. Ele sorriu e perguntou se eu queria ir ao quarto. Sim, quero! Murmurei. Minutos depois eu estava lá, como em um filme, entrando furtivamente em um quarto pequeno e *caliente* com um homem praticamente desconhecido. Mal trancou a porta ele me enlaçou com firmeza e começou a me beijar. Deitou-me, tirou minha roupa com calculada rudeza e me beijou muito, e em *todos os lugares* do meu

corpo. Fiz o mesmo com ele, queria descobrir prazeres até então não experimentados. Depois ele me possuiu, com força e com experiência. Entreguei-me, amiga, muito e sem reservas. Gozei, gozei muito, e, por mais que pareça clichê ou história inventada, posso dizer que foram momentos mágicos, pelo menos para quem nunca os havia vivido, como eu.

Voltei para o hotel às 21h, com o corpo dolorido e satisfeito. E preocupada. Se André me visse perceberia no meu corpo as marcas do amor bem feito. Tensa e pensando que ele estaria bem irritado comigo, o descobri no notebook trabalhando e com os olhos vermelhos de gripe. Disse que estava feliz que eu me divertisse e que lamentava tantos problemas de saúde justo na lua de mel. Cheguei a me sentir mal por ter feito o que fiz com um marido tão calmo e compreensivo. Por outro lado, meu corpo latejava. Dormi pensando em Juan, Juan, nas mãos imensas dele em meus seios, no prazer dele explodindo em meu rosto. Desculpe que lhe choco, amiga, mas essa é ou foi a minha lua de mel. Estamos arrumando as malas para pegar o voo hoje à noite. André continua gripado. Sinto muito por ele, mas, não me sinto tão culpada. Só um pouco. Bem pouco.

*

É difícil descrever o carrossel de sensações e paradoxos destes dias, Paulo. Prometo não ser prolixo

e nem exageradamente científico neste relato. Sei o que você deve estar pensando: *André, André, nem na lua de mel você deixa de ser o cerebral metódico de sempre*. Eu tento, juro. Mas, quase nunca consigo. Mal chegamos aqui, nada me impressionou. Achei tudo kitsch e exagerado, como em um filme ruim de Almodóvar (sei que você vai me matar e dizer que ele não faz filmes ruins, mas... Na verdade só aceitei essa lua de mel em Cancun porque meus pais me ofereceram a viagem (meus tios haviam vindo para cá ano passado e meus pais cismaram que eu também deveria vir) e porque achei que Luciana iria gostar. Na verdade, ao chegarmos ela pareceu autenticamente impressionada com tudo, mas, em breve começou a mostrar aquelas expressões de tédio que eu tão bem conheço, sendo educada quanto a estar realmente gostando como para justificar os custos da viagem.

Lua de mel nestes tempos atuais é um anacronismo enfadonho. Não há mais casais virgens, o sexo não é mais o cerne da lua de mel, mas sim a viagem propriamente dita, sendo que todos os casais, incluindo eu e Luciana, também já fizeram viagens anteriormente. Portanto, luas de mel tornaram-se apenas um evento pós-cerimônia de casamento, boa parte das vezes para os casais (e suas famílias, principalmente) mostrarem para seus grupos sociais poder aquisitivo.

Na primeira noite eu estava com muita dor de cabeça. Pela viagem, pela tensão acumulada, pelos

meus temores que minha família cometesse algumas daquelas gafes elitistas contra Luciana. Enfim, só queria dormir e quando Luciana saiu do banheiro e deitou-se com aquele modelito de filme B dos anos 70 comprado em sex shop, pressenti que ela estava muito excitada e que iria querer muito, mais do que eu tinha condições de oferecer. Ela se virou de costas e eu comecei a acariciar os cabelos dela, já me preparando para o embate amoroso que teria de travar quando... ela adormeceu, certamente cansada da viagem. Agradei aos deuses a minha sorte e virei-me para dormir profundamente.

Acordei bem tarde, e ainda me sentia cansado. Luciana não estava, deveria ter ido tomar café e á piscina. Enquanto tomava um demorado banho ela chegou, parecia radiante e bem humorada. Decidimos almoçar no hotel mesmo e depois teríamos o passeio já previsto e marcado. Como eu previa, nada demais, as paisagens litorâneas belas de sempre... você sabe, meu amigo, que me apetece mais as ruas de Buenos Aires. Ou o frio de Viña del Mar. Mas, enfim, o importante era Luciana estar feliz, e pela expressão dela, enfim, estava se divertindo.

Chegou então a noite. Depois de todo aquele sol, das cervejas que bebemos e pela expressão diria *selvagem* de Luciana durante o passeio, deduzi que naquela noite ela não abdicaria de sexo. De maneira que me preparei para o evento, se posso assim dizer. Eu havia bebido umas cervejas a mais e uma tequila, não posso

negar que estava razoavelmente instigado, *de modo que a lua de mel será consumada nesta noite*, pensei, em tom até divertido (eu ia dizer ébrio). Aproximei-me dela, comecei a acaricia-la, esperando que se virasse ardentemente em minha direção, quando ela disse que estava com dor de cabeça. Depois de tantos passeios e alguma bebida era natural que ela estivesse. Estaria mentindo se dissesse que eu não a desejava naquele momento. Mas, também faltaria com a verdade se alegasse indignação ou contrariedade. Virei-me de lado e dormi, como sempre, profundamente, para mais uma noite sem sonhos.

Despertei com dores na barriga de maneira que passei muito tempo no banheiro. Ainda bem que evitei o constrangimento da presença de Luciana que certamente estava entre o café da manhã e a piscina. Por fim, após muito tempo e muitas dores, a situação se acalmou. Quando Luciana voltou, alegre e bronzeada, eu ainda me recuperava da constipação. Expliquei a ela a situação e que não conseguiria almoçar e ela mesma sugeriu comermos algo leve nas imediações do hotel. Foi o que fizemos.

Na volta, recebi então *aquela mensagem*. Atônito, sentei-me na beirada da cama, como se para não desabar no chão. Luciana me olhava como se avaliando o que eu sentia. Foi quando disse a ela que estava melhor e com sono e que adoraria que ela passeasse, conhecesse o local, afinal, já havíamos visto que tudo ali

era seguro e ela já estava confiante para andar só. Na verdade, *era eu quem queria ficar só*. Quando Luciana saiu, liguei para meu pai, que aos gritos comunicou que minha mãe estava aos prantos e que eles dois haviam visto todas aquelas fotos.

Depois de muitas palavras duras – de ambos os lados – tensão e choro (este, da minha parte) tomei um remédio forte e deitei para dormir. Queria desabar, não acordar nunca mais. E realmente quase não acordei. Um barulho na porta me despertou, pensei ser Luciana, mas era a camareira que batera por engano. Tentei me recompor, mas caí em compulsivo choro. Tomei um longo banho pensando em toda a minha vida, e entrei no notebook para conversar com meus pais novamente, com você, para avaliar o que havia destruído e o que poderia ser feito dos cacós.

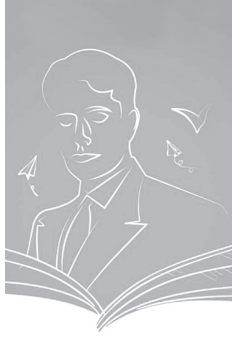
Luciana chegou da rua quase às dez. Parecia feliz e cansada. Temi que ela quisesse fazer amor, parecia excitada, mas ela não tocou no assunto, tomou um banho e se preparou para dormir. Ainda bem.

Sei, Paulo, que você me falou mil vezes para eu não deixar *aquelas fotos* de nós dois no meu notebook de casa ou que colocasse uma senha, mas, jamais imaginaria que meu pai fosse entrar nele para pegar um contrato, da mesma forma que nunca imaginei que as pastas estivessem tão fáceis de serem localizadas. Talvez tenha sido tudo mentira e eles desconfiassem de tudo e invadiram meus arquivos apenas para ter certeza.

O fato é que agora a família já sabe. Estou arrumando as malas para voltar para casa. Luciana está estranha comigo, com ar disperso, não sei se está aborrecida com algo ou desconfiada. Não sei de mais nada.

Sei que ainda te amo, Paulo. Será impossível nos vermos agora lá em casa ou em qualquer lugar público (maldita cidade onde todos se conhecem e tudo se sabe) assim como, por ora, será impossível uma separação de Luciana. Até porque ela não merece isso. Não sei de mais nada nem como será.

Repito: Tudo o que sei é que te amo. Quem sabe ainda viajaremos juntos para Buenos Aires novamente. *De lua de mel, talvez.* Quem sabe.



Concepção
editoração de livros, revistas...
© 55 9 8441 5775

Composto em Candara, corpo 12,
e impresso na Gráfica Pallotti, Santa Maria, RS.